REVISTA
DA SEMANA
N. 12 24-3-56 Cr$ 7,00 em todo o Brasil

O XIQUEXIQUE DO PARLAMENTO

RÚSSIA SOVIÉTICA
INFERNO OU PARAÍSO?

JOSÉ SIQUEIRA, compositor e regente, é o autor de **«MÚSICA PARA A JUVENTUDE»**, obra destinada à mocidade que êle ama e à qual tão bons serviços prestou, criando, quando presidente da Orquestra Sinfônica Brasileira, os CONCERTOS DOMINICAIS PARA A JUVENTUDE. Dispondo de segura experiência didática, com livros publicados (**«Regras de Harmonia»**, **«Canto Dado em XIV Lições»**, **«Curso de Instrumentação»**, **«Modulação Passageira»**, **«Sistema Trimodal Brasileiro»**). Siqueira traça, neste livro, um programa de ensino, palpitante, do qual se beneficiarão quantos tiverem a oportunidade de o ler. **«MÚSICA PARA A JUVENTUDE»** está dividido em quatro partes referentes às séries ginasiais: **Teoria Musical, Canto Orfeônico, Música e Músicos Brasileiros, Contraponto, Harmonia, Grandes Épocas da História da Música, Escolas Musicais, Folclore Brasileiro, Prosódia Musical, Formas Musicais, Instrumentação, Orquestração e Banda de Música.** Ilustrado com fotografias e exemplos musicais, é um trabalho definitivo na forma e no conteúdo que vem preencher uma lacuna no ensino.

★

Preço dos 4 volumes pelo reembôlso postal:
Cr$ 250,00

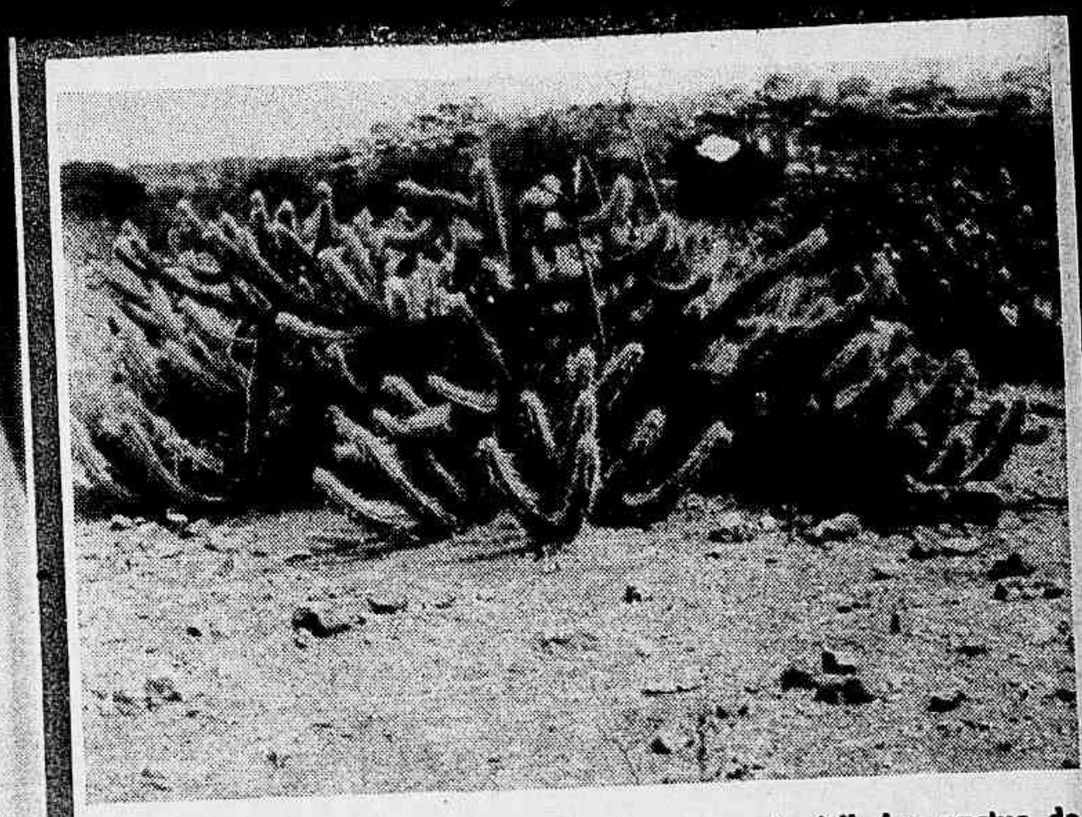
Pedidos a Rosa Paula Machado

Avenida Nilo Peçanha nº 12, salas 1207 e 1209, 12º andar — Telefone: 52-4856 — RIO DE JANEIRO

AGRIPINO:
O XIQUEXIQUE DO PARLAMENTO

Política e Hereditariedade — Recordações de um Mundo que Passou — Lembranças do Voto a Descoberto — Na Província e no Ambiente Nacional

Texto de LUÍS MORENO



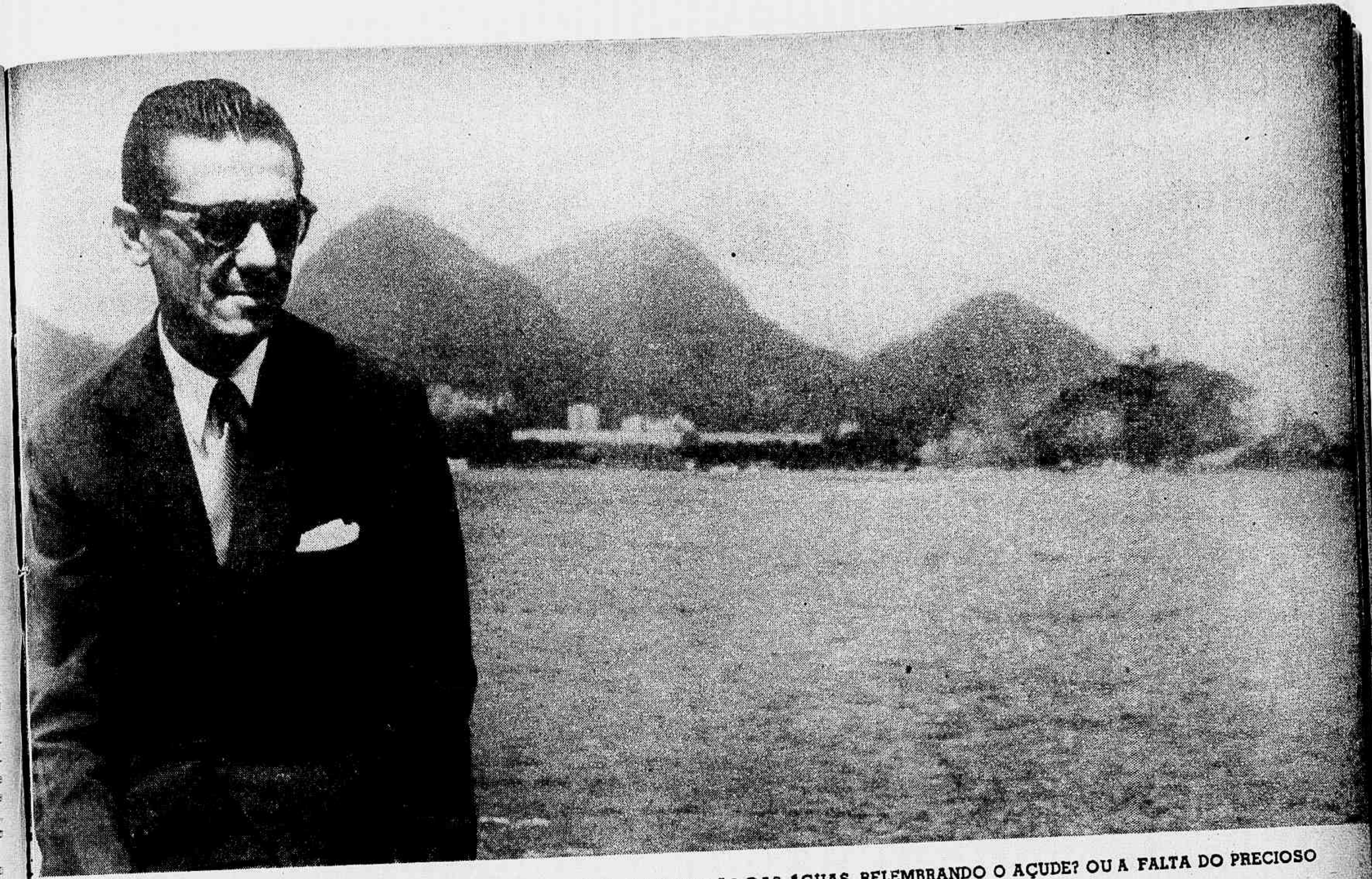
O XIQUEXIQUE é o mais espinhento e o mais útil dos cactus do Nordeste. Queimados os espinhos, é alimento para os bichos. Convenientemente tratado, o seu miolo salvou da fome muito sertanejo nas sêcas e muito soldado desgarrado na Guerra de Canudos.

PERFIL DE UM LÍDER

[illegible]

[illegible]

[illegible]



SENTADO NA AMURADA DA URCA, AGRIPINO CONTEMPLA A MANSIDÃO DAS ÁGUAS. RELEMBRANDO O AÇUDE? OU A FALTA DO PRECIOSO LÍQUIDO NA TORNEIRA DA CASA?

partidária deixava de atuar como agente de discórdia».

«Quando Antero Navarro foi nomeado interventor do Estado, já se começava a pensar em administrar a coisa pública, e não mais em fazer politicalha. Homens de visão e tirocínio — e não políticos, apenas — vieram depois. Até um «guri» de 26 anos, deu lições de administrações em meu Estado e foi, incontestiàvelmente, um dos melhores governantes que a Paraíba já teve. O voto secreto, em 34, levou Argemiro Figueiredo ao Executivo e em 37 escolhido para dirigir o Estado, enquanto não chegava Rui Carneiro (40) que me obrigou ao ostracismo».

A CONSTITUINTE

Agripino acende um cigarro. Descem as escadas às carreiras em direção à porta da rua, Gervásio e Antônio Fábio, de 10 e 11 anos respectivamente. O parlamentar paraíbano acompanha-os com os olhos:

— Ainda há mais dois... mas não vou completar a dúzia... apressa-se em adiantar:

— «Fervia de novo o sangue nas veias, quando em 45 o país voltou à normalidade constitucional. Na oposição, forçosamente, iria me encontrar a legalidade.

Desmandos administrativos e moralidade pública foram os argumentos que fizeram de João Agripino o segundo deputado mais votado ... (13.000 votos) de tôda a Paraíba, na legenda da U.D.N. para a Constituinte de 46.

Atuando de modo intenso nos municípios de Souza, Pombal, Conceição do Catolé e Brejo do Cruz, mereceu Agripino a reeleição em 50 ... (15.000 votos) e em 54, com quase 18.000.

Na Assembléia Constituinte a sua atuação principal desenvolveu-se mais no sentido de restringir a intervenção federal nos Estados, e nesse capítulo de nossa Carta Magna notável foi a sua contribuição.

Todavia, o episódio mais importante de tôda a atuação política de João Agripino Filho ainda está para ser contado. Modestamente, evita fazer referência direta à sua participação nos acontecimentos políticos de 11 e 21 de novembro.

Depois daquela histórica reunião na residência de Afonso Arinos, tôda a bancada dirigiu-se ao Palácio Tiradentes, para a sessão extraordinária convocada.

João Agripino Filho foi o primeiro orador inscrito para falar naquele dia. Em meio ao mais pavoroso dos tumultos, tiveram eco imediato os seus veementes protestos contra a presença de tropas nas proximidades da Câmara. E provocaram, inclusive, a histórica definição do «vecalho Flores», que abandonava o partido de Agripino naquele dia: — «Meu **ex**-amigo e **ex**-correligionário...»

A coação ostensiva cessou, e os debates prosseguiram inflamados.

Reconstituindo os passos de Agripino na madrugada do dia 11 de novembro, apenas alguns detalhes é possível anotar:

— Minha primeira providência foi... calçar as chinelas para atender ao telefone. Era Milton Campos que me comunicava, atônito, que um «movimento armado acabara de irromper». Imediatamente comuniquei-me com o líder Afonso Arinos, indo acordá-lo mais surprêso ainda:

— «Como? E que diz o Milton?»

Milton, também, não sabia grande coisa, por isso, desliguei e tentei o Catete.

Falei com Monteiro de Castro (chefe da Casa Civil do govêrno Café Filho). A notícia confirmava-se oficialmente. Ofereci meus préstimos para ir ao Catete.

— Não é necessário — respondeu Monteiro de Castro — **êles já controlam tudo.**

— Várias outras telefonemas foram então tentadas por mim, visando coordenar as informações recebidas. Tudo em vão. Ninguém sabia nada. Ninguém informava nada.

Agripino chupa o cigarro. Comprime os lábios:

— A decisão de lutar até o fim, nasceu em mim na madrugada daquele dia, depois do primeiro telefonema ameaçador que recebi. Pouco depois vesti-me e me dirigi à residência do deputado Arinos.

O DISCURSO DE LUZ

A conversa generaliza-se:

— Porque preferiu a Urca para morar?

— Não sei, também. Talvez o sossêgo, a tranqüilidade...

— Lembra um pouco o sertão?

— Às vêzes...

A espôsa, d. Maria de Lourdes Bonavides Maia e o primogênito, que tem o nome do pai, aparecem na sala para ouvir a prece da «Ave Maria». Os primeiros acordes e a voz do locutor anunciam o término de mais um dia de labor.

Agripino hoje não compareceu à Câmara. A sessão do dia anterior terminara alta madrugada, com a votação do aumento do funcionalismo, e êle aproveitou a tarde para se refazer.

Insistimos, antes de nos despedir, em mais algumas revelações.

— Efetivamente, compareci ao desembarque do Presidente Carlos Luz, quando aportou ao Rio o «Tamandaré». O Luz e eu fomos bons companheiros na Comissão de Finanças.

— Por solicitação de pessoa da família (espôsa do sr. Carlos Luz) compareci à sua residência no dia imediato, muito cedo, quando êle ainda repousava. Li e reli o seu histórico discurso. Mais tarde, trouxe o ex-Presidente à Câmara em meu automóvel, levando-o de volta, juntamente com sua espôsa e uma filha. A isso, resumiu-se a minha participação nos episórios que tanta repercussão alcançaram no país».

«PRESENTE DO CÉU...»

Junto ao portão, ainda algumas revelações:

— Uma das melhores «barganhas» que fiz em tôda minha vida política foi a retirada de minha candidatura ao Govêrno do Estado, em favor do presidente do meu partido. Uma eleição ganha sem luta; pacificação total. Um presente do céu...

CONTRASTE

João Agripino esboça um ligeiro sorriso de satisfação e volta a ficar sério, relembrando o contraste:

— Já o mesmo não aconteceu em 1945... Naquela época a coisa foi muito pior. Os meus comícios pelo sertão eram realizados, como vocês dizem por aqui: «no peito»... Pelo refrão usado pelos meus adversários, pode-se fazer uma idéia; em todos os comícios, o «slogan» era sempre o mesmo: **«Hoje, o sangue vai dar na canela...»**

«Mas, não acontecia nada... Razão de sobra tinha minha mãe, quando tranqüilizava minha espôsa, ao ouvir as ameaças:

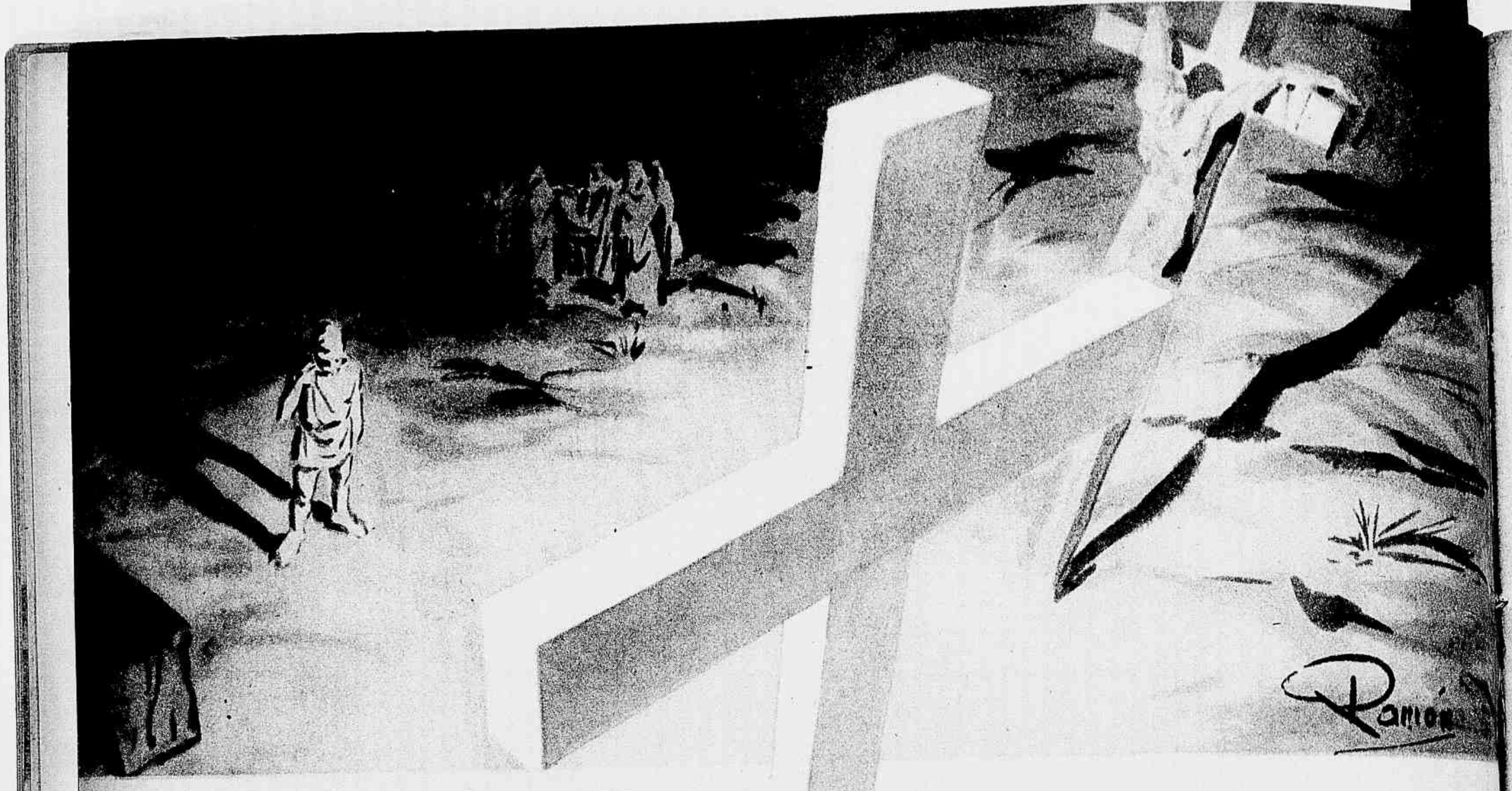
— «Qual, Lourdes, não acredito nessa gente... Eu os conheço não é de hoje...»

«Foram momentos dramáticos» — acrescenta o deputado.

«E A PACIFICAÇÃO NACIONAL?»

Despedindo-se, João Agripino faz eco à nossa última pergunta:

— Sim. — interroga-nos. — E a pacificação nacional?



O CARPINTEIRO DA CRUZ

Conto de WALDIR RIBEIRO DO VAL

Desenho de RAMÓN

DESCANSOU a enxó. Apoiada na banca de trabalho, quase pronta, estava a grande cruz. Escolhera a melhor madeira, há dois dias vinha lavrando as traves pesadas, acertando-as, aplainando-lhes as arestas, num trabalho que o enchia de orgulho.

Limpou o rosto num pedaço de pano. Tomou de novo a enxó firmemente na mão direita.

Trabalhou sem parar, durante tôda a tarde. Mas quando precisou de acender a candeia de azeite, tinha terminado o trabalho.

Pôde, enfim, respirar profundamente. Ergueu os braços, num espreguiçamento, olhou as primeiras estrêlas. Sentia a alegria penetrar-lhe o corpo, espalhar-se-lhe pela alma. Cantarolava de manso, enquanto um brilho lhe aquecia o olhar.

Ali estava a sua cruz, a sua primeira grande cruz! Quanto tempo levara a ser um carpinteiro de verdade!

Caprichara bastante nessa obra de estréia, nela pusera tôda a arte que aprendera nos vários anos, de manejo com as ferramentas do ofício.

Agora estava certo de que vencera. Tinha certeza de que iria fazer muitas cruzes ainda. E isso o alegrava.

*

Chegara o dia das crucificações. Êle ia, enfim, ver sua obra erguer-se diante do povo.

Tinha visto muitas cruzes, quase tôdas tôscas, feitas sem nenhum cuidado. A sua era a melhor de tôdas elas, bela como uma escultura. Orgulhava-se de seu trabalho.

Viu, de longe, a cruz no alto do monte, ladeada por duas outras. Sòmente a sua estava rodeada de gente.

Foi-se chegando, colocou-se a pequena distância. Sim, era aquela a sua cruz. Bela como nenhuma outra. Vista assim contra o céu, parecia envolvê-la um halo luminoso. Decerto era o polimento que lhe dera...

Tinha vontade de gritar para todos que fôra êle quem a fizera, que aquela era a sua cruz!

Foi quando viu os olhos do crucificado olhando-o firmemente.

Sentiu um estremecimento, as pernas bambas, a bôca sêca, os olhos como que paralisados. Não tinha coragem para desviar o olhar. Começou a tremer.

Não entendia. Vira muitas crucificações, divertira-se mesmo algumas vêzes com o espetáculo.

Desta vez alguma coisa acontecera. Sentia o pêso da Cruz macerando-lhe as costas, queria sair dali, correr para casa, a Cruz pesava-lhe demais, estavam crucificando-o também.

O esfôrço era muito grande, sentia um frio percorrer-lhe o corpo, uma névoa a embaraçar-lhe os olhos.

A escuridão o envolveu, sentiu as pernas bambas, o desfalecimento.

Quando voltou a si, já o Crucificado pendera a cabeça sôbre o ombro, as mulheres redobravam o chôro, os centuriões se iam dispersando.

Os homens do povo também se tinham ido, só os parentes e os amigos do morto ficavam ainda, para o descerem.

Não queria que o vissem ali, podiam descobrir nêle o carpinteiro da Cruz. Alguém havia de fazê-la, mas êle agora se arrependia de a ter construído.

Desde o momento em que cruzara o olhar com o do Crucificado, sentia na bôca o gôsto do remorso. A cabeça continuava a pesar, os braços tão acostumados ao trabalho não paravam de doer.

Desceram o Crucificado. Algum tempo depois dispersaram-se todos. Só êle não podia arredar-se dali.

A Cruz, firmemente plantada, pareceu-lhe um marco luminoso na noite que descia.

O carpinteiro olhou-a longamente. Era a sua primeira cruz, era a mais bela de tôdas as cruzes!

E, sem saber porque, começou a chorar.

REVISTA DA SEMANA

Ano 56 — Nº 12 — Rio de Janeiro — 24-3-56

REDATOR-CHEFE.....Celestino Silveira
ASSISTENTE....José Roberto Teixeira Leite
PAGINAÇÃO.....Victor Tapajós

COLABORADORES — Adalgisa Nery, Bolivar Costa, Demóstenes Varela, Eduardo Tourinho, Fernando Lôbo, Hynenny Gomes Ferreira, José Maria Rodrigues, Pedro Müller, Sérgio Andrade, Sérgio Silveira, W. Guarnieri.

ILUSTRADORES — Alberto Lima, Ramón, Fortuna, Jeronymo Ribeiro e Maria Tereza.

FOTÓGRAFOS — Alberto Ferreira Lima, Arnaldo Vieira, N. Viana e Vito Vasconcelos.

SUMÁRIO

◆ REPORTAGENS

Agripino, o Xiquexique do Parlamento 3/5
Nos templos, nas ruas e nos bastidores 8/10
Lígia Fagundes Telles (ping-pong).. 16/17
No Dia da Decisão do Supremo.... 20/22
Os 75 Anos de Picasso 30/33
Escolinha de Arte de Augusto Rodrigues 40/43
Ferragamo, o Stradivarius dos Calçados 50/51
Árabes Versus Judeus 56/57

◆ SEÇÕES

Champanhota 11
Semana em Revista 12/13
Puxe pelo Cérebro 14
Literatura 18
Flash do Brasil 23
TV na Revista 26
Por Êsse Mundo de Deus 28/29
Femininas 34/35
Astrológica 36
Pelas Esquinas da Noite 37
Palavras Cruzadas 44
Flash Paulista 45
Artes 52
Revista há 50 Anos 53
Último Flash 58
Figura em Foco 59

◆ HUMORISMO

Fortuna 62/63

◆ LITERATURA

O Carpinteiro da Cruz (W.R. do Val) 6
Castelo de Cartas (D. Varela) 7
Uma Intervenção (M. Serao) 60/61

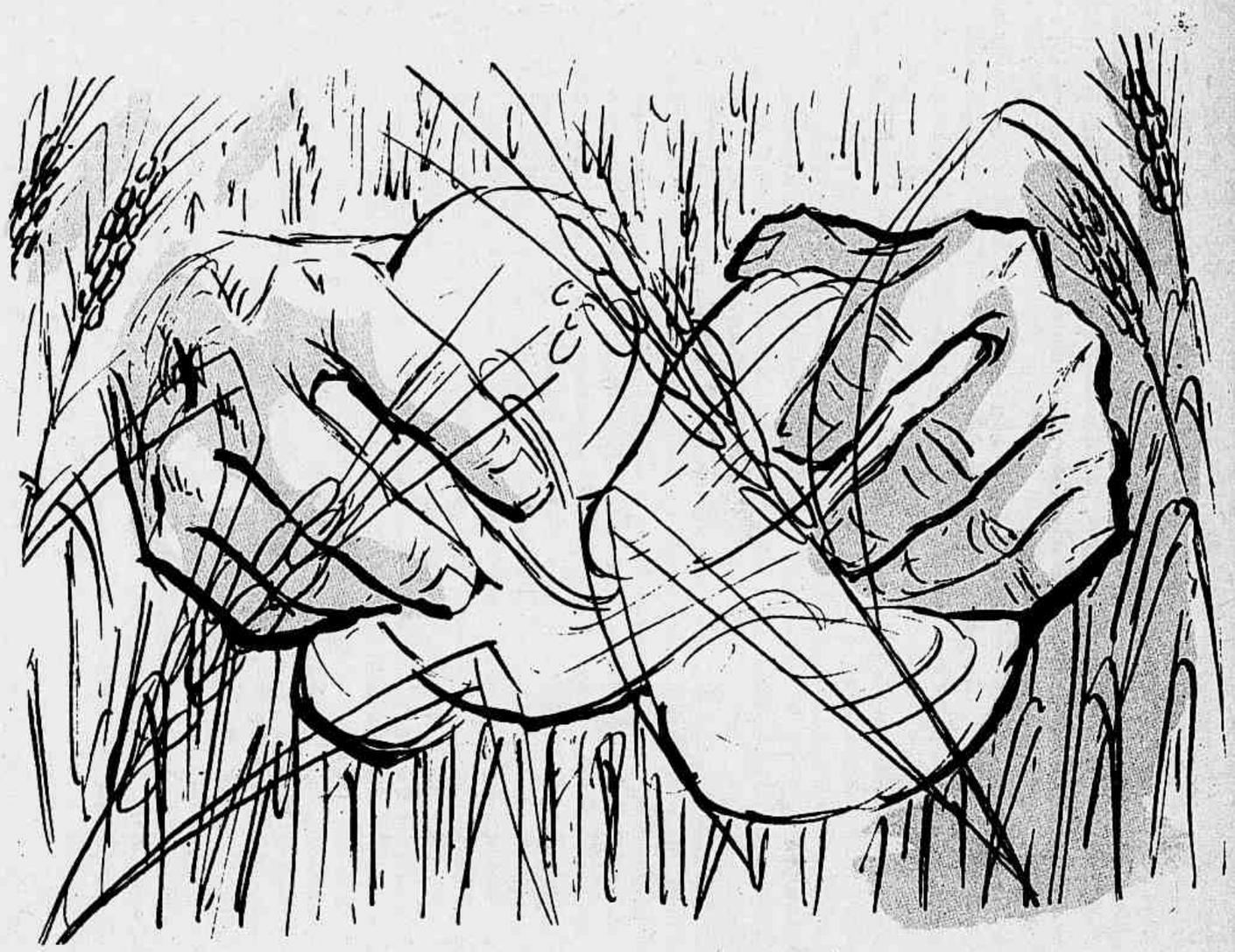
◆ VARIEDADES

Rússia Soviética: Inferno ou Paraíso? 24/25
A Fúria dos Justos 38/39
Elizabeth de Áustria, a Imperatriz Revoltada 46/47

◆ CAPA

JEAN SIMMONS (Kodachrome Fox)

Êste número consta de 64 páginas.



Desenho de Gomez

CASTELO DE CARTAS

◆ NOTÍCIAS de Lagoa Vermelha, no Rio Grande do Sul, e de Santa Catarina, dão conta de que montanhas de trigo estão na eminência da destruição por falta de transporte e armazenamento. E' na verdade a mais alarmante de tôdas as notícias desta semana. Depois de tanto debate, de dúvidas e incertezas a respeito das condições ecológicas do Brasil para a produção do cereal precioso, veio, afinal, a prova nos têrmos do mais velho lugar-comum: plantando, dá... E deu. Na mancha vulcânica da região de Patos, em Minas, em certos pontos do Rio Grande do Sul e em grande parte de Santa Catarina, mesmo em São Paulo, o cereal bíblico cresceu como um vitorioso. E lá em Bagé um técnico abnegado que tem vivido a vida inteira em busca de variedades próprias ao solo pátrio há de ter sorrido com a felicidade dos pioneiros que vencem. Boa e espontânea propaganda trombeteou uma vitória, como se clarins marciais anunciassem a derrota do inimigo em guerra externa. E lindas festas se fizeram, em que não faltaram os desfiles típicos e as louras meninas sobraçando punhados de espigas louras e vivas como elas

◆ Restava agora a realidade: o pão. Era mister vê-lo saindo quente, gostoso e barato das padarias, para alimentar ricos e pobres, crianças e velhos. E com êle se fazenoo caprichosos e variados biscoitos, consôlo dos enfermos e aspiração dos garotos.

Era afinal o pão do corpo, originário de nossa terra, brasileiro de dez anos, porém o pão nosso na verdade em todos os sentidos e para cada dia.

Mas a falta de trigo ia permanecendo sempre: da miséria de dólares ainda saindo a quota obrigatória para que não nos faltasse a farinha de ouro.

◆ Veio enfim a realidade, porém outra, simples, dura e pura: velhos enfermos, vocês não terão biscoitos baratos; garotos ansiosos, vocês não receberão com prodigalidade bolachinhas gostosas para o lanche nas escolas; homens e mulheres que trabalham, vocês não quebrarão o jejum da manhã saboreando o pão crioulo e accessível; lavradores que acreditaram na terra regada pelo suor de suas testas queimadas, vocês não vestirão o corpo com o dinheiro dêsse trigo; gente do govêrno que quebra a cabeça para obter divisas na nossa míngua de dólares, você não vai descansar, não...

Porque o trigo não existe. Sim, não existe, porque não vale... Não há transporte. Tudo aquilo foi um castelo de cartas.

DEMÓSTENES VARELA

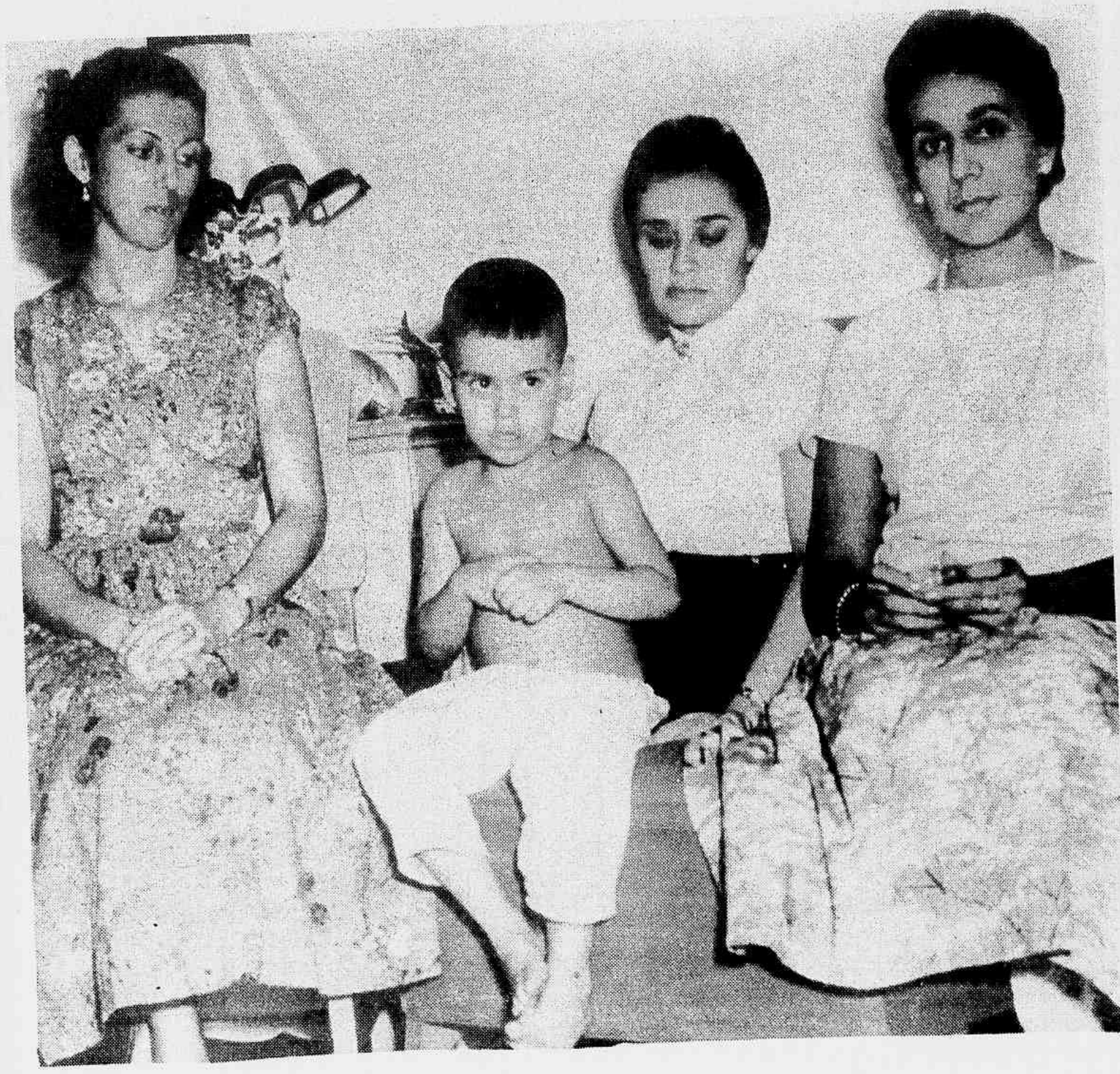
FLAGRANTES DO MOMENTO

NOS TEMPLOS, NAS RUAS E NOS BASTIDORES

◆ **CAZUZA REPERCUTIU** no Sul. Não é uma pessoa: é um motivo ou, então, um símbolo. Enquanto sôbre a sua cova rasa, assistido apenas por uma cruz de pau, já devem estar nascendo as primeiras plantinhas, «corbeilles» que a natureza oferece aos túmulos nas selvas; enquanto que, sôbre o silêncio de sua sepultura, decerto passaram e ainda haverão de deslizar

◆ **OS REMANESCENTES** do Partido Comunista, aglutinados à margem de sua última linha política (reconheçamos que inteligentemente estudada), continuam morrendo de amôres pelos senhores Juscelino Kubitschek e João Goulart. Então com relação ao General Lott, é um Deus nos acuda. E com a deixa da anistia destinada a absolver mais do que «in limine» todos os implicados em tudo quanto foi ação, manobra, movimento de oficiais e tropas, isolados ou não, contrários à Constituição, às leis e regulamentos (inclusive da Ética) a partir de 11 de novembro de 1955, lançaram êles o «slogan» da anistia ampla. Pudera! Não se seria de esperar outra coisa, pois os comandados de Prestes não dormem. O diabo é que, enquanto os parlamentares se empenham nesse debate tremendo, em conferências seguidas, telefonemas de madrugada por causa de lugares na Mesa da Câmara (automóveis, etc), um pouco de gêlo foi lançado no projeto de anistia. O último comício, na Esplanada do Castelo, ao qual deveriam comparecer os senhores Oswaldo Aranha, Lutero Vargas e outros elementos de evidência, contou apenas com a presença do sr. Mozart Lago, discreto, e de Bruzzi de Mendonça, que sustentou o fogo. Anistia ampla e o General Lott eram os temas preferidos nos cartazes. O comício não contou com a presença dos pessedistas e petebistas mais evidentes. Por enquanto, o sr. João Goulart não quer saber de comícios. Quer é posições. Silencioso, vai abiscoitando esquinas e mirantes os mais úteis possíveis. É a ocupação para o futuro. Encaixado entre o PSD e o PTB, estão os comunistas. Até quando?

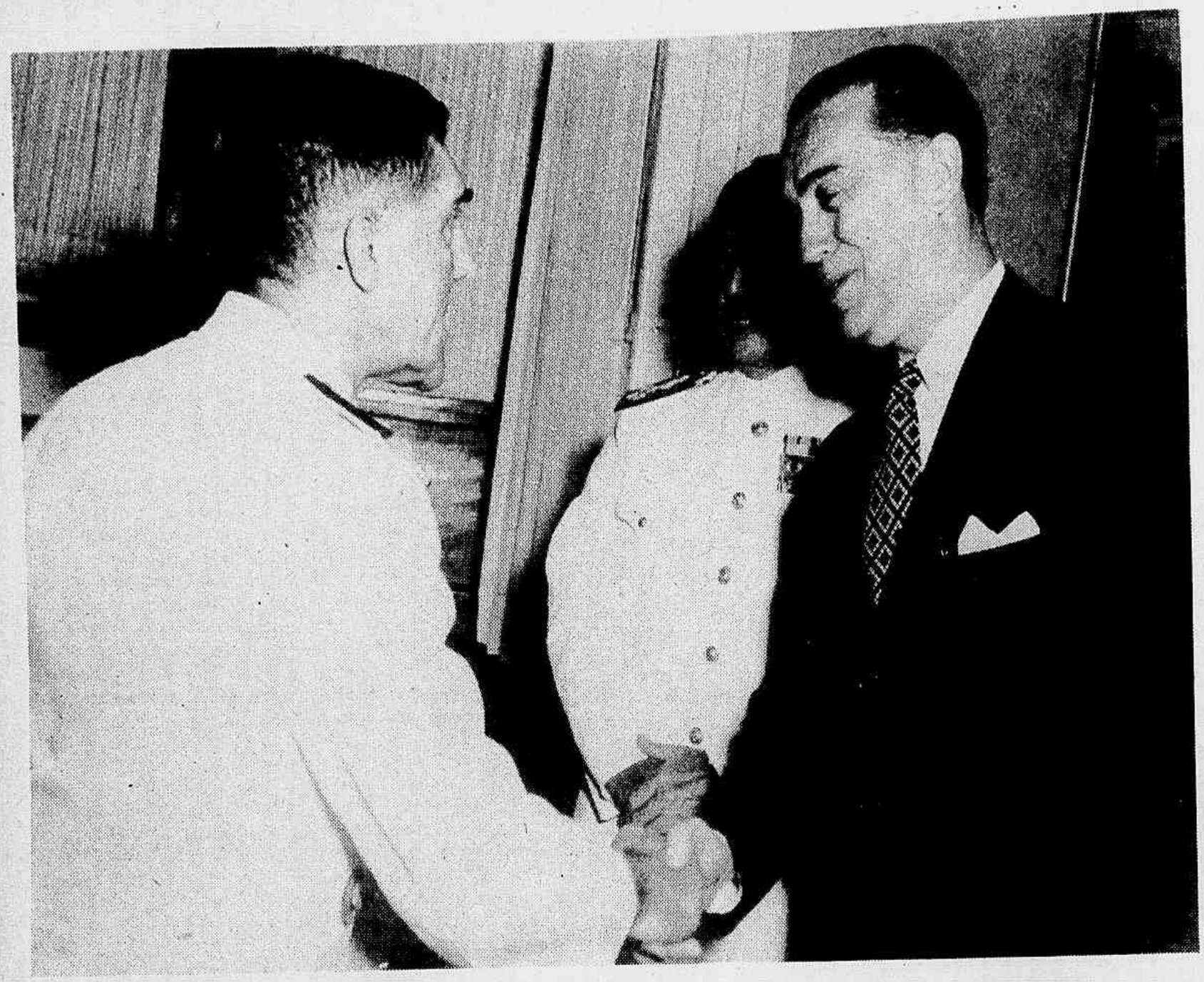
cobras e lagartos; trouxeram a sua alma para a Capital Federal. Sim, Cazuza devia ter uma alma, mesmo que não tivesse um espírito. Abriram-se templos: missas foram rezadas e outras se anunciaram. Algumas, missas de «maquis», no anonimato dos convites sem dono. Muita gente as assistiu também em espírito. Muitas, porém, compareceram na franqueza das atitudes abertas. O Brigadeiro Eduardo Gomes, que, em tudo isso, manteve o seu velho sistema de não falar, abriu-se na mais franca e irrestrita declaração: foi à missa de Cazuza, a quem, decerto, não conhecia. Ali estavam a viúva do Major Vaz, a Senhora Carlos Luz, o Brigadeiro Perdigão, o General Euclides de Figueiredo e tantos outros, além de senhoras. Sim, de preferência as mulheres. Sente-se, nestas celebrações, mais do que o clássico gesto de piedade cristã, uma atitude, uma ação moderada, como é de uso nestes tempos de guerra fria. Luz realmente de lanterna que não se inflama nem se apaga. E, seis homens trazem, a pé, do Paraná uma imagem de sua padroeira, para o Presidente da República.



◆ BRIGAM OS homens. Desentendem-se. Entendem-se. São condenados. Depois anistiados. Mas as mulheres são as que sofrem mais. Felizes até certo ponto, quando o sangue não corre muito, ainda são as crianças. Porque — situação invejável! — não entendem nada. Papai não veio? Por que? — Foi viajar... Uma voltinha a Jacaré-Acanga, um passeio a Santos, dez dias de repouso no quartel...

As mães (vovós) duplicam as visitas a Santo Antônio. E as espôsas, embora solidárias com os maridos, (algumas ardorosamente) no íntimo sentem pelo menos saudade.

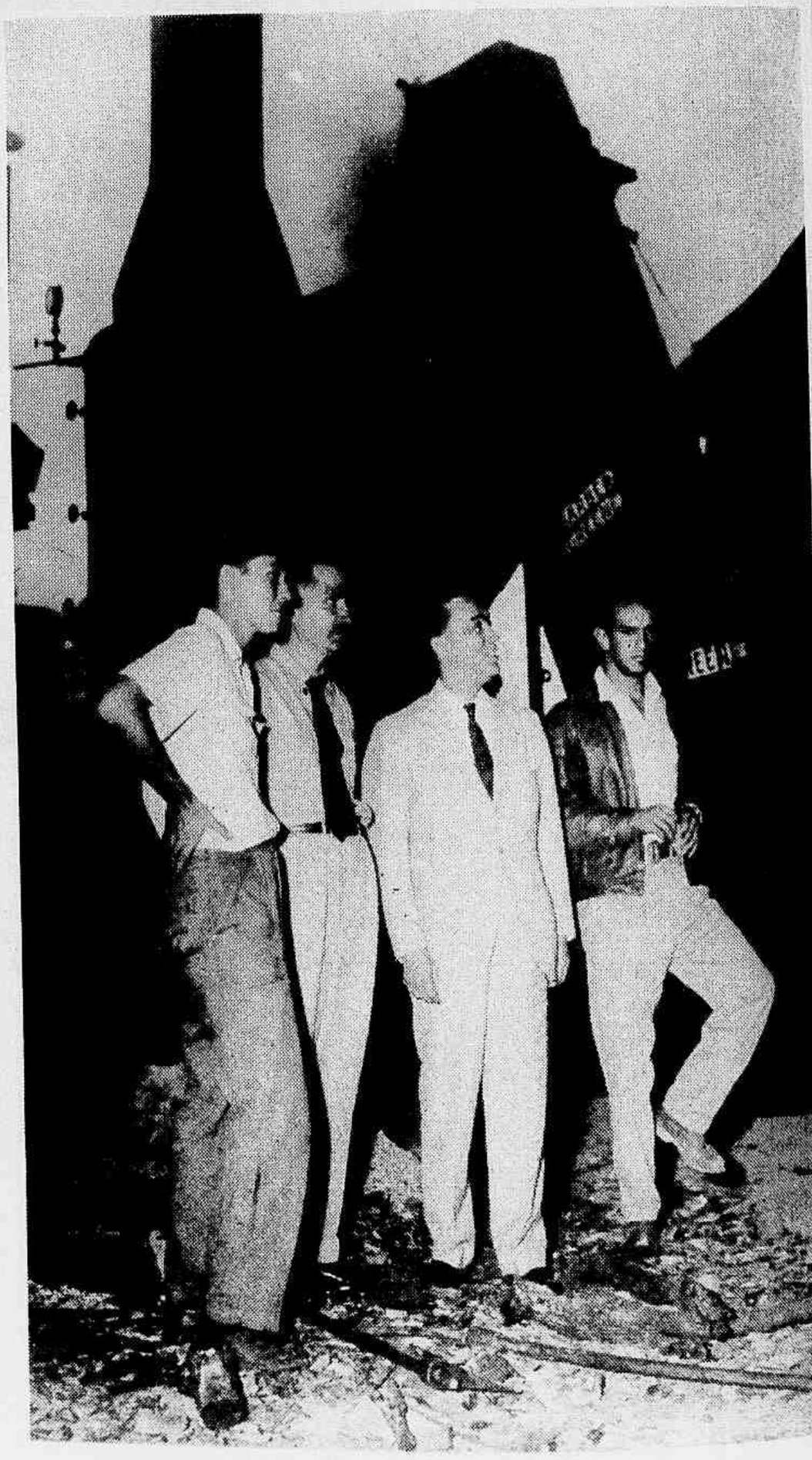
A senhora Major Veloso, assim que pôde voou para a Amazônia, no anseio de verificar se o seu querido estava mesmo são e salvo. Há de ter dito: «Veloso, meu amor, tu devias pelo menos ter me avisado. Tu és um grande homem, todo o Brasil, e até lá fora, falam de ti. Mas... meu querido, foi melhor assim». E veio a primeira, real e profunda anistia. As senhoras Sargento Gunther, Capitão Paulo Victor e Capitão Lameirão, que aparecem na fotografia (da esquerda para a direita) não farão por menos. A estas horas deverão estar na Bolívia, ao lado dos maridos endiabrados. Mas não haverá nada. Porque o chamêgo dêles, por enquanto, é com uma amante terrível quando amada, e que se chama — Pátria. Há o problema das crianças. Deixá-las com quem? Mas há jeito para tudo. Só não há para a morte. E êles não morreram. Todavia, ainda estão em perigo. Um perigo diferente: alguma «muchacha» poderá se enfeitiçar pelos heróis «brasileños»... Não é o caso de Veloso. Êste sim. Está realmente são e salvo.



FLAGRANTES

◆ PENA BOTO estava quieto. Sem função, dedicava-se mais à família, fazia suas leituras, ouvia os boatos e assistia, como qualquer pecador, à Santa Missa dominical, na Igreja de N.S. da Paz, em Ipanema, onde mora. Foi promovido. Mas a promoção, ela própria, já foi meio atribulada. Saiu. E o almirante estêve com outros no Catete para a protocolar visita de apresentação ao Presidente que, por sinal, o acolheu mui cordialmente. Acontece porém que, por muitos anos seguidos, essa visita de oficiais generais promovidos, ao Chefe da Nação, tinha o nome de agradecimento. E lá saiu a notícia imprudente: Boto tinha ido «agradecer» ao Presidente. Quando o copo está no limite qualquer gota «enche». E o almirante estrilou forte. O resto é sabido. Um caso. O remédio é, de agora por diante, suprimir o agradecimento: o oficial superior, promovido, é apresentado ao Presidente da República, ou melhor, ao Chefe Supremo das Fôrças Armadas. Resolvido.

◆ A SRA. Sarah Kubitschek, com a sua conduta discreta, tem indiretamente procurado jogar água na fervura. Não tem aparecido. Na verdade, sob certo aspecto o seu drama não é muito diferente daquele que aflige a senhora do major Veloso ou a do sargento Gunther. Veio a público apenas para dar início a uma obra de assistência numa festa de lançamento de uma peça de teatro à qual deu seu patrocínio. Deixou-se fotografar ao lado de Bernardete, solidária com a dor de sua patrícia, mocinha heróica que enfrenta terrível mal. Como as outras há de querer que lhe deixem o espôso em paz, na calma do lar.



◆ NO MEIO de tudo isto, sente-se que o Presidente Juscelino Kubitschek deseja trabalhar, quer realizar algo que o historiador possa encontrar para justificar o esfôrço de tão árdua campanha eleitoral pelo pôsto obstinadamente sonhado. Prometera realizar em 5 anos um trabalho equivalente a 50. E Sua Excelência sente que, nessa proporção, já perdeu vinte meses, sem ao menos organizar o seu govêrno. Adotando vida simples, aparecendo em público sem aparatos, esquecendo revoltas e agravos, procura arrumar as coisas. Mas as circunstâncias são mais fortes do que a sua vontade: forçam-no a ser contraditório. Tem atitudes de um governante moderno, tipo 1956, quando avisa aos governadores que a visita do Presidente da República a um Estado pode ser um ato de rotina: nada de festas, tropa formada, escolares em fila plantados nas ruas. E os discursos! Mas, por outro lado, é um governante de 1925, nomeando e desnomeando gente ao sabor dos políticos que lhe cobram o apoio com a mais deslavada sencerimônia. Não tendo podido organizar o Ministério em têrmos até da Constituição (isto é, com elementos de sua livre escolha e confiança pessoal), fica, agora, aflito e assoberbado durante 16 das 24 horas de cada dia. E vai, pràticamente só, atacar o serviço de uma rodovia, ou apurar uma denúncia no SAM. Será isso uma maneira de fugir um pouco das amolações tremendas dos amigos do Catete? Bem que S. Exa. cada dia fala com mais entusiasmo a respeito da mudança da Capital Federal para Goiás. Mas, Excelência, se é por isso, não se mude, não. Porque, para «puxar» um Presidente, êles vão além, muito além de Irajá... O remédio é — não diremos varrer, que a palavra foi patenteada pelo Jânio — porém tanger essa gente do Catete. Dê suas ordens ao General Nelson de Mello que êle as cumpre direitinho. E com tôda a calma, à paisana. Ponha sôbre a mesa um exemplar do programa do PSD e outro do PTB. E diga: Vou cumprir as minhas promessas aos partidos e ao povo. «Up to date»: 1956.

CHAMPANHOTA CHAMPANHOTA CHAMPANHOTA CHAMPANHOTA CHAMPANHOTA CHAMPANHOTA

PETER

A MAIS ELEGANTE PROMOVE UM ANIVERSÁRIO TAMBÉM — OS EMBAIXADORES DA ÍNDIA RECEBERAM COM PERFEIÇÃO.

Carros muito bonitos estacavam e dêles saltavam elegantes em traje a rigor. Dezenas de pessoas tomaram o elevador que as levou ao apartamento do Senador e Senhora Alencastro Guimarães. À porta, os casais João Vitor de Alencastro Guimarães, Pepe Caraballo e Aloysio Muniz Freire recebiam os convidados à festa que comemorava o aniversário da Sra. Tereza Muniz Freire. Foi um acontecimento elegante e, como reunião, a mais importante da semana. Notamos grande número de vestidos brancos, vermelhos e estampados. A dona do acontecimento num bonito "vermelhinho". Entre os muitos presentes, anotamos a presença dos casais Pepe Mora, Gastão Veiga, Alfredo Tomé, Luis Fernando Lopes, Adolfo Cláudio Graça Couto, João Miranda Jordão, Oswaldo Scbuback, Leopoldo Modesto Leal, Sylvio Schiller, Alberto Lee, Carlos Eduardo de Sousa Campos, Roberto Suplicy, Aloysio Clark Ribeiro, Arnaldo Brenha e Francisco Guise.

Na varanda a orquestra de Moacyr dava o fundo musical. À meia noite, foi servida uma excelente ceia e a festa foi até o sol raiar.

Para aniversariante, "glamour-girl" de grande sucesso e elegante da lista de 56, os nossos melhores e muito amigos parabéns.

O Embaixador da Índia e a Rani de Mandi receberam pela última vez na residência, num movimentado acontecimento social que contou com a presença de pessoas de sociedade, jornalistas e diplomatas que foram se despedir dos simpáticos diplomatas indianos. Os embaixadores receberam os convidados, tendo sempre uma frase simpática para cada um. Dezenas de pessoas se serviram e elogiaram os pratos típicos e se despediram daqueles que já estão com os pés na Argentina, donde partirão, após algumas semanas, para o seu país.

Entre os muitos presentes, notamos o Embaixador da Itália, a Marquesa Longo D'Ajeta, Embaixador João Neves da Fontoura, marechal Eurico Gaspar Dutra, sr. e sra. Waldemir Salem, sr. e sra. John Gardner William, sr. e sra. Barcinski, sr. e sra. Hermes Lima, sr. e sra. Bob Winnans, srs. Harry Stone e Mauro Silva.

★

A princesa Indira Kumart Kumani, filha do embaixador e a Rani de Mandi partiu (dias antes de seus pais que foram transferidos) com destino à Alemanha, a fim de prosseguir nos seus estudos.

Jantar no Copa: a sra. Helena Brenha acende o cigarro; o sr. Aloísio Muniz Freire fala e o sr. Oscar Ornestein ouve.

O sr. Ricardinho Fazanelo deverá passar alguns dias em Petrópolis, aproveitando os últimos dias de calor. Deverá ficar no Rio, apenas algumas horas.

★

Já se encontra no Rio a senhora Ruth de Almeida Prado que havia estado em Guarujá, onde fôra passar o aniversário de seu filho (Eduardo) e mais uns dois ou três dias. Ficou um mês, malgrado o temporal que desabou. Aproveitou para ler. Voltou alegre e muito bem disposta.

★

Parece que o sr. e sra. Roberto Suplicy (um dos casais mais simpáticos que conheço) viram ao Rio especialmente para a comemoração do aniversário da sra. Aloísio Muniz Freire. Tanto assim que, no dia seguinte à noite, já estavam circulando em Guarujá.

★

No dia 24 de março, o jovem diplomata ministro Castelo Branco (Castelito) estará na igreja de braço com a srta. Teresa Guinle Peixoto. Em seguida, o casal embarcará para missão no exterior.

★

O ator Orson Welles declarou em Londres que anda com muita vontade de passar as férias no Brasil. E explicou que era o nosso país o local onde se bebia o melhor uísque falsificado do mundo. Quando lhe perguntaram qual era o segundo, respondeu prontamente, fazendo «blague»: «Os Estados Unidos».

★

Uma notícia que deve ser motivo de orgulho para todos nós brasileiros é a ascensão do sr. Antônio Galloti à presidência da «Light», onde exerce a vice-presidência. Isto porque é a primeira vez que um brasileiro ocupa o pôsto maior da antiga companhia canadense.

★

O «programa» em sociedade atualmente é jantar à beira da piscina do Copacabana e «esticar» no «Sacha's». Quando um grupo sai à noite, pode-se apostar que o itinerário não falha. Por sinal, é sempre um belo roteiro.

★

Chegou (já estava fazendo falta à paisagem) a srta. Ilde Garavaglia que havia ido passar a estação de veraneio em Petrópolis. Ela acha que os verões petropolitanos estão perdendo o entusiasmo pela dispersão das pessoas de sociedade. Atualmente, alguns seguem para Cabo Frio, outro grupo para Correas, ainda outro para Teresópolis, enfim, não existe mais aquela concentração social que se verificava antigamente em Petrópolis. Daí a falta de animação e de programas que só aparecem aos domingos.

★

O Conselheiro da Embaixada de Itália, sr. Franco Bella, ofereceu jantar no Country Club aos Condes Marone (ela é nascida Infanta da Espanha e êle, dono do «Cinzano»), tendo comparecido S.A.I. Princesa Fátima de Orleans e Bragança, S.A.I. Príncipe Dom João de Orleans e Bragança, Embaixador da Itália, Marquesa Lanza D'Ajeta, sra. Ivone Monteiro (muito elegante) e os Marqueses de La Penne. Os Condes Marone ficaram apenas vinte e quatro horas no Rio, partindo para São Paulo, com destino à Argentina e Chile.

★

A cantora Carminha que fêz sucesso e se tornou conhecida cantando na «boite» do Copa, transferiu-se para o «Sacha's». Uma boa aquisição para a casa de Sacha.

★

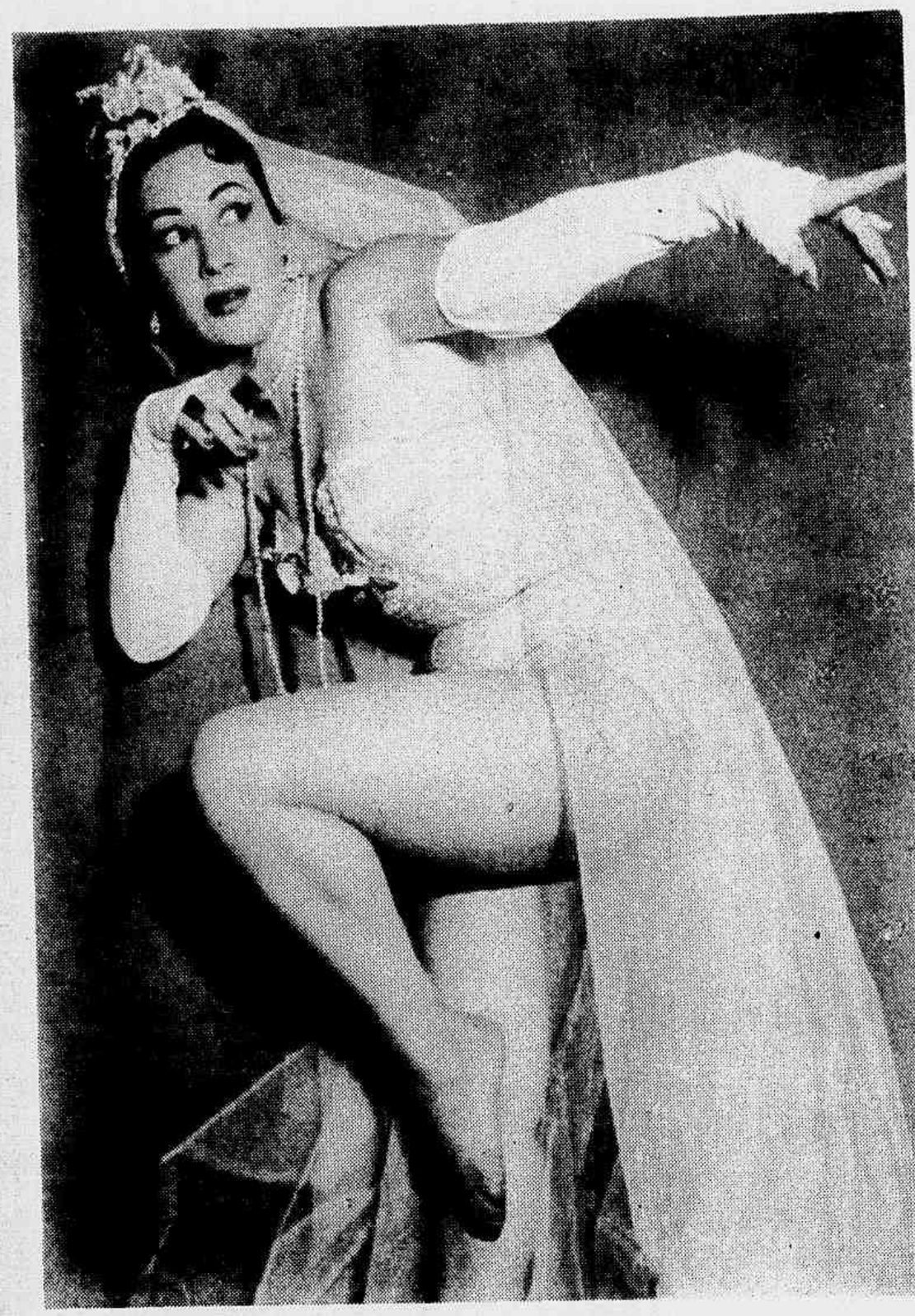
O sr. Nelson Brant Maciel contratou os trabalhos do arquiteto Mauro Müller para a construção de sua residência de verão na Fazenda da Grama. O projeto já está sendo estudado. Trata-se de uma belíssima casa.

(Fotos cedidos pelo «Rio-Magazine»)

O sr. e sra. Carlos Eduardo de Souza Campos dançando na pérgola.

CHAMPANHOTA CHAMPANHOTA CHAMPANHOTA CHAMPANHOTA CHAMPANHOTA CHAMPANHOTA

A SEMANA EM REVISTA



TUDO PELO AMÉRICA!

● O DEPUTADO estadual Alcides Teixeira torce pelo América Futebol Clube, do Rio de Janeiro, desde guri. Pulava os muros de Campos Sales para assistir aos jogos de seu clube. Na rua, brigava com quem afirmasse não ser o América o maior time da cidade. Enchia o peito de escudinhos, e os amigos com declinações intermináveis de esquadrões famosos do passado, que defenderam as côres da velha agremiação tijucana. Cresceu, entrou na política, adquiriu fortuna, e a paixão continuou. Cresceu também. Ficou uma paixão graúda, pesadona, que se manifestava aonde quer que o deputado (reeleito em 1955) fôsse. Em Recife, fundou o clube Americano. O uniforme é igual ao do América do Rio. Mas não bastava. E, por ocasião do carnaval, como piada, veio a ordem absurda: todos os jogadores do Americano deviam raspar a cabeça, nela deixando apenas umas poucas mechas de cabelo, formando as iniciais do idolatrado clube: A.F.C.... Como ordem de deputado, mesmo estadual, e mesmo em tempos de carnaval, é para ser cumprida, lá se foram as madeixas de todo o time Americano do Recife... Dizem que o pessoal anda jogando melhor, agora. Mas que a tal ordem do deputado Alcides Teixeira vem provocando uma série de pitorescos comentários, lá isso vem. Há quem afirme que o político citado conseguiu demonstrar que tem, por dentro da cabêça, quase o mesmo que as cabeças lisas de seus submissos jogadores ostentam, do lado de fora...

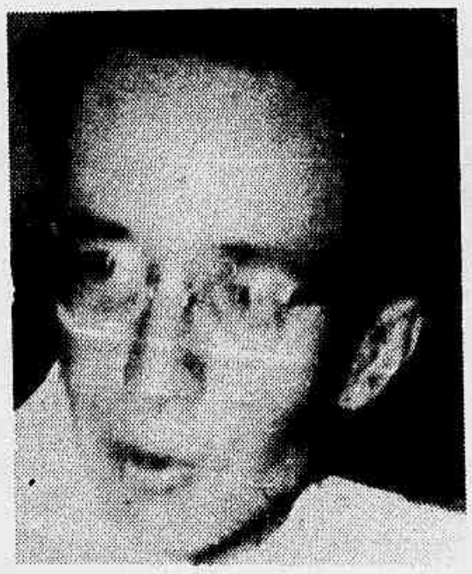
SIWA DEU UM «SHOW» EXTRA

● APARECIDA MARIA DE CASTRO, que na vida artística adotou o nome exótico de «Siwa», assim homenageando a velha deusa indu da Destruição, executou, na semana atrasada, talvez o seu «show» mais difícil e mais impressionante. Só que, ao invés de se exibir em palcos de teatros de revistas, teve de fazê-lo em plena Delegacia. O caso é que «Siwa» endossou um cheque sem fundos de dez mil cruzeiros, assinado pelo seu ex-amante, que atualmente cumpre pena na Penitenciária de São Paulo. Protestando inocência, entre lágrimas e bate-pés, «Siwa» nem assim conseguiu comover o delegado, que mandou que a trancassem, por via das dúvidas, no xadrez. O advogado da vedeta, Celso Nascimento, pôs-se em campo no sentido de provar a inocência de sua constituinte, e os desembargadores do Tribunal de Justiça examinaram o processo, concluindo pela inocência da ré. Mas que o susto foi grande, lá isso foi mesmo. De qualquer modo, a publicidade foi maior.

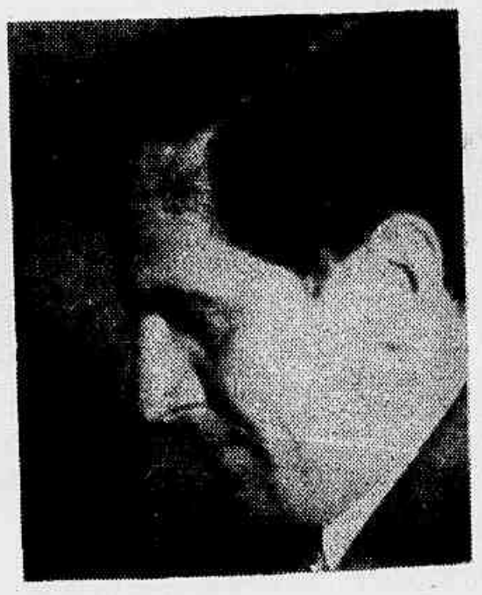
LÁ VEM A POLÍCIA

É CONTRA ADEMAR

FEZ ELOGIOS



VIVA A SEMANA TURCA



GREVE DA SÊDE

NACIONAIS

UMA GREVE original acaba de ser decretada, nos bares e night-clubs de Copacabana e adjacências: ninguém mais tomará uísques, pelo menos pelos preços (altíssimos) atuais. O chefão da greve, tão inédita quão justa, é Paulo Mendes Campos.

◆

DIVULGA-SE que circulam atualmente, no Brasil, 742.070.837 cédulas, de 1 a 1.000 cruzeiros, num valor total de 67 bilhões, 538 milhões, 518 mil e 549 cruzeiros, e 50 centavos. Uff!

FRASE de Magalhães Júnior referindo-se à fuga de Ademar de Barros para o Paraguai: «O nosso Al Capone administrativo foi apanhado num processo e pegou uma condenação em grau mínimo». Por falar em Ademar, um poeta nosso conhecido anda indignado com o homem, e não se cansa de dizer «Ora, fugir para o Paraguai! Que falta de dignidade, que vergonha! Ainda se fôsse para Paris...»

O GOVERNADOR de Santa Catarina, Jorge Lacerda, de passagem pelo Rio, fêz os maiores elogios à atuação de seu antecessor no govêrno, senhor Irineu Bornhausen. A coisa é tão rara, que não podemos deixar de registrá-la, aqui.

◆

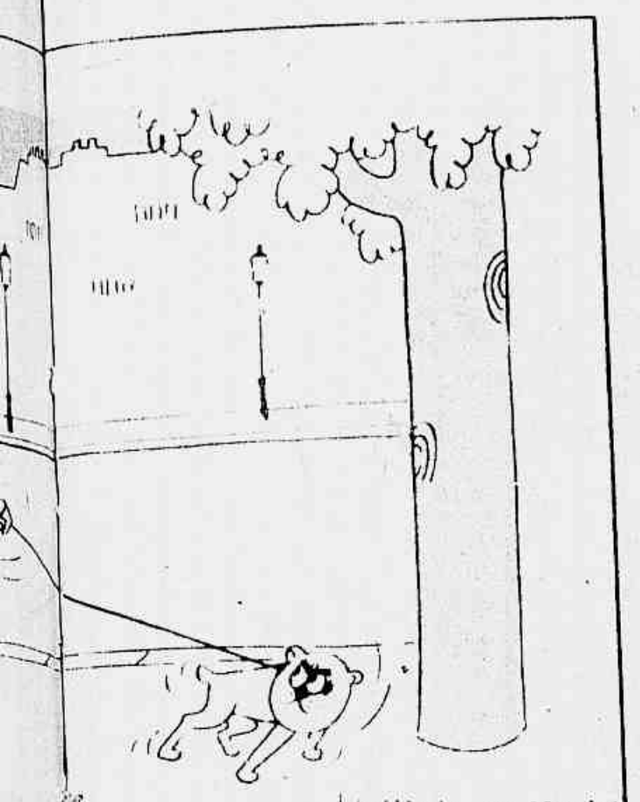
O AUMENTO do funcionalismo foi afinal assinado por Juscelino. Agora os padeiros, açougueiros, donos de lotações, de cinemas, do diabo, já podem aumentar seus preços.

◆

POR FALAR nisso, o Sindicato de Transportes já anunciou que vai elevar o preço das passagens de ônibus e de lotações...

◆

FOI PRÊSO o indivíduo Gabriel Saleh, que comprava o ouro arrancado da bôca dos cadáveres, nos cemitérios cariocas. Um negócio e tanto



GIRAUD (Semaine du Monde)

REBELANDO-SE contra a administração da Penitenciária de Bangu, alguns detentos do Pavilhão de Homens tentaram subjugar os guardas, ferindo inúmeros soldados que acorreram em auxílio a seus colegas. Terminaram por ser dominados completamente.

◆

O FESTIVAL e Seminário Internacionais de Arte que se realizaria para o ano na Bahia acaba de perder aquêle que iria ser um de seus maiores colaboradores: o famoso regente e organista Günther Ramin, da igreja de Santo Tomás de Leipzig (onde tocou Bach), que acaba de falecer, aos 57 anos de idade.

◆

EM PASSOS, a população revoltou-se contra as péssimas condições do cinema local, estabelecendo-se grupos de indignados cidadãos à sua porta, impedindo a entrada dos freqüentadores. Quando a polícia chegou, quase foi espancado o delegado, tudo terminando com a promessa do dono de melhorar a sala de espetáculos.

◆

AQUI MESMO no Rio, um homem, bem trajado, no Largo da Segunda-Feira, na Tijuca, chamou a atenção dos que por ali passavam ao atirar-se, repetidas vêzes, à frente de ônibus e caminhões, automóveis e lotações, numa seqüência impressionante de tentativas malogradas de suicídio. Uma senhora tentou impedi-lo de se atirar à frente de um bonde, mas o louco, desvencilhando-se, e exclamando repetidas vêzes: «Hoje é meu dia de morrer, hoje é meu dia de morrer», foi encontrar morte horrível entre as rodas do veículo.

◆

A SEMANA turca acaba de ser adotada pelo senhor Alvaro Lins, tendo em vista a grande quantidade de trabalhos que tem o referido senhor como chefe do gabinete civil da Presidência da República. Para os que não sabem o que é a semana turca, diremos que ela difere da inglêsa porque, aos sábados, o expediente, atravessando a tarde inteira, penetra pela madrugada do domingo...

NADA DE INTIMIDADES

GANGSTER FALIDO

COISINHA FOFA

JA ESTAO ENCHENDO

HERÓI BEM REMUNERADO

VAI À INGLATERRA?

INTERNACIONAIS

★ A ÚLTIMA piada que se conta na Rumânia a respeito das rapinas russas no país, é o caso de um biologista russo que, tendo cruzado um touro e uma girafa, conseguiu criar uma vaca prodígio. Essa vaca tem um pescoço tão longo, que pode pastar na Rumânia, mas é invariàvelmente ordenhada na Rússia...

★ O CONDE e a condêssa de Paris, pretendentes ao trono da França, acabam de celebrar suas bodas de prata. Têm onze filhos. E o trono não vem...

★ A MULHER de Malenkov, dra. Golubtsova, acaba de ser empossada na cátedra de Ciências Técnicas, na Academia de Ciências de Moscou. Empistolada.

★ SEGUNDO as estatísticas, a pequenina cidade de Vertus, nos Estados Unidos, é a capital do suicídio: nada menos de quatorze pessoas se suicidaram, ali, em apenas dois anos. Se compararmos tal índice ao do Rio de Janeiro, por exemplo, veremos que é irrisório para o nosso país de desesperados permanentes.

★ O EX-GANGSTER Lucky Luciano está quase indo à falência, com sua imensa loja de aparelhos elétricos, em Nápoles. «De cada dez pessoas que entram em minha casa, nove são jornalistas, e apenas uma é freguês».

★ O DOUTOR Kinsey anda pela Europa, vendo se os dados que coligiu nos Estados Unidos, sôbre o comportamento sexual das mulheres, coincidem com os que pretende tomar na Europa. Acontece porém que vem obtendo dificuldades em seu trabalho. Agora mesmo, a atriz Martine Carol devolveu-lhe, indignada, o questionário especializado que lhe fôra enviado, e que, segundo dizem, é completamente impróprio para maiores de quarenta anos...

★ EDITH PIAFF, cuja vinda ao Brasil é confirmada às segundas, quartas e sextas, e desmentidas às têrças, quintas e sábados, obteve, no Carnegie Hall, de Nova York, um sucesso estrondoso. E estuda propostas de Hollywood.

★ CHARLES LINDBERGH foi contratado por uma companhia de televisão, norte-americana, para ser seu comentador oficial sôbre aviação. Será o herói mais bem pago da história.

★ TERA MESMO Marlon Brando desposado, secretamente, a jovem aldeã francesa Josiane Mariani, com quem ficou noivo há cêrca de dois anos? Pelo menos, o «New York Herald Tribune» noticiou o fato com imensas manchetes.

★ UM BAILE foi levado a efeito nos salões do Waldorf Astoria, de Nova York. Nome do baile: «Uma Noite em Montecarlo». Motivo de sua celebração: ainda o já ultra-manjado noivado de Grace Kelly com o gorducho príncipe de Mônaco.

★ TODOS OS GANGSTERS ítalo-americanos que vão sendo expulsos gradativamente dos Estados Unidos, encaminham-se para a Itália. Agora foi a vez de Joe Adonis, que há pouco desembarcou em Nápoles, do luxuoso transatlântico «Conte Biancamano».

★ POR MOTIVO da demora com que as potências ocidentais vêm buscando resolver o grave problema de Chipre, a Grécia ameaçou afastar-se do Mundo Ocidental, para aproximar-se, é claro, dos soviéticos, que andam exultando com a idéia.

★ A BARCA «La Cantuta» pretendia, partindo do Peru, chegar à Polinésia. Contudo, não conseguiu resistir à fúria das ondas, tendo sossobrado. Seus cinco tripulantes foram salvos por helicóptero.

★ GRONCHI, PRESIDENTE da Itália, foi alvo, nos Estados Unidos, mòrmente em Nova York, que é a maior cidade «italiana» do mundo, de grandiosas manifestações de aprêço. Dizem que também virá ao Brasil.

★ O DANÚBIO transbordou, causando imensos prejuízos à lavoura húngara. Trinta mil trabalhadores foram mobilizados para dar combate à calamidade.

★ NA ARGENTINA, vem causando sérias preocupações às autoridades sanitárias o surto de poliomielite, que assumiu proporções gigantescas. Rigoroso contrôle vem sendo exercido em todos os navios que deixam portos platinos, para que a praga não se alastre ao Uruguai e Brasil.

★ O DEPUTADO Soustelle, falando em Paris, afirmou que, se a França vier a perder a Argélia, como tudo leva a indicar, êsse desastre «apenas se compararia à derrota de Sedan, em 1870». Exagerados, êsses deputados.

★ COM CENTO E ONZE ANOS, deu entrada num hospital lisboeta, pela primeira vez na vida, uma senhora portuguêsa. Motivo da entrada: uma casca de banana perigosamente abandonada no trajeto da macróbia...

Puxe pelo cérebro

NOSSA COLUNA DE TESTES

1—Escreveu o «Egípcio»:
- **Par Largkervist?**
- **Mika Waltari?**
- **Bjorn Bjornsen?**

2—Morreu de peste na Grécia:
- **Shelley?**
- **Keats?**
- **Byron?**

3—E' autor de uma famosa História da Literatura Italiana:
- **De Sanctis?**
- **Nitti?**
- **Ungaretti?**

4—Qual dêsses territórios africanos já pertenceu à Alemanha:
- **Transvaal?**
- **Camerun?**
- **Djibouti?**

5—Como se diz «Paz», em russo:
- **Mir?**
- **kniga?**
- **karandam?**

6—Quem é o autor da ópera «Djamileh»:
- **Berlioz?**
- **Bizet?**
- **Borodin?**

7—Onde nasceu o poeta Lautréamont:
- **Na França?**
- **no Uruguai?**
- **na Bélgica?**

8—Que poeta foi amigo de Pedro II:
- **Victor Hugo?**
- **Baudelaire?**
- **Vigny?**

9—«Os Comedores de Batatas», célebre tela do pintor holandês:
- **Ensor?**
- **Grünewald**
- **Van Gogh?**

10—Em Santa Comba Dão nasceu:
- **Camões?**
- **Salazar?**
- **Viana da Mota?**

11—Mattia Fattistini, célebre barítono, morreu em:
- **1918 ?**
- **1921 ?**
- **1928 ?**

12—Carole Lombard era casada com:
- **Tironne Power?**
- **Robert Taylor?**
- **Clark Gable?**

13—Raimundo Correia nasceu em:
- **1860 ?**
- **1861 ?**
- **1859 ?**

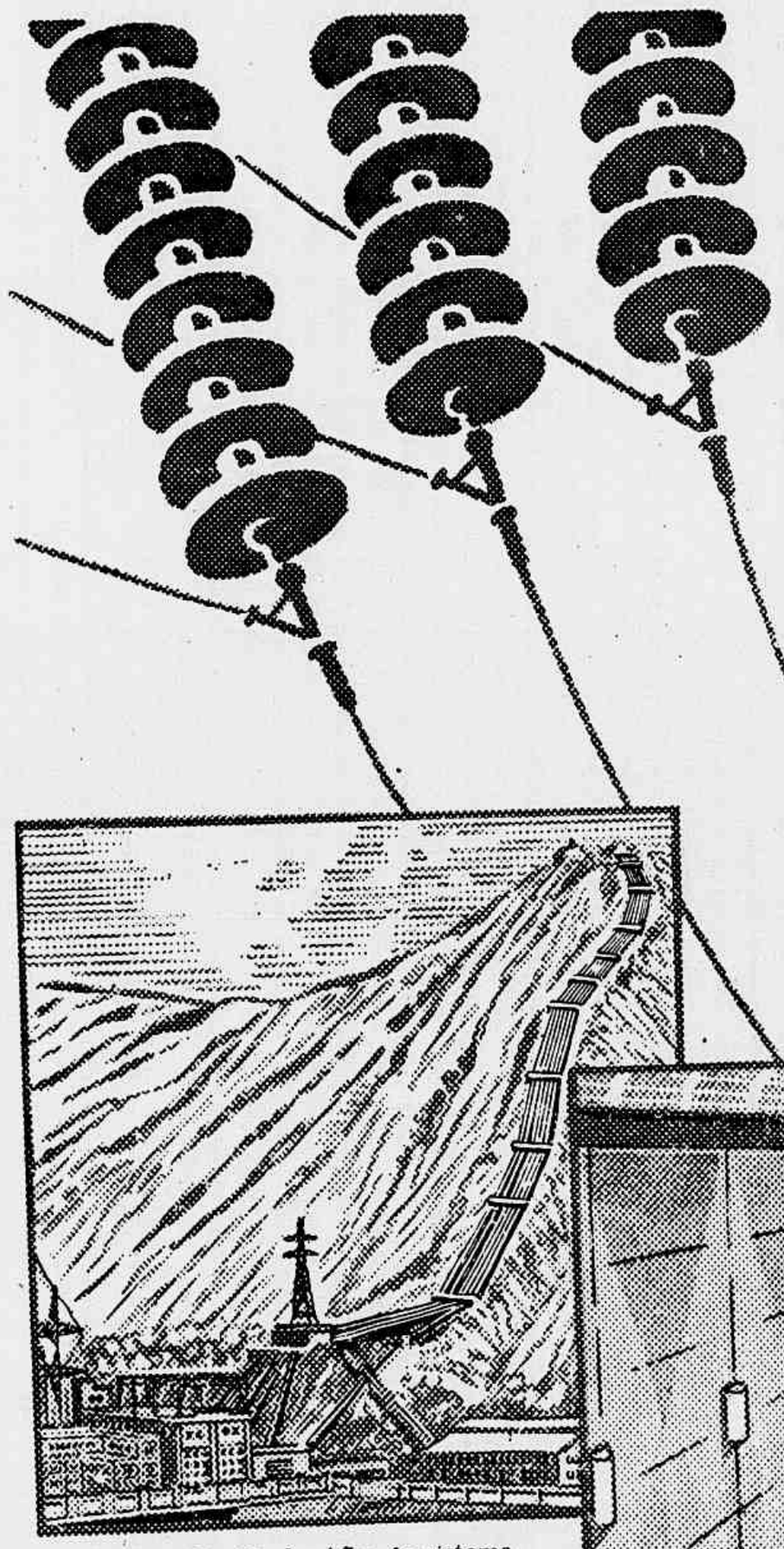
14—A fotografia a côres foi inventada por um poeta:
- **Laforgue?**
- **Noveau?**
- **Cros?**

15—Gonzalo Argote de Molina escreveu:
- **Satiricon?**
- **Libro de la Monteria?**
- **Criticon?**

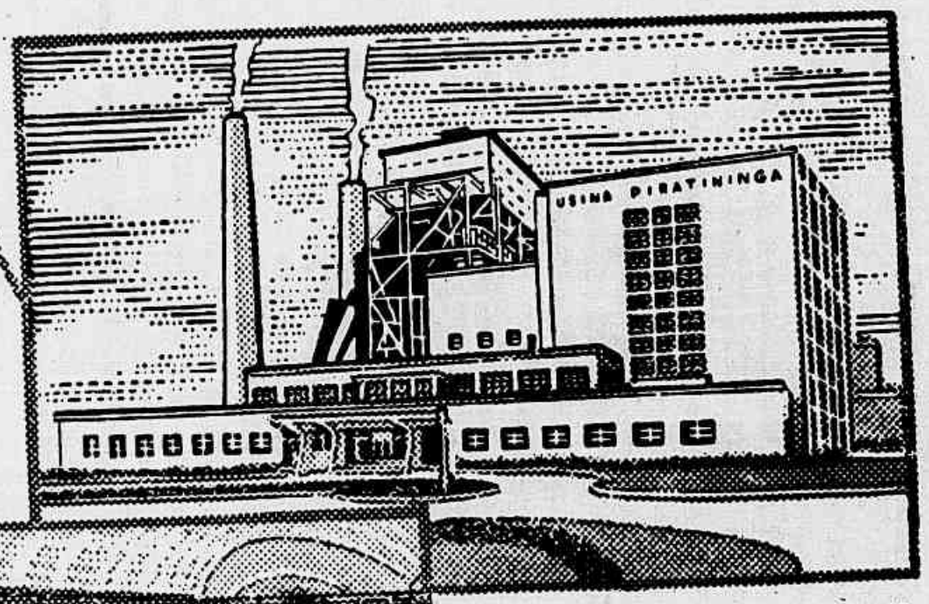
CLASSIFICAÇÃO: — Resposta 0: estado primitivo — homem-macaco: de 1 a 3: cultura inferior — selvagem; de 4 a 6: cultura média — estudante ginasial; de 7 a 11: cultura superior — universitário; de 12 a 14: um sábio; tôdas as 15: um gênio em pessoa.

RESPOSTAS: 1 — Mika Waltari; 2 — Byron; 3 — De Sanctis; 4 — Camerun; 5 — Mir; 6 — Bizet; 7 — no Uruguai; 8 — Victor Hugo; 9 — Van Gogh; 10 — Salazar; 11 — 1928; 12 — Clark Gable; 13 — 1859; 14 — Cros; 15 — Libro de la Monteria.

MAIS DE 2.000.000 H.P.



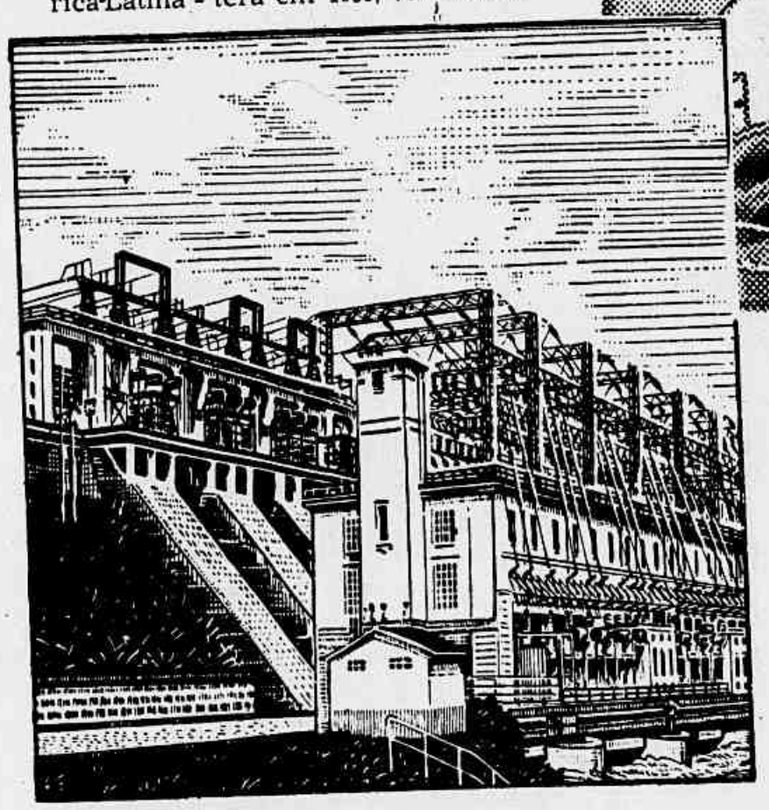
PRODUZEM ENERGIA ELÉTRICA A SERVIÇO DO MAIOR PARQUE INDUSTRIAL DA AMÉRICA LATINA



Usina Termoelétrica Piratininga em São Paulo, com capacidade instalada de 200.000 kw.

Usina de Cubatão do sistema S. Paulo Light, com capacidade instalada de 484.000 kw - a maior da América Latina - terá em 1956, 744.000 kw.

Usina Nilo Peçanha com capacidade instalada de 330.000 kw, a 1.ª usina subterrrânea a funcionar na América do Sul.
Com a Usina de Fontes, este sistema Hidroeletrico de Ribeirão das Lajes passou assim, a ter uma capacidade instalada de 500.000 kw.



Usina de Ilha dos Pombos, com capacidade instalada de 168.000 kw, integrando o sistema Rio-Light, que serve ao Distrito Federal e parte do Estado do Rio.

LIGHT

A região Rio-São Paulo, servida pelas Companhias Light dispõe agora de mais de 1¾ milhões de kilowatts de eletricidade.

A SERVIÇO DO PROGRESSO INDUSTRIAL DO BRASIL

PING-PONG

LÍGIA FAGUNDES TELES

— S. PAULO NÃO É UMA CIDADE RODEADA DE BRASIL POR TODOS OS LADOS

WILLIAM FAULKNER EM ÊXTASE: «QUE LINDOS OLHOS!» ★ NINFAS APAIXONADAS POR ORFEU, E A BELEZA DE SHELLEY ★ «SEI QUE ESCREVO DIREITO» ★ DO CURSO JURÍDICO FICOU... A DATA DO CÓDIGO NAPOLEÔNICO ★ GOSTA DE CRIANÇA E CACHORRO, DETESTA CEMITÉRIO E FLORICULTURA

● Lígia Fagundes Teles procura fazer como Deus: escrever direito por linhas tortas e até mesmo sem linhas nenhumas. No mais, é bonita, faz ginástica com entusiasmo, e é temente ao diabo, suas pompas e suas obras. Revelou-se uma contista de grande merecimento com «O cacto vermelho», em 1949, que a Academia premiou e está esgotado. Agora, deu-nos um romance «A Ciranda de Pedra» que em menos de meio ano já vai na segunda edição. Está portanto no primeiro time da literatura brasileira moderna, e com inteira justiça, aliás.

De CARLOS MARIA DE ARAÚJO

Ping — Que mais teme você?

Pong — O diabo. Acima de tudo, o diabo!

Ping — Qual é a virtude mais irreparável?

Pong — A esperança.

Ping — E o pecado mais reparável?

Pong — A preguiça. De todos os sete pecados mortais, ainda é o mais bonzinho, o mais limpinho.

Ping — Qual a crítica mais severa que já fizeram a seus escritos?

Pong — A de William Faulkner. Injustíssima.

Ping — Por quê?

Pong — Fui-lhe apresentada quando estêve aqui em São Paulo para o Congresso Internacional de Escritores. Começou por exclamar: «Que lindos olhos!»

Ping — E depois?

Pong — Disse que eu era bonita demais para escrever bem.

Ping — E você como reagiu?

Pong — No momento fiquei quieta. Aliás, pobre Faulkner, sempre bêbado, só pedia que lhe mostrassem cobras e o Cruzeiro do Sul. Mas estou providenciando a tradução de um conto que lhe enviarei justamente com o meu retrato. Para que nunca mais julgue antes de conhecer.

Ping — Você então tem a certeza da boa qualidade do que escreve?

Pong — Eu sei que escrevo direito.

Ping — Mesmo por linhas tortas?

Pong — Até mesmo sem linhas. Seria uma hipocrisia se dissesse o contrário. Aliás, se não tivesse um mínimo ao menos de confiança nos meus trabadhos, não os publicaria.

Ping — Não há portanto incompatibilidade alguma entre a beleza e o gênio?

Pong — Não sei por que haja a tendência em ligar a monstruosidade ao gênio. Shelley era um belo homem. E as ninfas urravam de paixão atrás de Orfeu!

Ping — Que recordação tem você do seu curso de Direito?

Pong — A única data que eu lembro: 1810, a do Código Napoleônico.

Ping — Tem mesmo a certeza dessa data?

Pong — Se não é essa, deixe-me com a doce ilusão!

Ping — De tôdas as qualidades de seu marido, qual a mais importante?

Pong — A de compreender e perdoar as mulheres.

Ping — Mesmo sendo professor de Direito e de Lógica?

Pong — Talvez por isso mesmo.

Ping — De que mais gosta você?

Pong — Criança, cachorro, banho de mar, andar sem objetivo, perfume de rosas. Ah, gosto muito de escrever aos amigos. Gosto também de solidão. E de ginástica, — ótima para o corpo e o espírito.

Ping — Você é, pelos vistos, espiritualmente bem ginasticada?

Pong — Não vamos fazer graça com coisas tão sérias.

Ping — E de que gosta você menos?

Pong — Multidão, cemitério, sapato apertado, sonhos, floricultura. E não gosto de perguntas. Certas perguntas.

Ping — Você acha, como alguns paulistas, que «São Paulo é uma cidade rodeada de Brasil por todos os lados?»

Pong — Que horror! Nunca! Que seria de nós sem as praias, sem os campos, sem os sertões, sem tudo enfim?

Ping — Que está você escrevendo?

Pong — Um livro de contos que será intitulado «As Pérolas» e um romance, «As Rosas». Estou escrevendo na fazenda, onde há um lago em cujas margens desabrocham lindas flores azuis. É uma grande solidão.

O FATO LITERÁRIO

OS TEATROS do Rio de Janeiro estão apresentando, presentemente, duas peças de excepcional valor: o «Othello», de Shakespeare, e «Maria Stuart», de Schiller. Êsse fato já seria um acontecimento de imensa repercusão em nosso anêmico movimento cultural, se não tivesse, ainda por cima, a valorizá-lo, o ter sido entregue a tradução das peças respectivamente a Onestaldo de Pennaforte, e a Manuel Bandeira. Não é de hoje que Onestaldo de Pennaforte se consagrou como o maior tradutor de William Shakespeare em nossa terra. Sua versão de «Romeu e Julieta», por exemplo, tornou-se clássica. Quanto a Manuel Bandeira, sua vasta e excelente atividade como tradutor está patenteada nos «Poemas Traduzidos», que agora a

SÔBRE TRADUÇÕES

J. R. TEIXEIRA LEITE

José Olympio incorporou à sua famosa «Coleção Rubayat», «Maria Stuart», pois, nada vem acrescentar à fama de nosso grande poeta, sendo, antes, a confirmação de qualidades já sobejamente conheçidas e demonstradas.

E, de vez que Manuel Bandeira traduziu do alemão, cabe aqui um reparo melancólico: porque os estudiosos brasileiros não se dedicam com mais assiduidade ao belo idioma germânico? Procurem os leitores recordar os nomes dos poucos intelectuais nacionais capazes de traduzir uma única linha de um poema de Rilke, ou um parágrafo qualquer de Kafka ou de Heidegger, e verão que essa lista não ultrapassará a casa dos oito ou dez nomes. Bandeira, naturalmente Carpeaux, Augusto Meyer, Geir Campos, João Accioly, quem mais? Poucos, muito poucos mais. Porque — .o fato é o seguinte —, entre nós se costuma rodear o alemão de tôda espécie de tabus, a ponto de poucos se atreverem a tentar devassar-lhe os mistérios — mistérios que existem, é claro, porém, cujo deslindar é o único meio de serem atingidas belezas imperecíveis. Os intelectuais brasileiros deviam levar mais a sério o estudo do alemão. Mas não tão a sério, que ficassem como ficam atualmente, totalmente inibidos em sua presença, como se se tratasse de um monstrengo de sete fôlegos.

NOTAS

Ascenso Ferreira

Peregrino Júnior

Elysio e José Condé

A AGIR apresenta a quarta edição de «As Grandes Amizades», de Raïsa Maritain, na tradução de Josélia Marques de Oliveira. Livro interessantíssimo, em suas páginas perpassam figuras como Jacques Maritain, Leon Bloy, Charles Péguy, Georges Roualt, e tantas outras, das letras, das artes e da filosofia francesa. O verdadeiro herói dessa bem cuidada edição é porém o Cristianismo, e o renascimento cristão em França, em princípios do século atual.

GEIR CAMPOS organizou uma Antologia dos doze jovens poetas que seu programa «Poesia Viva», da Rádio Ministério da Educação, sucessivamente premiou. Essa Antologia aparecerá brevemente, sob a égide dos já célebres «Cadernos de Cultura». Agora, os doze poetas que terão poesias publicadas pelo Serviço de Documentação acabam de organizar-se em clube, o «Clube dos 12», que edita um pequeno jornal bimestral, «Fôlhas de Poesia», e que organiza palestras sôbre Literatura e arte em geral. Do clube faz parte a jovem poetisa Ruth Maria Chaves cujo volume de estréia, «Roda, pião», comentamos em número anterior.

AUGUSTO MEYER terá dois livros publicados, pela São José: suas «Poesias Completas», e o «Ensaio sôbre Camões».

DE TEMPOS para cá, a Civilização Brasileira vem se voltando para o terreno das edições luxuosas, destinadas a bibliófilos. Agora mesmo acaba de aparecer «Metamorfose», de Kafka, em tradução de Breno Silveira. As ilustrações são de Walter Lewy, a tiragem é limitada.

DE 26 a 31 DE MARÇO, em Campos, sob os auspícios do Clube de Poesia local, realizar-se-á o Primeiro Salão Fluminense de Poesia, no qual serão debatidas teses e apresentadas memórias. Antônio Olinto e Pereira Lima estão entre os inteletuais cariocas que comparecerão.

CLÁUDIO DE SOUZA doou, por testamento, ao Ministério da Educação, um prédio que possuía em Petrópolis, para que nêle passe a funcionar a Casa de Cláudio de Souza.

O PRÊMIO Nacional Primo de Rivera, destinado a premiar o melhor livro de poesia editado anualmente em Espanha, não foi distribuído êsse ano, porque o único volume julgado digno de tal láurea, «La Red», pertencia a José Garcia Nieto, que já fôra premiado em 1951 com o Prêmio Garcilaso, também de poesia.

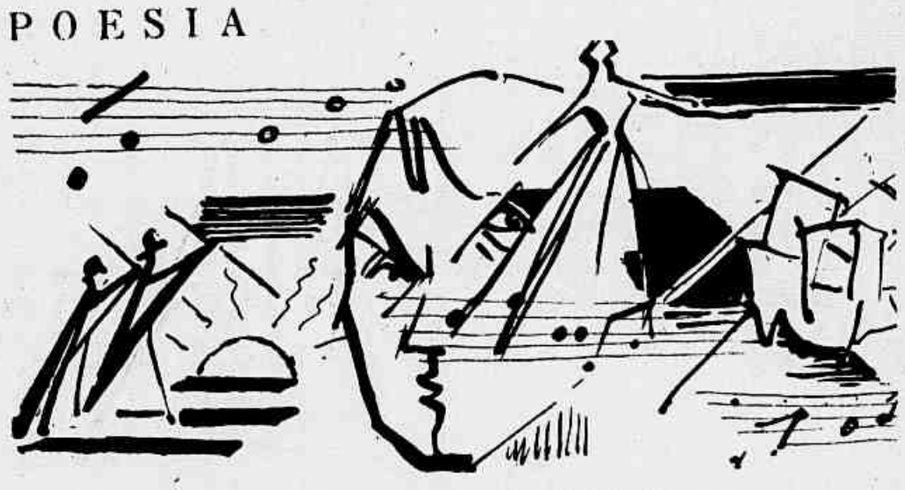
A NOMEAÇÃO de Ascenso Ferreira para o Instituto Joaquim Nabuco está dando o que falar.

E O INSTITUTO Nacional do Livro foi afinal parar às mãos do «escritor» mineiro José Renato Santos Pereira, muito conhecido em Belo Horizonte, porque até há pouco, num dos principais jornais da capital, assinava uma seção, «Feirinha Noturna», destinada a registrar os acontecimentos boêmios da cidade...

EM NOVA FASE, com mais páginas, várias reportagens interessantes, e seções ampliadas, reapareceu «Jornal de Letras», o mensário dos irmãos Condé. A notar que o preço do exemplar passou de cinco para dez cruzeiros.

A ACADEMIA Brasileira de Letras, através de seu atual presidente, Peregrino Júnior, tenciona elevar seus prêmios anuais de Literatura, de 15 para 20 mil cruzeiros. Até há poucos anos, êsses prêmios eram de sòmente... 4 mil cruzeiros.

POESIA



INTER-SONHO

Numa incerta melodia
Tôda a minh'alma se esconde
Reminiscências de Aonde
Perturbam-me em nostalgia...

Manhã de armas! Manhã de armas!
Romaria! Romaria!

Tateio... dobro... resvalo...

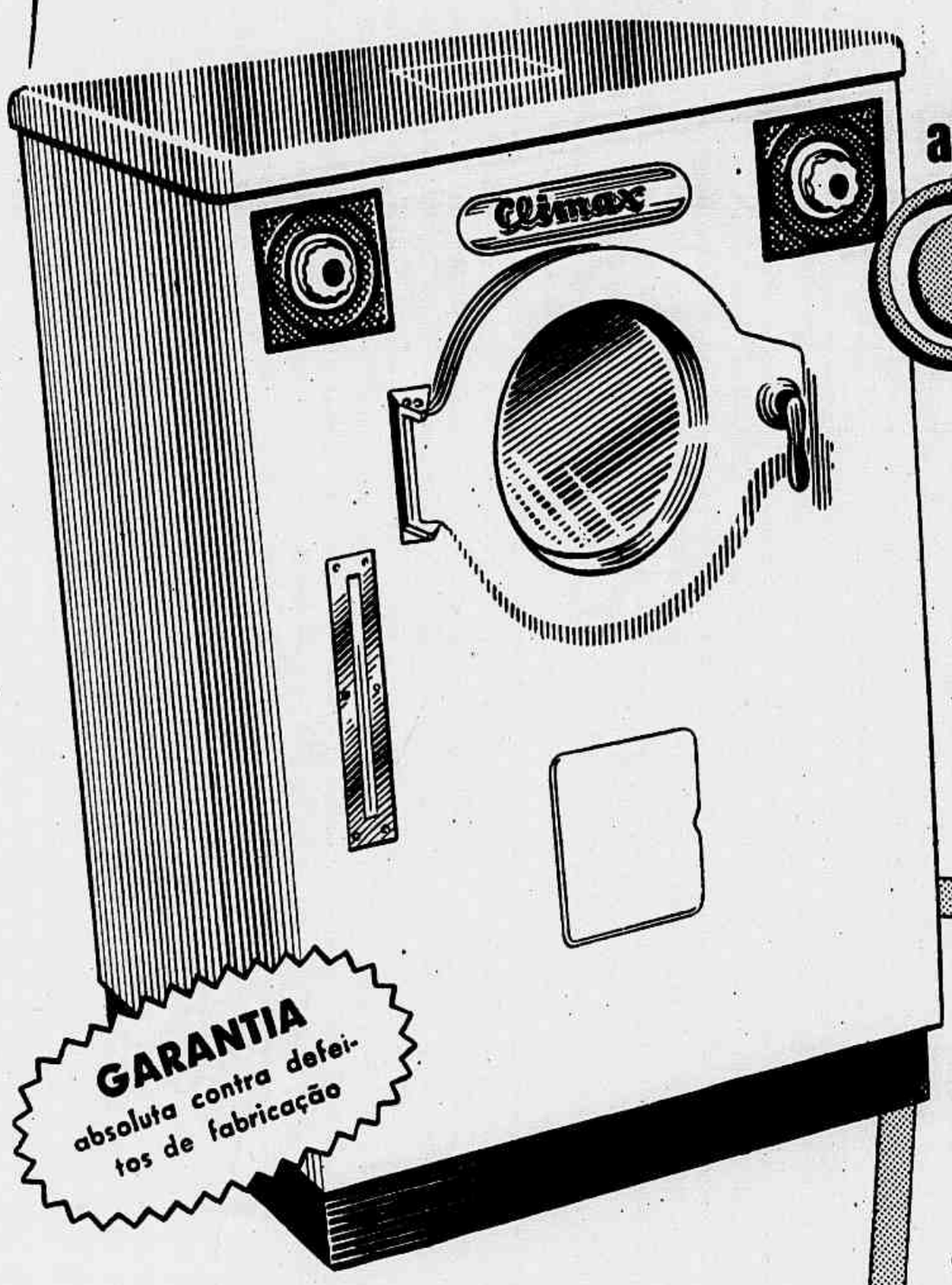
Princesas de fantasia
Desencantam-se das flôres...

Que pesadêlo tão bom...

Pressinto um grande intervalo,
Deliro tôdas as côres,
Vivo em roxo e morro em som...

MÁRIO DE SÁ CARNEIRO

Agora,
ao seu alcance...



a LAVADEIRA que V. esperava!

Climax

Especialmente projetada para proporcionar o máximo descanço e comodidade as donas de casa, a lavadeira CLIMAX possui os mais recentes aperfeiçoamentos técnicos que a tornam a mais **prática, eficiente** e **econômica** máquina de lavar que V. póde adquirir. E mais: o preço da lavadeira CLIMAX é mais accessivel!

VEJA AS NOTÁVEIS CARACTERÍSTICAS DA LAVADEIRA CLIMAX!

- é semi-automática, controlável a sua vontade
- lava em cilindro horizontal
- enxágua em agua corrente
- seca por centrifugação
- assegura perfeito aquecimento da agua
- grande capacidade horaria de trabalho
- eficiente mesmo com oscilação de voltagem e com qualquer pressão de agua.

Adquira a sua lavadeira CLIMAX, com facilidades de pagamentos nos concessionários autorizados.

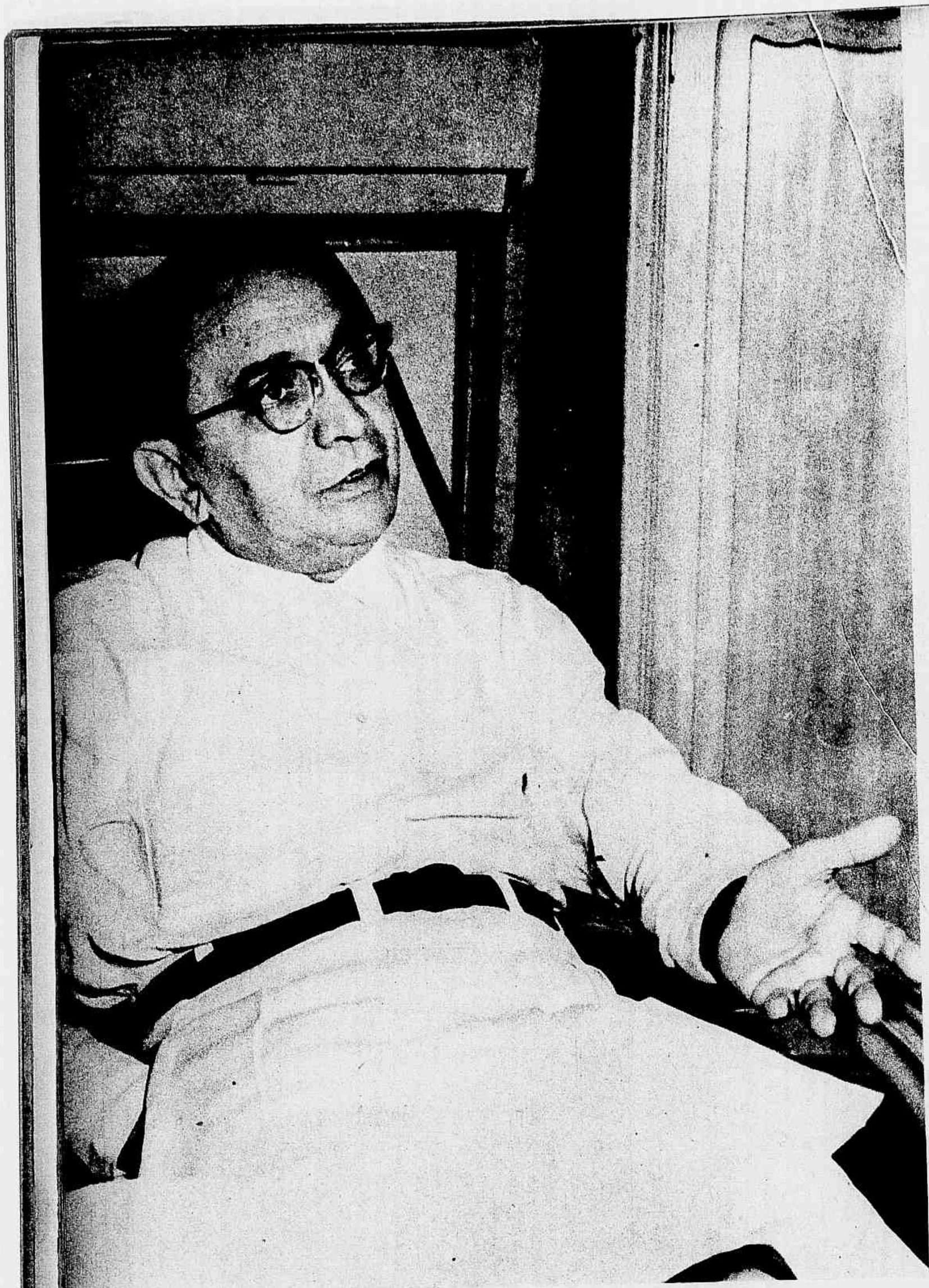
FIRMAS DO INTERIOR INTERESSADAS NA CONCESSÃO, QUEIRAM DIRIGIR-SE À CAIXA POSTAL 1119 RIO DE JANEIRO

J. Isnard S.A.

COMÉRCIO E INDÚSTRIA

Rua Buenos Aires, 113 — Tels.: 52-9112 e 52-8888
Rua dos Andradas, 59 — Telefone: 23-4445
Niterói — Rua da Conceição, 13 — Tel.: 2-0597

ORGANIZAÇÃO QUE RESPONDE PELO QUE VENDE



E o meu diploma ?

●

FALAM AS ESTATÍSTICAS...

A um canto menos congestionado, antigo militante do foro se deixa ficar em meditação, ao que parece alheio a tudo.

O repórter aproxima-se e tenta um comentário para recolher informações. E a resposta que ouve é como uma ducha d'água fria no seu entusiasmo pelas coisas forenses:

— Meu filho: na' Instância Superior não é o Direito que prevalece. E' o ESTATÍSTICA...

— ?...

— Sim. As estatísticas **provam** que 95 por cento dos recorrentes perdem sistemàticamente na Instância Superior... Inclusive a própria União quando recorre...

. . . . . .

Após o relatório do ministro Hannemann Guimarães e a sustentação do advogado do impetrante, o procurador geral da República reitera o seu parecer. A votação começa por volta das 14 horas. Sòmente dois votos enfrentam, frontalmente, o mérito do pedido. Um contra e outro a favor.

São 15 horas e a sessão é interrompida para o cafèzinho.

. . . . . .

O repórter — na preocupação de um encontro com o interessado — deixa a Egrégia Côrte e se desloca para Copacabana, rumo ao apartamento em que reside o sr. João Café Filho, na expectativa de auscultar as suas reações no final do julgamento.

. . . . . .

PENUMBRA

O apartamento nº 202, do edifício Mamoré, em Copacabana, estava na penumbra, quando a empregada de Sua Excelência nos fêz entrar. Eram 15 horas e 42 minutos daquele memorável dia. Tudo era silêncio. Sentamo-nos num divã na varanda, à espera da entrevista marcada de véspera.

Sôbre a mesinha, a um canto, ainda fumegavam restos de cigarro no cinzeiro. A estreita varanda, de piso de ladrilhos envernizados, era guarnecida por uns poucos móveis de vime, tendo ao fundo um pequeno «bar» em estilo rústico.

Junto à janela, uma redoma de vidro, com duas figuras de massa, em trajes típicos das terras lusas, nos chamou a atenção e a curiosidade nos fêz ler as incrições no pedestal: **«O Poveiro e a Poveira» — «Ao Exmo. Sr. Presidente da República do Brasil, sr. João Café Filho, o povo português».**

Adornando as paredes, pratos de louça com desenhos alusivos; todos com a efígie de Sua Excelência: «Dia do Aviador» — «Dia da Marinha» — «Dia do Índio», e ainda outros mais.

UMA VISITA

De repente, uma porta se abre em algum lugar e a nossa atenção é despertada pelo rumor de uma conversação abafada. De lá de dentro surge a figura robusta do secretário presidencial. Vem nos cumprimentar e traz o cenho franzido. Denota grave preocupação.

— O Presidente pede para que v. o aguarde por alguns momentos. Estava fazendo a «sesta» — diz Oséas Martins.

DEPOIMENTO PARA A HISTÓRIA

NO DIA DA DECISÃO DO SUPREMO

O primeiro andar do velho casarão onde funciona o Supremo Tribunal Federal, na Avenida Rio Branco, estava superlotado, e ainda não eram 13 horas, do ensolarado dia 14 de dezembro de 1955.

Dentro de poucas horas, iria ser escrito, ali, com o nosso modesto testemunho, mais um capítulo da História Republicana do país — o julgamento do mandado de segurança impetrado pelo sr. João Café Filho contra o ato do Congresso Nacional que o declarou impedido de exercer a Presidência.

. . . . . .

O recinto do Tribunal e os salões adjacentes estavam apinhados, quando a sessão começou. A muito custo conseguimos entrar. Grupos de assistentes, inclusive numerosas senhoras e senhoritas, discutiam animadamente o desenrolar dos acontecimentos. Falava-se de política, de interpretação de leis e faziam-se prognósticos. Impossível, mesmo no próprio recinto, ouvir o que dizia o Relator, quando sua oração já ia em meio. O presidente adverte os assistentes. Saímos a perambular pelos salões. Um velho serventuário da Casa estava dizendo a um colega das dificuldades que poderiam ocorrer aos estudantes do futuro para desvendar o intrincado que se está tornando a história dêsses nossos dias.

— «Morto um Presidente — explicava — assume o Vice. O Vice adoece, sobe outro Presidente (mas, não da República — da Câmara...). Sai o novo, sobe o outro Presidente (mas, não...)

E aí o deixamos.

E o cardiologista Aarão Benchimol controlava o coração cuja falseta fôra a causa imediata dos acontecimentos.

●

Alguém bate à porta e o secretário adianta-se para abri-la. Chega o brigadeiro Guedes Muniz.

Há indisfarçável ansiedade na fisionomia do secretário, e a interrogação é feita, apenas, com um ligeiro arquear de sobrancelhas.

— Está 1 a 1 — limita-se a dizer o recém-chegado, sem qualquer entonação especial na voz.

Ambos encaminham-se, abraçados, para a peça contígua, a sala de refeições.

APARECE SUA EXCELÊNCIA

Nesse instante, aparece o sr. Café Filho, pelo corredor dos fundos. Mão esquerda no bôlso da calça e a direita segurando a ponta do cigarro colada aos lábios. Traja terno de linho branco, camisa branca e sapatos de duas côres. Sem gravata.

Encaminha-se, fisionomia risonha, para o brigadeiro e fala com voz meio rouca, pilheriando:

— Como é? Veio cumprir o mandado?...

Ambos riem. Um riso convencional. Há nervosismo no ambiente.

Sua Excelência cumprimenta o repórter e relembra, ligeiramente, velhos encontros. Ao saber que acabávamos de chegar do Supremo, mostra-se interessado em recolher detalhes. Procura uma cadeira e senta-se à cabeceira da mesa.

— Havia muita gente lá? — interroga.

Mas, logo a seguir, sem grande interêsse pela resposta, passeia o olhar vago pela sala.

Acende outro cigarro e tenta fazer pilhéria com o resultado da votação, referindo-se aos acontecimentos desportivos da semana.

— Acho que vou ser o Olaria...

O MÉDICO E A FOTO HISTÓRICA

Há uma nova personagem em cena. E' o seu cardiologista, dr. Benchimol, que chega sobraçando uma pequena valise, tendo na mão um envelope.

Sua Excelência o advertе com bom-humor:

— Acho melhor tirar a pressão «antes» e «depois»...

Do envélope o cardiologista extrai umas fotografias e as entrega ao Presidente.

O repórter cede a sua «Rolleiflex» ao secretário e se aproxima.

— A junta médica que me examinou. E' uma fotografia histórica. Queres uma, autografada? Com a data de hoje, terá mais valor...

Mas, já o facultativo lhe sugere a tomada de pressão e o sr. Café Filho levanta-se. Recolhe um vespertino de sôbre um móvel, e nos convida a passar ao seu escritório.

Tira o paletó e senta-se numa «chaise». O secretário passa por nós e vai ao fundo do aposento aumentar o volume de um rádio de cabeceira.

O GRANDE MOMENTO

O locutor está transmitindo **«diretamente da sala de julgamentos do Supremo Tribunal Federal»**. Ficamos todos em silêncio ouvindo.

A voz do homenzinho vem meio abalada, em tom de respeitosa confidência. Mas é inconfundível aquêle entusiasmo intermitente das competições futebolísticas.

— A contagem até o presente momento é de 4 a 1...

Sua Excelência que, até então, se mostrava indiferente, ficou sério. A sua face endureceu e houve uma ligeira contração do lábio inferior.

Adivinhando, possìvelmente, o interêsse com que olhávamos com intenções menos discretas, pigarreou.

Falou, então, tentando aparentar maior despreocupação, e a voz ainda lhe saiu mais rouca, desta vez:

— 4 a 1?... (Pausa). Então já perdi...

O cardiologista havia retirado o seu aparelho da caixinha e aguardava o momento de aplicá-lo no braço presidencial. Sua Excelência olhava em tôrno para os presentes. Calado. Era o mesmo olhar vago de antes. Arregaçou as mangas num gesto maquinal. Não falou mais até que o facultativo anunciou, em voz baixa, que a tarefa estava terminada, e lhe segredou qualquer coisa ao ouvido.

— Bem... como o senhor vê não tenho podido fazer a «sesta».

— E'... Deixa passar êsse período, concluiu o médico.

A TESE...

Não fazia muito calor, mas a testa presidencial dava mostras de transpiração intensa. Sua Excelência tirou o lenço do bôlso da calça e enxugou o rosto, com gestos lentos.

Fêz referência ao voto do relator e quis saber dos seus fundamentos. O repórter, recorrendo às suas anotações, fêz um breve resumo. Terminada a leitura, pela primeira vez, havia severidade na voz de Sua Excelência.

O sotaque nordestino se fêz sentir mais agreste, quando êle sentenciou com voz pausada:

— Êle «isculheu» a pior tese... Para mim, não... que só tenho mais 15 dias de «guverno»... Mas e os outros que virão depois?

O ambiente no Tribunal e na residência do suplicante — O coração não falhou na hora — Um vencedor de amarguras — A esperança é, realmente, a última que morre — E o censor não deixou sair...

Reportagem de W. GUARNIERI

DECISÃO DO SUPREMO

A ASSISTÊNCIA ENCHIA SALÕES E CORREDORES DO SUPREMO, MAS AS MULHERES ERAM AS MAIS INQUIETAS.

Esperou para ver o efeito de suas palavras nos presentes.

Como ninguém lhe retrucasse, arrematou, deixando cair o braço, num gesto desolador:

— E o meu diploma?

«O DIREITO É.» (PONTO)

Não houve comentários também. Todos se mostravam constrangidos, evitando, naquele momento, enfrentar o olhar do sr. Café Filho.

O seu médico assistente aproveitou a oportunidade para desabotoar-lhe a camisa de sêda branca, empunhando, desta vez, o estetoscópio.

Com um ligeiro sobressalto, a fisionomia de Sua Excelência se desanuviou. Enquanto procurava os cigarros, fêz uma observação, em tom jocoso, referindo-se a dificuldade do dr. Aarão para se desvencilhar do último botão:

— E' uma camisa nova, ainda... Presentes de festas da patroa...

Ficamos em silêncio, até que o médico terminou a sua tarefa.

Sua Excelência levantou-se e apanhou o paletó. Já completamente senhor de si outra vez, acrescentou com bom humor, batendo nas costas do repórter:

— E'... E' como dizia aquêle velho mestre: **«O Direito é. (ponto)». «O Direito não é. (ponto)».**

REZANDO POR CAFÉ FILHO

Já vários outros colegas estavam chegando. e como o recinto era pequeno, Sua Excelência dirigiu-se para o corredor que dava acesso a sala de refeições.

Numerosas outras pessoas ali estavam reunidas. Muitas senhoras, algumas crianças. Havia flores também, e uma enorme «Cesta de Natal» que, antes, ali não se encontrava. Sua Excelência andando vagarosamente, mão esquerda no bôlso da calça, a direita segurando a ponta de cigarro, colada aos lábios, atravessou a sala, a todos cumprimentando com um inclinar, cortês, de cabeça.

Ao chegar a varanda, alguém lhe cedeu um lugar ao lado do seu ex-ministro da Agricultura, sr. Munhoz da Rocha.

Uma senhora (ao que parece velha amiga da família) quebrou o silêncio, para comentar com entusiasmo um pouco forçado:

— Era de ver, Presidente... Como tinha gente lá... A Teresinha rezava de têrço na mão... E me perguntou se eu trouxera também o meu...

«E' O FIM?...»

Já nos preparávamos para sair, quando a porta da rua se abre e chega o brigadeiro Eduardo Gomes. Cumprimenta d. Jandira Café é se dirige à varanda. Vem de fisionomia cerrada. A nós — que quase esbarramos nêle — quis nos parecer envelhecido naquele momento.

Antes da porta do apartamento 202 se fechar atrás de nós, ainda ouvimos a voz meio rouca do sr. Café Filho, numa interrogação, à guisa de saudação, ao seu ex-ministro da Aeronáutica:

— **«E' o fim?...»**

.....

Lá fora, em Copacabana, a vida continuava...

Advogado Jorge Dyott Fontenelle — falou como se o S.T.F. não estivesse também impedido.

FLASHES DO BRASIL

A CRUEL EXPEDIÇÃO SALEMA

EDUARDO TOURINHO

EM 1571, foi Cristóvão de Barros — por quatro anos e em substituição a Salvador de Sá — nomeado para governar a Capitania do Rio de Janeiro. Em 10 de dezembro do ano seguinte, resolveu el-rei D. Sebastião dividir a Colônia em dois governos. Com a Bahia ficou a jurisdição do norte e, com o Rio, a do sul.

Para o govêrno do sul foi, então, nomeado Antônio Salema. Em Pernambuco se achava êle em Correição. Fôra professor em Coimbra e pertencera à Casa de Suplicação de Lisboa. Mas a 7 de março de 1570, nomeado para a alçada do Brasil, deixara o Reino a 6 de junho e para aqui viera.

Passando à Cidade do Salvador, com Luís de Brito de Almeida — elevado a governador do norte do Brasil — concertou vários assuntos administrativos. Dêsse encontro originou-se a espécie de acôrdo — 6 de junho de 1574 — sôbre resgate de índios.

Em fins de 1575 ou no comêço do ano seguinte chegou Antônio Salema ao Rio de Janeiro e assumiu a direção das Capitanias do sul. Aqui foi recebido com honrarias por Cristóvão de Barros, pelos principais portuguêses, pelos chefes indígenas. Entre os visitantes estava Araribóia que, na cadeira oferecida pelo governador, sentou-se «cavalgando uma perna sôbre a outra, segundo seu costume". Por um intérprete, fêz-lhe Salema sentir que não era de bom tom falar assim ao governador, que representava o rei. Ao que «respondeu o índio de repente, não sem cólera e arrogância: — Se tu souberes quão cansadas eu tenho as pernas das guerras em que servi a el-rei, não estranharas dar-lhes agora êste pequeno descanso. Mas já que me achas tão pouco cortezão, eu me vou para a minha aldeia, onde nós não curamos dêsses pontos, e não tornarei mais à tua côrte. Assim disse, mas nunca deixou de auxiliar os portuguêses tôdas as vêzes que se tornou necessário.

No tempo de sua administração, fêz Salema construir famosa ponte sôbre o braço principal do rio Carioca. Era nas alturas da atual Praça José de Alencar, perto do antigo Hotel dos Estrangeiros. Por muito tempo foi chamada Ponte do Salema e, depois, Ponte do Leripe. Montou, também, um Engenho para o rei. Teria custado três mil cruzados. Mais tarde, disse Cristóvão de Barros que nem quinhentos valia sequer. Numa carta datada de 14 de agôsto de 1584 pedia à Coroa que enviasse peças de cobre para o Engenho ou, então, ordenasse sua venda. E, de fato, vendido foi ao então rico Diogo de Amorim Soares — morador no Castelo e dono de vários prédios na várzea — que o legou a Rodrigo de Freitas de Melo e Castro, que deu nome à lagoa da Gávea — a Lagoa Rodrigo de Freitas — em cujas proximidades estava o Engenho situado.

●

Mas o govêrno Salema é, principalmente, lembrado pela cruel expedição empreendida contra as aldeias índias de Cabo Frio. Aliados franceses que aí tinham estabelecido uma Feitoria, os Tamoios ameaçavam sèriamente a cidade de São Sebastião sempre inquietada pelas incursões dos silvícolas.

Em face de maior perigo, resolveu o governador Salema empreender uma expedição punitiva de larga envergadura contra aldeias do litoral fluminense. Reuniu gente do Rio, do Espírito Santo e de São Vicente: quatrocentos portuguêses e setecentos índios mansos. A 27 de agôsto de 1575 — tendo como capitães Jerônimo Leitão, Cristóvão de Barros e Antônio de Mariz — marchou Salema do Rio de Janeiro para Cabo Frio.

Na primeira aldeia tamoia a que chegou, encontrou dois franceses e um inglês. Estava guarnecida por forte paliçada e o padre Luís Fonseca — que escreveu o melhor relato dos acontecimentos até hoje conhecido — informa que cêrca de mil índios a defendiam. Na carta escrita ao provincial Inácio de Tolosa em 17 de dezembro de 1577 faz pormenorizada narrativa do quanto ocorreu. Em face dêsse documento pôde Capistrano de Abreu — em anotações à HISTÓRIA GERAL de Varnhagen — traçar excelente página sôbre a expedição.

●

Após miúdos combates, Salema sitiou a taba. Sem água e sem mantimentos, mostraram-se os índios dispostos à capitulação. Um pagé, entretanto, «atirando ao ar ossos de porco e usando de outras superstições diabólicas e esconjuros mágicos», prometeu-lhes água em abundância. E logo choveu. Mas, corrompido o precioso líquido, decidiram os sitiados abrir caminho a qualquer preço. Intervém, então, o padre Baltazar Álvares — que acompanhava os expedicionários — e convence o morubichaba Japiguaçu a conferenciar com o governador. Aparamentado com ostentação, vai à presença de Salema, que dita condições. A primeira foi a captura dos dois estrangeiros que, depois, fêz enforcar. A aldeia devia ser destruída, em parte. O **principal** tamoio pleiteou — sob vassalagem aos portuguêses — ali continuar com os seus. Mas a isso não acedeu Salema e logo exigiu que lhe fôssem entregues quinhentos índios flecheiros que à aldeia haviam acorrido em defesa dos sitiados.

A 26 de setembro, o acôrdo estava concluído. Dos inimigos a que botou mão, fêz Salema matar grande parte. Os restantes foram reduzidos à escravidão.

Sabedores da terrível derrota de seus iguais, os tamoios de Cabo Frio derramaram-se pelo sertão. Mas, seguindo-lhes o rasto, Salema e seus capitães perseguiram implacàvelmente os fugitivos. Dois mil foram mortos e quatro mil aprisionados. Dêsses, muitos foram depois cristianizados nas aldeias de São Lourenço e São Barnabé.

Detalhando o proceder do governador, escreveu o padre Luís Fonseca: — «A mãe era separada do filho, o marido da mulher. Um era levado para São Vicente e outro para o Espírito Santo. Não havia coração de bronze que se não enternecesse, ouvindo as queixas e lamentos dêsse pobre povo.»

●

CAPISTRANO DE ABREU — Melhor do que ninguém, estudou a Expedição Salema.

Mas, em verdade, essa cruel expedição punitiva representou para os habitantes da Cidade de São Sebastião a paz por tanto tempo desejada. A «urbs» — tranqüilizada — pôde espraiar-se pela várzea. Os moradores foram, gradativamente, estendendo as lavouras para as terras do Catete, das Laranjeiras, de Botafogo, da Gávea, da Tijuca, do Andaraí. Engenhos se elevaram: o d'el-Rei — por Salema — na lagoa da Gávea. Em Paranapecu — a Ilha do Governador — e em Jacarepaguá e na Barra da Tijuca, os de Salvador de Sá. Os dos jesuítas, foram o Engenho Velho, o Engenho Novo, o Engenho de Dentro.

Quatro anos passados, o duplo govêrno colonial foi extinto. A 12 de maio de 1577, Lourenço da Veiga é nomeado Capitão da Bahia e Governador Geral do Brasil. Pouco depois — 12 de setembro — volta Salvador de Sá ao govêrno do Rio de Janeiro, onde por vinte e um anos permanece com «os poderes e atribuições dos governadores das outras Capitanias».

Sôbre seu govêrno e a terrível expedição que comandara, teria Salema escrito um livro jamais encontrado. A essa obra, referem-se Gabriel Soares e frei Vicente do Salvador. Após a chegada de Lourenço da Veiga e após receber ordenados em atraso, regressou Antônio Salema a Lisboa. Em 1583 tornou-se desembargador dos Agravos e em Lisboa, três anos depois, cerrou para sempre os olhos.

RÚSSIA SOVIÉTICA: INFERNO OU PARAÍSO (III)

HAVERÁ DESCONTENTAMENTO ENTRE OS CAMPONESES?

Exclusividade no Brasil para a REVISTA DA SEMANA — Copyright United Press

Por LAUREN SOTH

● **BERLIM, ALEMANHA**

OS líderes da União Soviética pretendem expandir a produção agrícola. E, para conseguir tal intento, estão utilizando duas políticas paradoxalmente contraditórias. Estão providenciando maiores incentivos à iniciativa individual. E, ao mesmo tempo, trabalham no sentido de que um maior contrôle estatal da agricultura russa venha a ser em breve obtido.

Comumente o Govêrno Soviético está desenvolvendo dois projetos: o desbravamento de terras virgens, na Sibéria Ocidental e na região de Kazakhstan, e a expansão acelerada da produção de milho destinado à alimentação dos rebanhos. Nikita S. Khrushchev, chefe do Partido Comunista Russo, foi o iniciador de ambos os projetos, e assumiu, pessoalmente, a responsabilidade pelo seu êxito ou fracasso.

Khruschev de há muito que é o principal organizador da política soviética no setor agrário. Trabalhou na Ucrânia durante muitos anos, como Comissário do Partido. Evidentemente, tem fé na produção das terras ainda virgens e no milho, os quais podem suprir a União Soviética da produção alimentar adicional de que ela necessita para a sua sempre crescente população.

● **PROGRAMA DE DESENVOLVIMENTO DE TERRAS VIRGENS**

Uma grande parcela de entusiasmo vem sendo posta em uso, de parte de Moscou, na execução dos novos planos agrários soviéticos, mòrmente no que se refere à utilização de terras até agora inaproveitadas para a agricultura. Em tôda a parte por onde andou, a delegação de fazendeiros norte-americanos em visita à Rússia encontrou os órgãos governamentais a braços com êsse programa. Em muitos lugares, mòrmente nas fazendas coletivas do sul da Rússia, diziam-nos que os jovens haviam escolhido, «voluntàriamente», as terras virgens da fria e deserta Sibéria, onde as condições de vida são penosas, para centro de suas atividades.

O plantio do milho está sendo incrementado por tôda a parte. Sem uma única exceção, as fazendas que visitamos acusavam um sensível acréscimo no nível de sua produção dêsse cereal, êsse ano. Um salto vertiginoso, graças a êsse sistema, foi dado pela economia soviética, quanto à área de cultivo do milho; essa área, que era de 11 milhões de acres, em 1954, passou, em 1955, para 45 milhões. Foi, pois, quadruplicada.

Quando o sinal é dado na cabine de comando da União Soviética, as coisas têm de passar-se ràpidamente — até à mais remota das fazendas coletivas siberianas. Essa técnica de dirigismo econômico pode obter maravilhosos resultados no setor da manufatura, no do desenvolvimento hidroelétrico e em outros ramos da atividade.

Uma vez que o Kremlim decida conceder maior quantidade de aço para a produção de tratores, por exemplo, a coisa pode ser feita sem qualquer perturbação, em pequeno espaço de tempo. Contudo, não se passam do mesmo modo, quando se trata de agricultura, e isso mesmo é o que os soviéticos vêm repetidamente experimentando, em 27 anos de atividades agrícolas controladas pelo Estado. Se Krushchev ordena que o milho deve ser plantado com mais intensidade, êle é plantado; mas é preciso que se veja de que maneira. O milho, em realidade, está sendo cultivado em regiões que mal servem para a sua cultura, e por gente que pouco entende do crescimento do milho, e de seu cultivo.

● **ALGUMAS QUESTÕES**

Percebi que alguns dos agricultores das fazendas coletivas punham em dúvida a capacidade de suas terras na produção do milho, embora não dissessem nada. Vimos campos de milho mesmo nas mais distanciadas terras do norte da Sibéria. Muitas destas terras são impraticáveis para o cultivo do cereal, de maneiras que sua produção será mínima, e não compensará, certamente, o tremendo esfôrço e os enormes gastos que se vêm realizando. Aveia, feno, capim e outros alimentos fortes para animais desenvolver-se-iam muito melhor em tal clima, e uma só estação produziria uma quantidade muito maior dêles, do que várias, de milho. Mas Khruschev disse milho — logo, planta-se milho...

A organização da produção agrícola, na União Soviética, é tôda concebida em têrmos totalitários. Há, atualmente, no país, cêrca de 90 mil fazendas coletivas, quando, em 1952, havia 250 mil. Tais fazendas são controladas pelas repartições burocráticas competentes do Govêrno, através do Ministério da Agricultura da União Soviética, ao qual, por sua vez, se filiam os Ministérios da Agricultura de dezesseis outros países. Um mais direto entrosamento é conseguido através das estações centrais de tratores. Dessas, presentemente existem 10 mil. A seção ou estação central de tratores, supre com maquinarias especiais as fazendas coletivas, e também lhes fornece todo o equipamento necessário ao plantio ou à colheita.

Em nossas excursões, nós constantemente indagávamos aos agricultores das fazendas coletivas se prefeririam conservar a maquinaria em seu próprio poder. Não conseguimos encontrar um só que desejasse responder à pergunta. E essa é uma das provas de falta de opinião própria e de ausência de crítica existente num Estado totalitário. É claro que também pode ser indício de que, nas regiões por nós visitadas, os líderes do Partido Comunista Russo contavam com o apoio integral dos agricultores...

● **DESCONTENTAMENTO**

Em algumas fazendas coletivas, todavia, descobrimos sinais de que os operários e lavradores não estavam satisfeitos por dependerem das Estações Estaduais de Tratores (MTS), muito embora tivessem receio de externar seu ponto de vista. Em uma fazenda, os agricultores tudo fizeram para manter sob seu domínio um par de pequeninos tratores. Em quando lhes pedimos maiores detalhes sôbre a pretensão, deram-nos uma resposta satisfatória. Disseram-nos que era mais proveitoso utilizar os tratores do M.T.S., porém, em se tratando de certas culturas, seria necessário um tipo de trator especial, sob seus próprios cuidados.

Pessoalmente, reparei que algumas fazendas ainda dispõem de um número bem considerável de cavalos, aparentemente destinados ao transporte. Talvez o fato possa ser explicado de outro modo, sendo apenas uma maneira discreta que possuem os agricultores de se livrarem, por pouco que seja, do contrôle terrível do M.T.S.

Como complemento de suas funções de fornecedora de máquinas e de equipamento, o M.T.S. serve também como agência de câmbio para transações com o milho e outros cereais produzidos.

A União Soviética possui atualmente 5.000 fazendas do Estado. Tais fazendas produzem muito mais do que as coletivas. Gozam igualmente de inúmeras regalias. São organizações independentes, que possuem máquinas próprias. A seus agricultores, são pagos salários idênticos aos dos operários fabris. Tive a impressão de que os trabalhadores dessas fazendas do Estado tinham porém menos inteligência, e estavam menos interessados na produção, do que os das granjas coletivas.

Existia certo ar de organização militar em tôrno às fazendas estatais. Nas coletivas, os agricultores tinham mais oportunidades de perceberem maiores lucros pelos seus esforços. Tanto o trabalhador nas fazendas coletivas, como nas estatais, têm, contudo, a oportunidade de cultivarem um pequenino lote privado, de possuírem uma vaca, dois porcos e meia dúzia de galinhas. Porém, os que trabalham em fazendas coletivas têm oportunidade de ganhar mais, conforme seu trabalho, o que não acontece com os empregados nas fazendas estatais.

Muito embora a atual política soviética se oriente no sentido de permitir, aos camponeses, um maior grau de iniciativa privada, o grande sonho da Chefia Suprema do Partido Comunista ainda parece ser o maior desenvolvimento das fazendas estatais, ou das grandes granjas coletivas, dirigidas pelo M.T.S.

Perguntei a altos funcionários do Ministério da Agricultura se estava nos planos governamentais a fundação de novas fazendas coletivas. Disseram-me que não. Porém, tudo o que observamos em nossa longa viagem indica que o contrôle da agricultura mecanizada é apenas um capítulo de conveniência na longa via da economia russa.

● **TEORIA DE LYSENKO X TEORIAS MODERNAS**

Procura-se, atualmente, na União Soviética, alcançar o grau de desenvolvimento já atingido, em tal setor de atividades, pelos Estados Unidos e demais países ocidentais. Mas, nem sempre tais procuras têm conduzido os técnicos

soviéticos a conquistas reais. Êsse, o motivo pelo qual alguns dos métodos russos aplicados à agricultura estão ainda à distância de um quarto de século dos utilizados na América. A Cortina de Ferro, que isolou durante tantos anos a União Soviética dos demais países, custou-lhe muito no que concerne à ciência agrícola. Mais ainda custou a tutela política dos cientistas.

A delegação de fazendeiros norte-americanos que visitou a União Soviética teve o ensejo de percorrer pelo menos dez Institutos e Centros de Pesquisa pertencentes ao Ministério da Agricultura. Essas visitas capacitaram a obtenção de informações atinentes à pesquisa soviética no campo da agricultura, como havia vinte anos não fôra possível. Pode. a nossa delegação verificar o que é a pesquisa agrícola, na Rússia, e de que maneira estão sendo postos em prática os métodos recomendados pelos técnicos do Ministério da Agricultura, de Moscou, em fazendas e granjas coletivas soviéticas.

Afortunadamente, entre os membros da delegação norte-americana encontravam-se dois renomados cientistas agrícolas dos Estados Unidos. São êles W. V. Lambert, técnico em genética, diretor do Instituto de Agricultura da Universidade de Nebraska, e William Reed, especialista em solos, diretor do Instituto Técnico-Agrícola da Carolina do Norte, em Greensboro.

Êsses homens estavam em posição cômoda de aquilatar a qualidade das pesquisas agrícolas soviéticas.

● A TEORIA DE LYSENKO

Pràticamente, em todos os Institutos por nós visitados, os cientistas soviéticos repetiram, como papagaios, a teoria da hereditariedade preconizada por T. D. Lysenko. No Instituto Lysenko de Genética e Incrementação da Agricultura, tivemos a oportunidade de conhecer, com detalhes, essa famosa teoria. Lysenko ali trabalhou, entre as décadas de 1920 e 1930, e ali elaborou suas idéias sôbre o incremento da agricultura.

No Instituto em causa, Hereditariedade é definida como «as exigências que determinada planta faz, para obter determinadas condições». A hereditariedade de uma planta (dizem os cientistas russos) pode ser modificada, dando-se-lhes condições que ela não requer, isto é, «educando-a». Contou-nos um pesquisador agrícola do Instituto que é necessário «despertar o apetite» de determinada espécie de planta, a fim de modificar-lhe as características. Disse, mais, que seria necessário «ministrar à planta o exato regime.»

Quase todos os entendidos de genética, fora da Rússia, rejeitaram tal teoria. Contudo, Stalin achou as idéias de Lysenko perfeitamente de acôrdo com o dogma comunista. Assim, por muitos anos, foi considerado perigosíssimo discordar das idéias do Deus soviético da agricultura. Há, porém, indicações de que presentemente alguns jovens cientistas soviéticos entraram em desacôrdo com a teoria clássica. Mas, nos Institutos Agrícolas, suas idéias ainda não penetraram.

Pensam os doutores Reed e Lambert que algumas das plantas e dos cereais destinados a alimentar o gado, por êles examinados, eram o testemunho da fragilidade da teoria de Lysenko, muito embora ninguém o afirmasse categòricamente, na União Soviética.

Grande parte da produção agrícola atual é excelente, especialmente no que se refere ao trigo, de que a Rússia já foi principal produtor mundial. Mas as explicações de Lysenko de como as melhores variedades de trigo são obtidas, são tidas como errôneas por inúmeros cientistas ocidentais, e também, agora, por diversos técnicos soviéticos. Dizem, os discordantes de Lysenko, que é a seleção das espécies melhor adaptadas, feita pelo homem, ou pela natureza mesma, que dá origem aos melhores cereais, e não a alteração, pelo contrário, prejudicial, da sua hereditariedade.

● «HANDICAP» DUVIDOSO

Acha Lysenko que se conseguiu um «handicap» valioso, na pesquisa agrícola, ao se limitar o incremento das plantações e do apuro de cereais destinados à alimentação do gado, ao tipo de seleção «Luther Burbank». Pràticamente não existe um desenvolvimento de linhas inatas para se fixar determinadas características desejáveis nos cereais, a fim de que, pelo cruzamento, sejam alcançados novos produtos híbridos.

Nos Estados Unidos, foram alcançados, graças aos métodos baseados na teoria mendeliana da conservação dos característicos da espécie no genes, grandes progressos na obtenção de novas variedades. O milho híbrido, por exemplo, nasceu dessa maneira.

Os cientistas russos não se cansam de falar em cereais híbridos, mas possuímos sérias razões para duvidar que o verdadeiro método de alcançar novas espécies híbridas esteja sendo atualmente pôsto em prática na União Soviética. Disse-nos um ministro da Agricultura russo que noventa e cinco por cento do milho produzido na União Soviética é híbrido. Não vimos, porém, indícios de que êsses «híbridos» sejam algo mais do que meras cruzas de variedades, pelo pólen. Os milharais produzem espigas de vários tamanhos e qualidades, ervilhas são colocadas sem ordem pelos canteiros, numa desordem que, para os técnicos soviéticos, é sòmente a obediência à teoria de Lysenko.

(Cont. na pág. 54)

CAMPONESES SOVIÉTICOS expõem, em Moscou, no Mercado Livre, suas verduras e hortaliças. A preocupação de lucro não desapareceu de todo da Rússia Soviética.

A seguir: «A PAZ SERÁ MANTIDA?» o

HUMORISMO

SPECTATOR

● Se em rádio é tarefa difícil fazer humorismo, em televisão o esfôrço é ainda maior; além do recurso da graça das anedotas narradas, deve ainda o humorista ser um perfeito artista nas expressões fisionômicas, a fim de que os espectadores se distraiam com as suas graças. Muitos têm sido os programas exibidos em TV com o fim de distrair ao público e são êles apresentados das mais variadas maneiras, seja através de exibições circenses, apresentação de imitadores, concursos feitos com perguntas espirituosas dirigidas aos candidatos que comparecem aos estúdios e sob muitas outras formas. Poucas dessas apresentações, no entanto, são as que conseguem realmente alcançar o seu objetivo: geralmente as graças, com o tempo, começam a repetir-se e acabam por cansar ao público.

Jorge Lorêdo, elemento da TV-Tupi, tem se destacado fazendo imitações; via de regra suas apresentações conseguem bastante agrado. Em «Arca de Noé» tem essa mesma emissora um interessante passatempo, não só para o espectador de casa como para os que comparecem aos estúdios a fim de participar das brincadeiras. O programa é animado por José Vasconcelos que, além de dirigir perguntas divertidas aos que concorrem aos prêmios que o patrocinador oferece, faz êle próprio alguns dos seus números de maior agrado do público. Têm, portanto, os espectadores de tôdas as idades, um ótimo entretenimento nessas apresentações dos domingos à tarde.

Entre as oportunidades de distração que são oferecidas através da TV, deve-se destacar «É proibido falar», animado por Lídia Matos. O programa provoca o riso dos assistentes, ao presenciarem os apuros por que passam os candidatos ao tentarem explicar, por meio de mímica, aos participantes do grupo a que pertence, a frase que lhe coube por sorte. A idéia do programa é interessante, sendo valorizada pela maneira viva e simpática como Lídia o conduz.

Alda Garrido, levando ao público de TV os seus maiores sucessos teatrais, também oferece-lhe momentos de prazer e diversão.

Como se vê, a TV oferece campo para o desenvolvimento de idéias as mais variadas para programas humorísticos ou quaisquer outros que tenham por objetivo levar ao público sadio divertimento. É necessário, porém, cuidar para que essas audições, com o correr do tempo, não venham a repetir-se e acabem por cansar, em lugar de distrair ao espectador.

Virgínia Lane apareceu assim, montada em um elefante, em um dos seus «shows» na TV-Tupi.

como o tempo de duração dos programas é geralmente muito curto, são as entrevistas encerradas precipitadamente, como aconteceu quando compareceram aos estúdios Paulo Autran, Tônia Carrero e Adolfo Celli para representar trechos do «Otelo», que no momento apresentam em um dos nossos teatros. Depois de várias perguntas feitas por Paulo, Tonia disse um monólogo e logo após o programa foi encerrado, tendo os espectadores ficado privados da representação que lhes iria oferecer Paulo Autran.

Talvez dificulte as apresentações de Paulo Soledade a não elaboração prévia de um roteiro das perguntas a serem feitas aos convidados, o que facilitaria em muito a sua tarefa.

VAMOS MELHORAR?

Os espectadores aborrecem-se quando vêem anunciado no vídeo dos seus aparelhos, como próximo programa, «Filmes variados». Já sabem que por algum tempo, se quiserem manter os receptores ligados, terão que suportar desenhos e filmes de curta metragem que já foram vistos dezenas de vêzes e que a cada nova exibição apresentam maiores deficiências técnicas.

Mais uma vez indagamos se não há possibilidade de renovar as películas, poupando ao público êsse aborrecimento.

★

Paulo Soledade tem na TV-Tupi três programas feitos principalmente através de entrevistas. Em nenhum dêles, no entanto, Paulo consegue tirar dos entrevistados o que pretende. Fala muito pausadamente, por vêzes parece faltar-lhe o têrmo preciso e, dessa maneira,

As audições de Leny Eversong continuam sendo sucesso absoluto.

Lídia Matos durante uma entrevista com a nadadora Piedade Coutinho.

Grau dez:

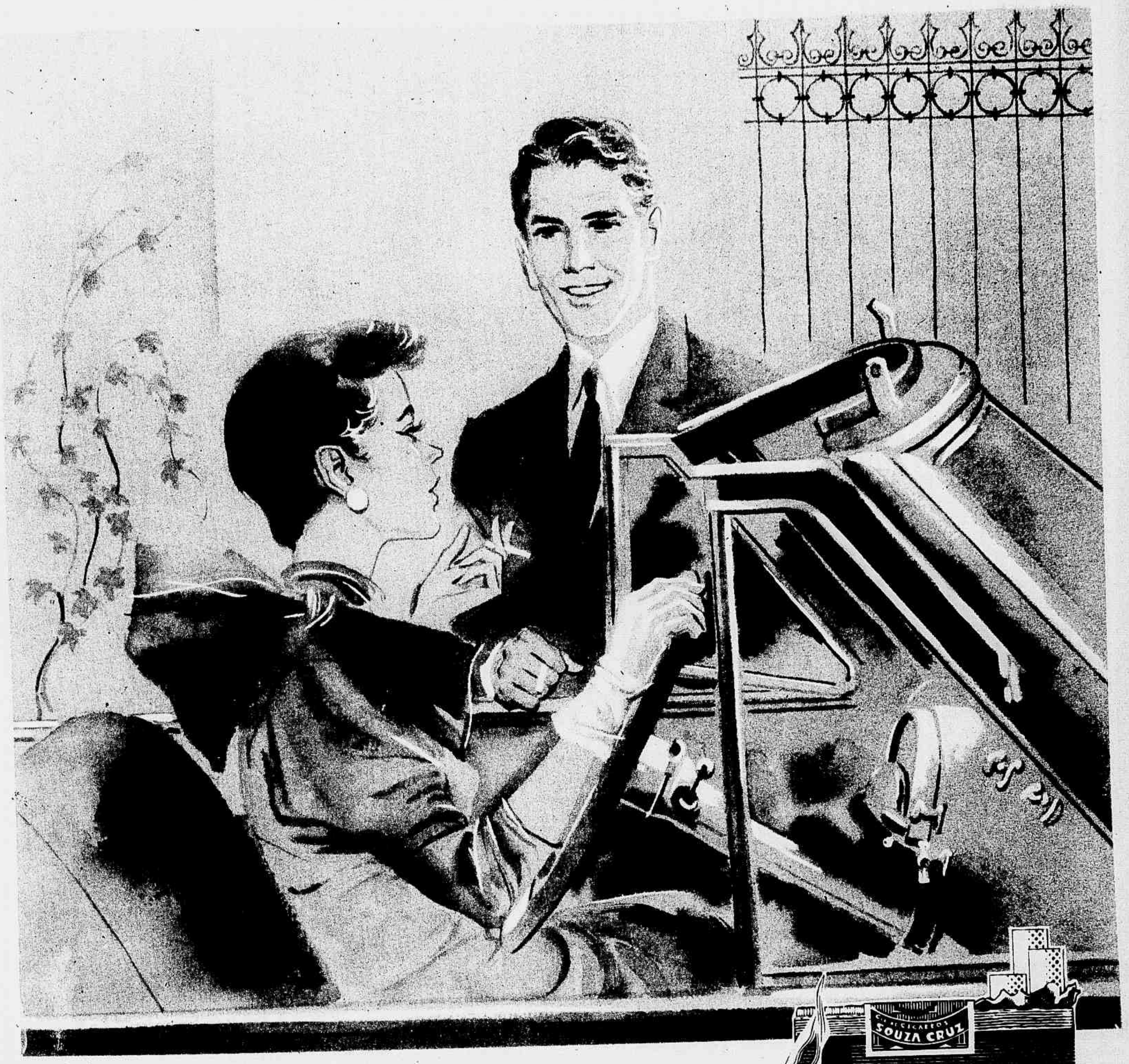
...Para "Pequenos recitais", audições que levam ao conhecimento do público, em cada exibição, um jovem artista. O programa, dedicado aos apreciadores dos clássicos, é muito bem apresentado e consegue agradar.

—o—

...Para a dupla de bailarinos "Liliana e Luciano" que se apresentou com grande sucesso em um dos "shows" da TV-Tupi. Embora a orquestra não cooperasse em muito e por vêzes desafinasse bastante, o casal dançou vários números, desde o "charleston" até ao "boogie" e outras danças modernas, com muita agilidade e grande variedade de passos, o que concorreu para que a sua exibição alcançasse pleno agrado.

—o—

...Para Heloisa Helena e Alberto Perez, sem dúvida elementos dos mais destacados do elenco teatral da TV-Tupi. O casal de artistas aparece com freqüência aos espectadores vivendo os mais diversos papéis e obtém sucesso pela maneira séria com que encaram o seu trabalho.



Agora Sim!

você fuma um bom cigarro!...

Cada vez mais pessoas estão mudando para

hollywood

uma tradição de bom gôsto

UM PRODUTO SOUZA CRUZ

H-88.288

A CANTORA JULIETTE GRECO, a «musa do Existencialismo», que estêve há tempos no Brasil, casou-se, e é agora artista de teatro, tendo interpretado um difícil papel em «Anastasia», de Maurette, no Teatro Antoine de Paris. Ei-la quando recebia os cumprimentos do príncipe Romanov.

POR ÊSSE MUNDO DE DEUS

JANE RUSSEL acaba de receber um «Abacaxi de Ouro», dado todos os anos pelos jornalistas americanos à atriz que mais paciência tenha demonstrado para com os profissionais da imprensa. Êsse ano o prêmio foi entregue no Havaí, onde Russel se encontrava. Ei-la beijando o Herbert Moses de lá.

JOSIP TITO, ditador da Iugoslávia, acaba de visitar, a convite do Imperador Haile Selassié, a heróica Etiópia. Ei-lo ao lado do «Leão de

KIRK DOUGLAS e Elsa Martinelli — a última novidade em matéria de «coisinhas fôfas» italianas, aqui aparecem juntos, comendo um delicioso «spaghetti» em qualquer parte da Península. Elsa desempenhará, ao lado de Kirk importante papel em «The Indian Fighter», a ser concluído breve.

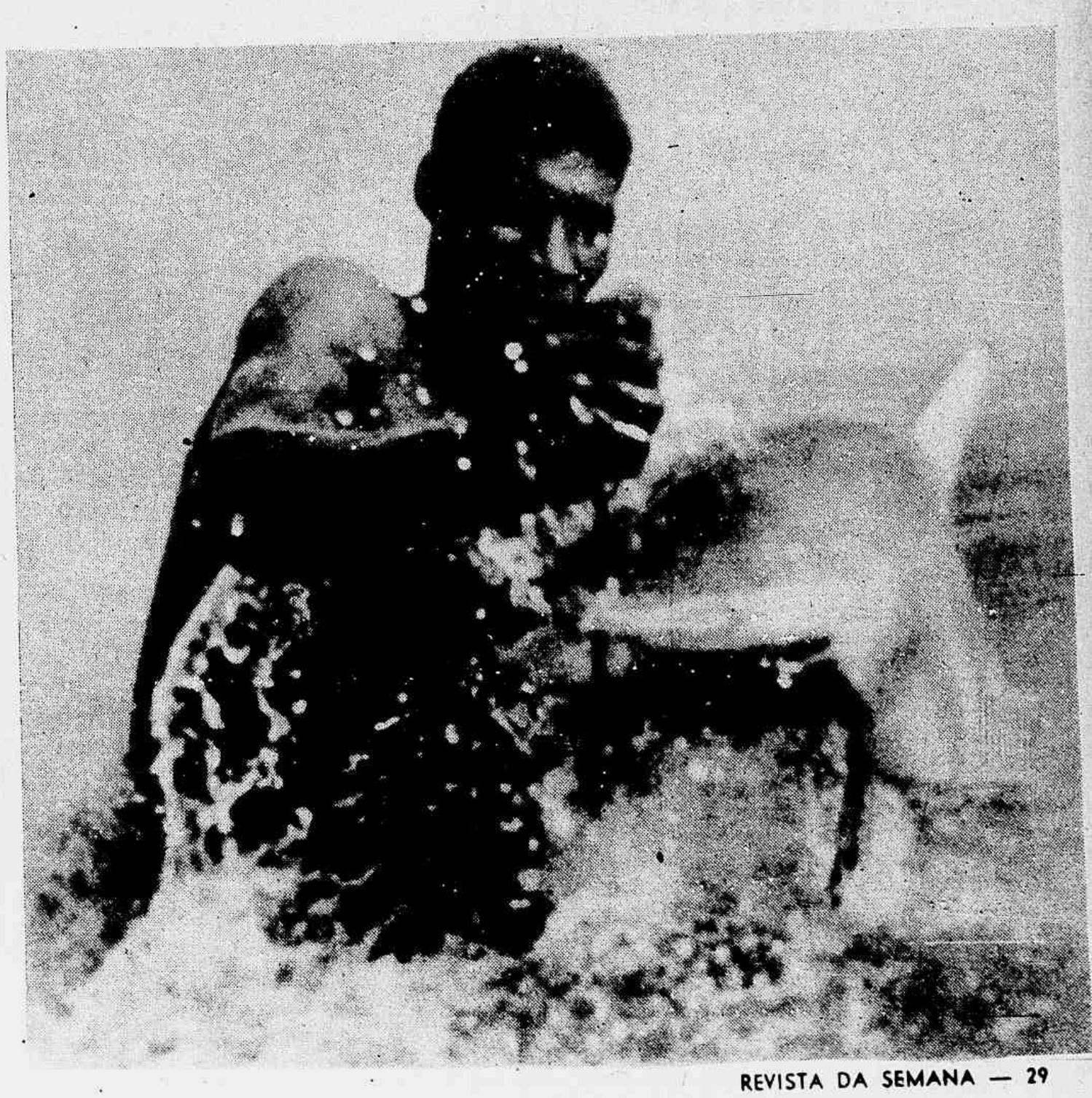
SÃO ASSIM os enterros no longínquo Sião: os homens carregam aos ombros a liteira funerária, contendo os despojos do morto. Levam à cabeça.

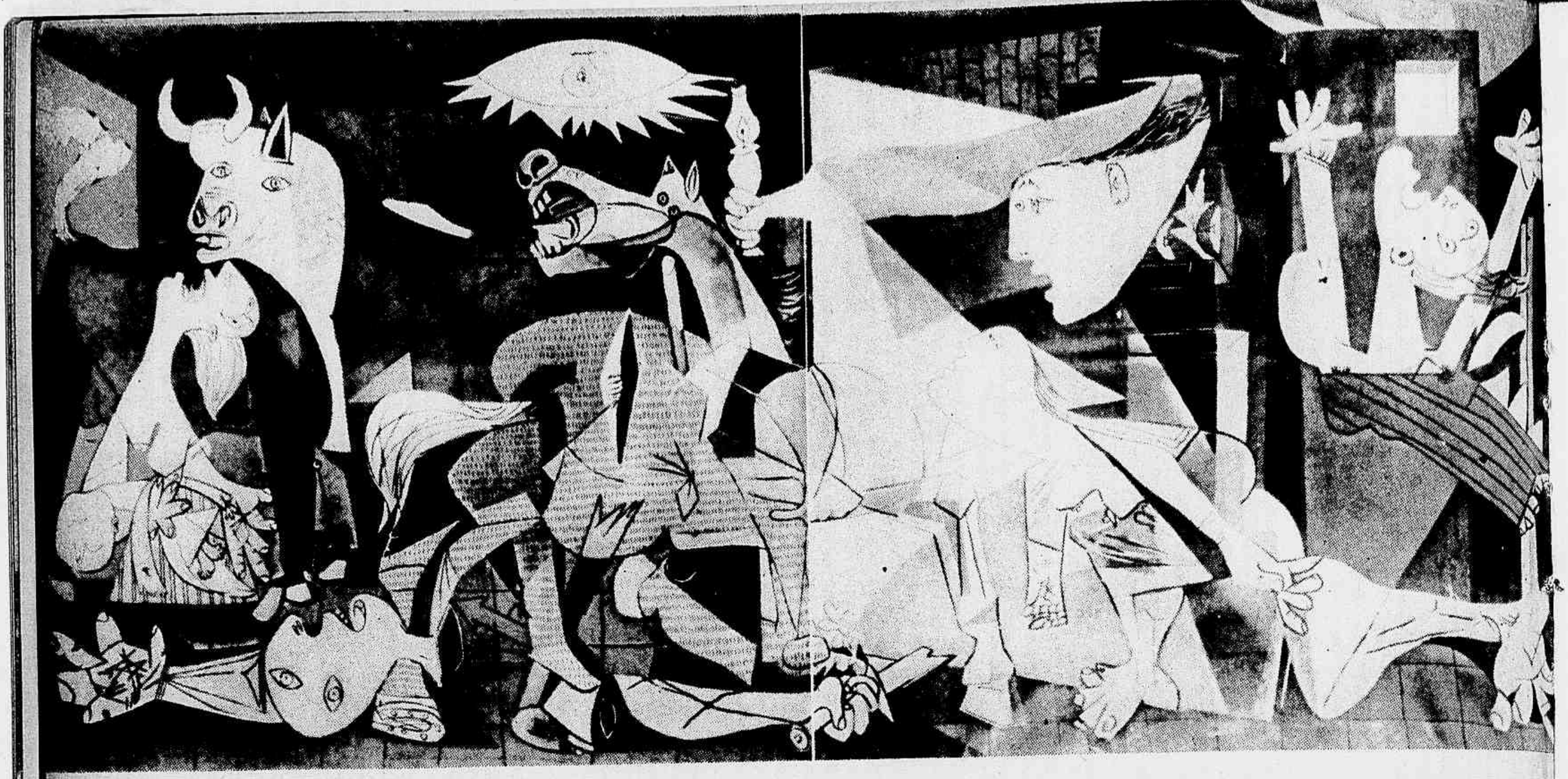
Judá», quando passavam revistas às tropas, em Addis-Abeba. Notem-se os trajes le leopardo dos membros da Guarda Imperial etiope.

em sinal de pesar, um enorme lenço branco. A liteira tem as côres tradicionais do rito fúnebre tailandês: vermelho, verde e amarelo.

ISTO TAMBÉM É ESPORTE!

QUANDO NÃO têm mais nada o que fazer, os nativos das ilhas Dominicanas, nas Antilhas, armam-se de afiada faca e atiram-se ao mar, à procura de... tubarões! E ai do esqualo que lhes desperte a atenção! Está irremediàvelmente perdido. Êsse, por exemplo, divisado de bordo de uma barcaça, sustentou contra o homem luta desigual, e terminou por levar um puxão de nariz, já que não possui orelhas.





EM 1937, aviões de Franco arrasaram a cidade espanhola de Guernica, em poder dos republicanos. Pablo Picasso, tomando de seus pincéis, pintou sua maior e mais célebre tela — GUERNICA —, imenso painel de 7 metros e 80 por 3 metros e 50. Está atualmente no Museu de Arte Moderna de Nova York. Quando dali é retirada, a freqüência do Museu baixa de um têrço.

Setenta e cinco anos de Picasso

COSTUMA-SE chamar Picasso de «bizarro», dono de uma inteligência imensa, a divertir-se com tôdas as fantasias que lhe ocorrem ao cérebro. Contra isso, Venturi reage, ao afirmar que nada, na fabulosamente grande obra do artista, está abandonado ao acaso: tudo é meditado e medido, desempenhando determinado papel no conjunto de suas telas. E' claro que, em quase sessenta anos de carreira fecunda, o estilo de Picasso sofreu transformações sensíveis, que assim podem ser ràpidamente esboçadas: de 1896 a 1906, grande influência de El Greco, da escultura gótica, do Impressionismo francês, de Toulouse-Lautrec; de 1907-1909, descoberta da arte primitiva dos negros, época de «Les Demoiselles d'Avignon», nascimento do Cubismo, influência de Apollinaire e de Max Jacob; de 1909 a 1914, o apogeu do Cubismo, o aparecimento do Futurismo, do Orfismo, do Suprematismo, que deixam vestígios passageiros na obra de Picasso; de 1915 a 1925, época dos Arlequins, dos Saltimbancos, dos Ballets Russos, de Diaghilev, e prosseguimento da fase cubista; de 1926 a 1932, surgem as ilustrações, datam certos trabalhos que recordam a atmosfera clássica, faz-se notar uma crescente melancolia nas obras de Picasso; de 1933 a 1936, é época de escultura e de gravura, de cenas pintadas de interiores, de touros agonizantes; de 1937 a 1944, aparecem «Guernica», os sofrimentos da Espanha e da Humanidade transformados em símbolos de inexcedível beleza, o expressionismo, as famosas «Cabeças de Touro»; finalmente, de 1945 até ao presente, vem se intensificando a atividade de Picasso, ao invés de diminuir, com as alegorias «Massacre na Coréia», com a cerâmica, com a escultura, com a Literatura, etc., etc.

PICASSO, ARTISTA «CURIOSO»

Não há caminho, por difícil que seja, que não tenha merecido, de parte de Picasso, pelo menos uma atenta busca. Desde os anos de sua mocidade, Picasso procura manter-se a par com o que, em matéria de Pintura e de Escultura, de Gravura e até de Literatura e Música, se faz pelo mundo. Assim, sua obra enorme retrata, documentadamente, as diversas etapas por que passou a arte moderna, desde o fim do século passado, até ao presente — do neo-impressionismo ao surrealismo, do expressionismo ao abstracionismo. Essa disponibilidade de Picasso, que seus adversários não lhe cansam de atirar ao rosto como um defeito, traduz, ao contrário, a visão universal do gênio de Picasso capaz de traduzir, em qualquer estilo, o que lhe vai na alma. E' conhecida sua frase: «Eu não procuro, eu ACHO».

FASE AZUL, FASE ROSA

E' comum, quando se trata de Picasso, falar-se em «fase azul», em «fase rosa». A fase azul traduz uma espécie de reação ao espírito impressionista, pelo qual, nos primórdios de sua carreira, Picasso demonstrou, como já dissemos, inclinação; a rosa, certa nostalgia do classicismo.

PICASSO E APOLLINAIRE

E' interessante reproduzir aqui o texto que o grande poeta Guillaume Apollinaire, um dos criadores do Cubismo, dedicou a Picasso: «Vede êsse pintor, êle capta as coisas também com suas sombras, e num piscar de olhos sublimador, rasga-se em acordes profundos e agradáveis de se aspirar, tal como o órgão, que amo ouvir. Arlequins tocam contra um rosa-azul de um belo céu. Essa lembrança revigora os sonhos e as mãos ativas. Oriente cheio de geleiras, o inverno é bárbaro. Lustres ou tela irisada ou lei das estrias de fogo, fundo murmurando. Azul, chama ligeira, prata das ondas, azuis após o grande grito...

PICASSO E RIMBAUD

A Rimbaud, o grande autor de «Unse Saison en Enfer», deve Picasso a proeminência que, em suas obras, adquiriu o desenho, em detrimento da côr, em determinada época. Picasso, com efeito, lera em Rimbaud:

— «On ne reproduira plus les objects, on disposera des sentiments grâce à des lignes, des couleurs et des schémas pris ou monde extérieur, simplifiés et domptés: une véritable magie».

Nenhum outro artista moderno tem experimentado, por tão longo espaço de tempo, a glória, e nem recebido as homenagens que o espanhol, de há muito residente em França, Pablo Ruiz Picasso vem experimentando e recebendo. Nem no ramo das Artes Plásticas, nem no da Literatura ou da Música, com efeito, existe, ou existiu, um outro nome que se pudesse comparar ao seu, em todo o transcurso dessa primeira metade do século vinte. Fala-se, bem ou mal, da pintura de Picasso, da escultura de Picasso, das gravuras, da poesia de Picasso; e, ultrapassando-se os limites da vida privada do artista, não se deixa de comentar os vários aventurescos lances de que a vida do malaguenho está repleta. Desde 1897 — quando o crítico Cadalo escreveu pela primeira vez sôbre o então jovem Ruiz Picasso, que viera de expor em Barcelona —, até aos dias que correm, não se tem cessado de escrever sôbre a obra e a personalidade do pintor. Por isso, nesses sessen-

«MULHER SENTADA» pertence a uma época cheia de novas procuras. Foi pintada em 1937, e é um exemplo do expressionismo picassiano. De seus retratos, diz Picasso: «Meus retratos não se parecem com os modelos, porém os modelos acabam por achar-se parecidos a êles».

ta anos que já dura a carreira picassiana, algumas centenas de livros lhe foram dedicadas. E' verdade que, de quando em quando, uma voz discordante aparece, para fazer certas observações diminutivas sôbre o talento de Picasso. Célebre exemplo disso é Bernard Herenson, que em sucessivos artigos vem tentando provar aquilo que denomina de «fragilidade de Picasso» — certa tendência para o sentimentalismo que denotam algumas obras do pintor. Também Osvaldo Goeldi, o grande gravador brasileiro de renome internacional, não aprecia Picasso, a quem denomina de «verdadeiro camaleão das artes plásticas». Tais opiniões são porém raras, de vez que tôda à obra imensa de Picasso é elogiosa.

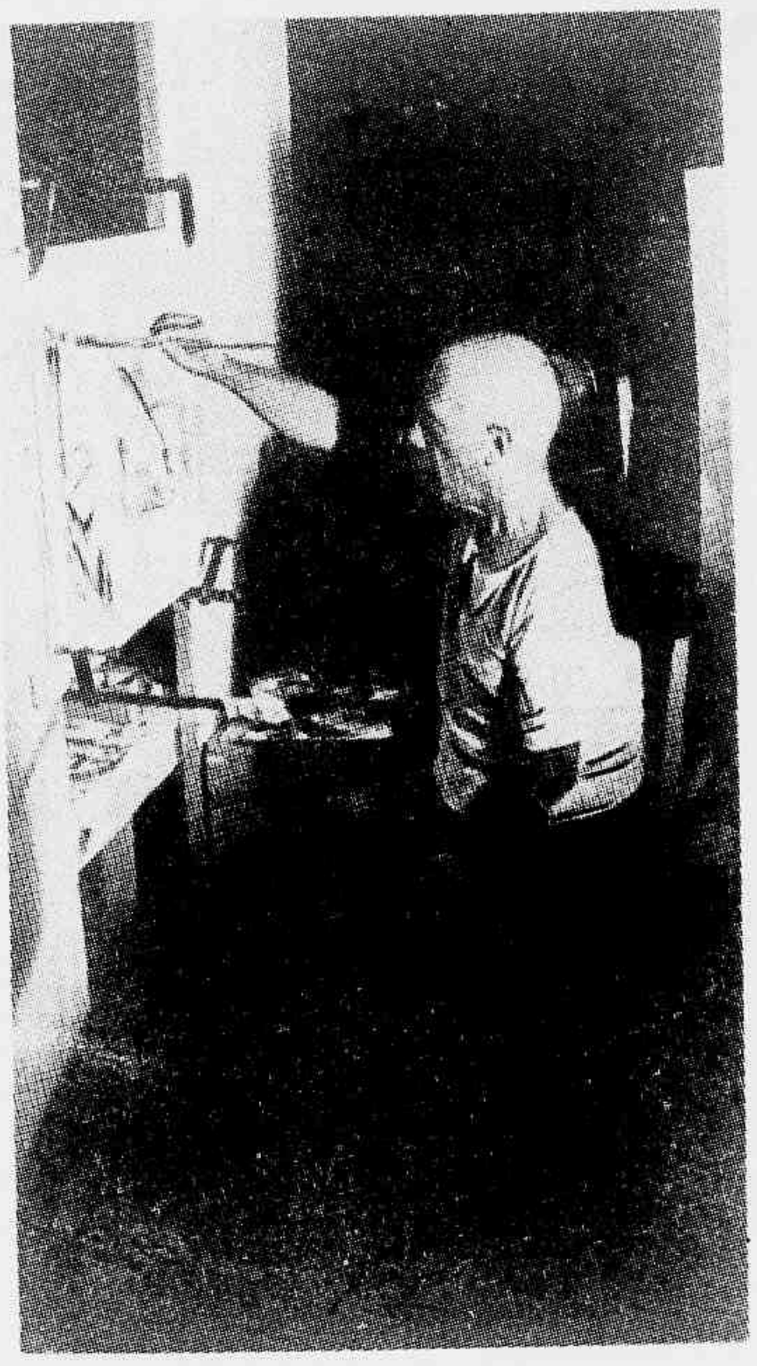
PICASSO — MITO E REALIDADE

Existe um mito Picasso, é inegável. Assim como o nome «Portinari» é, no Brasil, sinônimo de Pintura Moderna, o de «Picasso» significa o mesmo, no mundo inteiro. Os que admiram a arte moderna, elogiam o espanhol sem reservas; os que não a apreciam, ridicularizam-no. São raros os que, sabendo que não existe senão boa e má, obra de arte, analisam as produções de Picasso, fazendo sobressair o que possuem de bom, e condenando o que de convencional, de decorativo e de frágil contém elas.

PICASSO, TESTEMUNHA DE NOSSA ÉPOCA

Não pretendemos, em poucas frases, fazer o que, em muitos grossos volumes, não conseguiram ilustres historiadores da arte: explicar o gênio picassiano, através de sua obra imensa e valiosa. Queremos, apenas, salientar o papel de destaque que, em nossa civilização ocidental, o pintor exerce. Porque — não tenhamos dúvidas a êsse respeito —, a muitos estudiosos do futuro, o século vinte não há de ser chamado o século de Hitler ou de Stalin, de Einstein ou de Roosevelt ou de Gandhi, mas o Século de Picasso.

PABLO RUIZ PICASSO é considerado o maior pintor dos tempos modernos. Sôbre sua personalidade e obra, algumas centenas de volumes, nas mais diversas línguas, já foi publicada. O grande artista vive em Vallauris, na Côte d'Azur.



SETENTA E CINCO ANOS DE IDADE, MAIS DE SESSENTA DE UMA CARREIRA INSUPERÁVEL — EIS PABLO RUIZ PICASSO

PINTADA em 1925, essa tela representa o filhinho de Picasso, Paul, então com 5 anos, em fantasia de Pierrot. É um óleo de 125x97 cm, onde certo sentimentalismo, certa pieguice, mesmo, do artista, pode ser notado. Os críticos por vêzes fazem graves restrições ao estilo de Picasso.

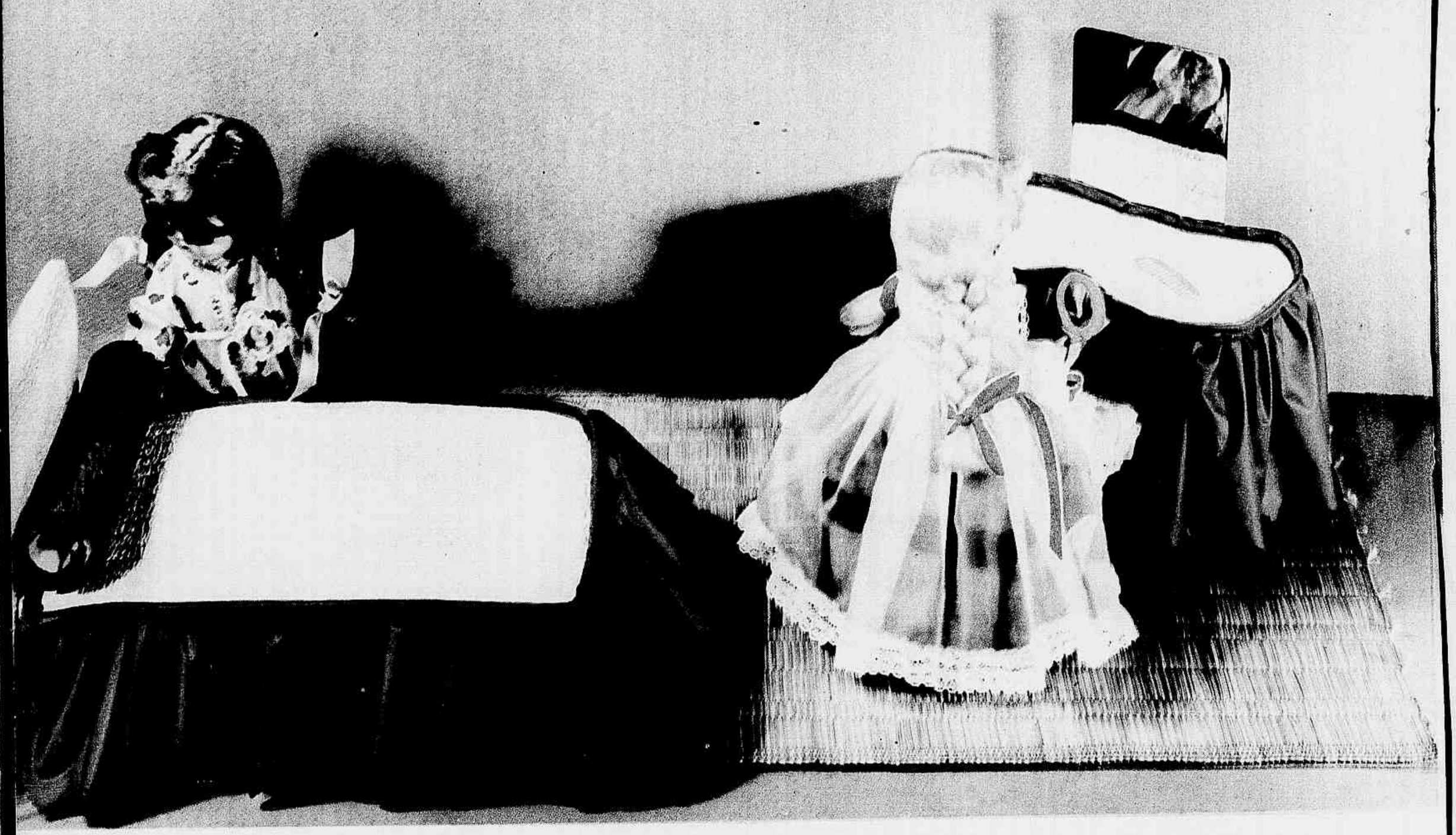
QUEM É PICASSO

Nasceu em Malaga, na Espanha, a 25 de outubro de 1881, filho do professor de desenho José Ruiz Blasco e de Maria Picasso. Aos dez anos, freqüenta a Escola de Belas Artes de Corogna, e já pinta telas de certo valor. Em outubro de 1895, Picasso presta concurso vestibular à Escola de Belas Artes de Barcelona, terminando em um dia as provas para cuja resolução era concedido um mês aos vestibulandos... Em 1896, muda-se para Madri. No ano seguinte, volta a Barcelona. Em 1900 parte para Paris com seu amigo o pintor Casagemas; em 1901 vai à ilha de Majorca, e, em Barcelona, funda a efêmera revista «Arte Joven». Depois volta a Paris, expondo na casa Vollard com sucesso. De 1903 a 1904, novo período passado em Barcelona. Mas na primavera de 1904, o artista se estabelece definitivamente em Paris, onde vem a conhecer Max Jacob, Apollinaire, Salmon, Reverdy, e tantos outros intelectuais, bem como pintores como Braque, Modigliani, Soutine, etc., etc. Em 1907, após conhecer a escultura negra, pinta «As Damas de Avignon», início da escola cubista. Em 1908, ao redor de Picasso se estabelece o grupo de «Bateau-Lavoir»: Braque, Metzinger, Laurencin, Apollinaire, Raynal, e tantos outros, dele fazem parte. De 1909 a 1912, época do cubismo analítico. De 1912 a 1921, do cubismo sintético. Em 1917, por convite de Jean Cocteau, Picasso passa a colaborar com os Ballets Russos; depois, parte para a Itália. Até 1924, colaboração com os Ballets de Diaghilev. Em 1932, Picasso redescobre a escultura. De 1933 a 1934, Picasso faz várias viagens à Espanha. Em 1935, seus «Poèmes» são publicados. Em 1936, os revolucionários espanhóis nomeiam Picasso diretor do Museu do Prado — nomeação efêmera... Em 1937, na Exposição Universal de Paris, o artista expõe seu célebre «Guernica» — sua obra prima. De 1940 a 1944, ocupação alemã de Paris. Picasso permanece na capital francesa. Em 1945, retira-se para Vallauris. Em 1946, principia a fazer cerâmica. Em 1949, nova viagem à Itália. Em 1951, «O Massacre da Coréia». Em 1952, sua conhecidíssima escultura «A Cabra».

O NOVO modêlo de Picasso é uma jovem camponesa provençal, de olhos negros e «rabo de cavalo», cujo pescoço recorda a arte do grande artista rival de Picasso, Modigliani. A graciosidade do retrato ao lado é insuperável. Seu autor, contava à época, 74 anos de idade.

CONVERSA DE MULHER

LYGIA JUNQUEIRA



SUGESTÃO PARA O LAR

Apresentada embora em miniatura, a sugestão de hoje é para um «verdadeiro» quarto de criança ou adolescente. A nota de originalidade «prática» é o emprêgo do plástico, tanto para a cobertura da cama e sua cabeceira, quanto para a penteadeira. Tudo muito fácil de se limpar com água e sabão quando fôr preciso, mesmo a esteira que, no chão, faz às vêzes de tapête. Branco e vermelho para um quarto de paredes cinza; branco e verde-água, com paredes amarelinhas; branco e rosa com paredes azuis... eis três sugestões para as côres do quarto de Belle Kogan.

Existe a mulher perfeita?

Um famoso conferencista inglês fêz esta pergunta ao numeroso público feminino que o ouvia:

— Alguma de vocês já ouviu falar na «mulher perfeita»?

Uma senhora de meia idade levantou-se e respondeu:

— Sim, senhor. Já ouvi.

— Então a senhora conhece uma mulher perfeita... e, por favor, quem é ela?

— A primeira mulher de meu marido — foi a resposta melancólica...

PERGUNTARAM AOS MARIDOS...

Uma equipe imensa *de médicos, psicólogos, e "conselheiros" (profissão muito comum nos Estados Unidos) de 14 países, perguntaram a 110.000 maridos o seguinte: "Se pudesse voltar atrás, desposaria outra vez com sua atual espôsa?".*

E o interessante é que... 64% *responderam que* sim!

O questionário perguntava ainda aos maridos: a sua idade, há quanto tempo estavam casados, o número de filhos e a profissão. Pedia-se que descrevessem o seu casamento e que dissessem qual — a seu ver — as principais causas do fracasso matrimonial (quando havia).

As respostas e os comentários permitiram aos estudiosos fazer uma lista dos elementos que destroem um casamento, e que são:

1. *Infidelidade*
2. *Dinheiro*
3. *Diferença de caráter*
4. *Extravagâncias ou incapacidade de governar uma casa*
5. *Egoismo*
6. *Ciúmes excessivos*
7. *Bebida*
8. *Falta de saúde.*

Isso tudo, naturalmente segundo o ponto de vista dos maridos, que concorda com os estudos sôbre casamentos fracassados de especialistas nesse assunto.

LEITOR INDEVIDO?

Não, senhor Cláudio, não concordamos com a sua classificação de si próprio como: «leitor indevido, pois a secção é feminina». Há «conversas de mulheres» que muito interessam aos homens.

Quanto à pergunta que nos faz sôbre as obrigações do sogro (pai da noiva) em relação ao futuro lar, a resposta é que: cada terra sem seus usos e seus costumes, cada família, também, tem suas tradições próprias.

Existem sogros que se limitam a dar o enxoval (roupa de cama e mesa, e roupa pessoal da noiva); outros vão mais além e dão a mobília de quarto; outros dão até apartamento para o casal morar. Obrigação, obrigação, não existe nenhuma, nem mesmo a de dar o enxoval se não quiser ou não puder. O dote era pràticamente obrigatório no tempo em que uma espôsa constituía uma carga financeira para o marido. Mas êsse tempo já acabou. Hoje em dia, **quando é preciso,** ela ajuda a sustentar o lar, trabalhando em casa ou fora de casa. O melhor «dote» que um pai pode dar à filha é educá-la de forma que, num caso de adversidade, ela possa resolver por si mesma os problemas de seu sustento e da educação de seus filhos. Concorda?

NOTINHAS ÚTEIS

TENHA em algum lugar em sua casa — uma gaveta ou uma caixa — todo o material necessário para pregar um prego ou parafuso: chave de fenda, martelo, verruma, e uma pequena caixa com pregos e parafusos de diversos tamanhos. São indispensáveis e, além disso, seu marido se irritaria se — uma vez cada dez anos! — não os encontrasse ràpidamente e em perfeito estado!

★

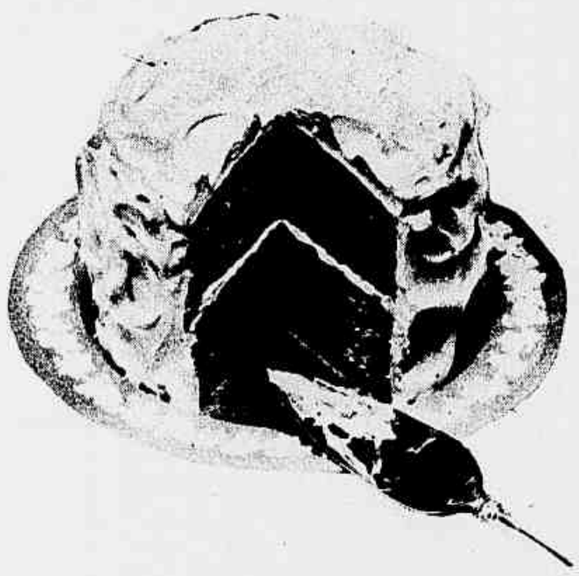
APLIQUE-SE em tornar a sua caligrafia legível e clara. Lembre-se de que escrevemos para que os outros nos possam ler e não para demonstrar que sabemos fazer curvas, traços e floreados mais ou menos «artísticos». Também a nossa assinatura deve ser simples e inteligível. A não ser que escreva para pessoa de muita intimidade, ponha sempre o seu sobrenome depois do nome. E' convencimento e, portanto, falta de educação, presumir que pessoas com quem somos relativamente pouco relacionadas tenham a obrigação de nos conhecer pelo nome apenas.

★

DEVE-SE evitar à mesa exclamações como: «Que delícia!», «Que maravilha!» e outros elogios, principalmente na casa dos outros. Quando, porém, se é convidado para comer alguma especialidade e quando os donos da casa são conhecidos como entusiastas de sua cozinha, é aconselhável fazer alguns comentários sôbre as iguarias servidas, porém «comentários reais» e não exclamações no estilo das que vão acima.

WEEK-END NA COZINHA

São tantas as ocasiões de se fazer um bôlo mais festivo, que devemos ter uma grande variedade de receitas no nosso caderninho de cozinha. Um aniversário, um lanche e dentro em pouco, o Domingo de Páscoa. Êste é um bôlo feito com melado:



1 — Bate-se bem: 1 xícara de açúcar prêto e 1 colher de manteiga. Depois de bem batidos acrescentam-se 3 gemas, tornando a bater até a massa ficar esbranquecida.

2 — Peneiram-se juntas 2 xícaras de farinha de trigo, 1 de maizena e uma colherinha de fermento em pó. Juntam-se à massa, alternadamente com 1 copo de leite e melado (1/2 copo de leite e 1/2 de melado).

3 — As 3 claras são batidas em neve, com uma pitadinha de sal. Despeja-se na massa e misturá-se com cuidado, sem bater muito.

Assa-se o bôlo em duas fôrmas untadas, e forno bem quente. Depois de assado espera-se esfriar antes de cobrir com a seguinte glacê:

Misture, numa tijela: uma clara, 3/4 de xícara de açúcar mascavo e uma pitadinha de cremor de tártaro. Junte 1/2 xícara d'água fervida com 3 colheres das de sopa de mel (junte-se à clara, ainda fervendo) e comece a bater com um batedor manual ou elétrico. Quando a glacê estiver crescida e grossa ponha uma colherinha de essência de baunilha. Recheie e cubra o bôlo como mostra a fotografia.

BELEZA

Betty Hutton — Paramount

Segredos de beleza

CABELOS — Um penteado muito complicado envelhece, porém, um penteado excessivamente juvenil torna mais evidente a velhice do rosto... Portanto, se já não tem a cútis tão fresca e os traços tão jovens, procure o tipo de penteado simples que mais realce a sua beleza madura.

SOBRANCELHAS — Se quer ter sobrancelhas espêssas e compridas escove-as tôdas as noites, ao deitar, com óleo de rícino ou óleo de amêndoas. Tenha persistência, durante meses... O resultado há de compensar. Sobrancelhas e pestanas escassas envelhecem e tornam o rosto sem vida.

PELE — Os cuidados com a pele devem ser constantes. Limpe-a, alimente-a, tonifique-a, se quer evitar que, mais cedo do que devem, as rugas apareçam. Não franza a testa, não comprima os lábios, não force os olhos...

LÁBIOS — Os batons escuros endurecem o rosto e também envelhecem. O vermelho claro e o rosa acentuam a beleza da pele. Procure a tonalidade que combina com seu tipo.

OLHOS — Lave-os freqüentemente com água boricada ou com água de rosas para que se conservem sadios e brilhantes. Também os maus pensamentos e o mau humor tornam o olhar baço e desagradável.

EM QUALQUER PONTO DO BRASIL QUE V. S. RESIDA

O MUNDO PORTUGUÊS

UM JORNAL PARA O BRASIL E PORTUGAL

Estará Tôdas as Semanas ao Seu Alcance. Seja Assinante Dêste Moderno Semanário e Esteja em Dia Com os Acontecimentos da Pátria de Camões!

Assinaturas:

AV. RIO BRANCO, 277 - 12.º - GRUPO 1.203 FONE 32-0499
RIO DE JANEIRO

BÉL-HORMON

A BELEZA DOS SEIOS

Quando o busto fôr insuficiente ou sem firmeza, use BÉL-HORMON nº 1 e quando fôr, ao contrário, demasiadamente volumoso, use BÉL-HORMON nº 2. BÉL-HORMON, à base de hormônios, é um preparado modernissimo, eficiente, de aplicação local e resultados imediatos. Adquira-o nas farmácias e drogarias ou pelo Correio.

Distribuidores para todo o Brasil: Sociedade Farmacêutica Quintino Pinheiro Ltda. — Rua São Januário, 706

Soc. Farmacêutica Quintino Pinheiro Ltda. — Queiram enviar-me pelo Reembôlso Postal um vidro de «BÉL-HORMON» Nº .....

NOME .....

RUA ..... Nº .....

CIDADE ....

ESTADO ....

Preço para todo o Brasil: Cr$ 75,00

LEIAM

ESPORTE ILUSTRADO

★

TÔDAS AS QUARTAS-FEIRAS

★

PREÇO CR$ 5,00

REVISTA DA SEMANA
Cr$ 7,00 em todo o Brasil

EM S. PAULO HOSPEDE-SE NO MODERNISSIMO

BAR RESTAURANTE
A LA CARTE

Solteiro Cr$ 280,00 — Casal 380,00

Sem mais acréscimos

PRINCIPE Hotel

Avenida São João, 1072 — Telefone: 37-0181 (Rêde Interna)
SÃO PAULO — End. Telegr. «PRINCIPEHOTEL»

Semana Astrológica

INDICAÇÕES DO SEU HORÓSCOPO ENTRE OS DIAS 17 E 23 DE MARÇO DE 1956
(HEMISFÉRIO SUL)

Se o leitor nasceu sob o signo do:

★ CARNEIRO (21/9 — 20/10) — O novo período se anuncia desfavorável para o leitor que se sentirá tomado de um inexplicável desalento. Forte pessimismo o dominará, neutralizando-lhe tôdas as possibilidades de realização. Felizmente a crise será de curta duração.

★ TOURO (21/10 — 20/11) — Acontecimentos bem favoráveis pontilharão sua vida sentimental e, do mesmo modo, as atividades sociais. Do lado feminino terá todo o apoio de que tiver necessidade. A semana beneficiará, igualmente, as especulações.

★ GEMEOS (21/11 — 22/12) — As favorabilidades da semana irão além das suas previsões, anunciado como está, um novo período cheio de influxos harmoniosos. Aproveite a oportunidade para o reajustamente que estiver planejado. O momento será oportuno.

★ CANCER (23/12 — 20/1) — Os três primeiros dias da semana serão contraditórios, bons num certo sentido e desfavoráveis noutro. Em tais condições, sua atuação deve revestir-se do máximo cuidado. Não se precipite nem resolva nada de afogadilho.

★ LEAO (21/1 — 20/2) — Ótimo período para noivados e casamentos e também para a constituição de sociedades comerciais. Todos os setores de concurso estrão bem aspectados no seu horóscopo. Os negócios serão processados com facilidade.

★ VIRGEM (21/2 — 22/3) — Os negócios habituais serão de pequeno rendimento. Dê sua maior atenção aos chamados casos extras e aos imprevistos. A sorte virá assim, numa caixinha de surprêsa. Os quatro últimos dias da semana serão os melhores.

★ LIBRA (23/3 — 20/4) — Recuse, no limiar, as propostas tentadoras que lhe forem feitas. Há sério perigo de funestos enganos nesse particular. Um negócio à primeira vista bom, poderá comprometer-lhe a reputação. Não se associe a ninguém.

★ ESCORPIAO (21/4 — 20/5) — As mudanças e as operações de créditos estão interditas durante os próximos sete dias. Tôda e qualquer outra atividade poderá ser exercida com segurança e bons resultados. Os piores dias serão 18 e 22.

★ SAGITARIO (21/5 — 23/6) — Júpiter, o «Bondoso» derramará a cornucópia da sua celestial bondade sôbre a cabeça do leitor, favorecendo-o extraordinàriamente. A semana será rica de eflúvios e de aspectos planetários harmoniosos.

★ CAPRICÓRNIO (24/6 — 22/7) — Suas relações com o govêrno estarão muito bem amparadas na semana entrante. Suas pretenções serão atendidas e bem acolhidas as solicitações que fizer. Pode encaminhar seu requerimento.

★ AQUARIO (23/7 — 21/8) — Não conte com os parentes e com suas amizades, na vigência da semana em pauta. Os estranhos servirão melhor. O planêta que lhe comanda o destino ocupará a nona casa, facilitando-lhe dêsse modo o apoio dos estranhos ao seu meio.

★ PEIXES (22/8 — 20/9) — O lôbo trará lã nos pés. Conhece o brocado? Não seja otimista, pois, na semana em causa. Desconfie dos que se mostrarem muito cordatos ou generosos. A traição e o peculato, de mãos dadas, estarão no ar...

● **OS NOMES DA SEMANA**

Março, 17	—	Juvêncio	—	Heloísa.
" 18	—	Gerôncio	—	Genoveva.
" 19	—	Tibúrcio	—	Sofia.
" 20	—	Solidônio	—	Celina.
" 21	—	Evaristo	—	Creusa.
" 22	—	Evandro	—	Norma.
" 23	—	Renato	—	Alba.

● **EFEMÉRIDE DA SEMANA**

Marcha e posição do Sol ao meio dia de Greenwich

Março, 17	26º	52'	46"	(Signo dos Peixes)
" 18	27º	52'	27"	(" " ")
" 19	28º	52'	5"	(" " ")
" 20	29º	51'	41"	(" " ")
" 21	00º	51'	15"	(Signo do Carneiro)
" 22	1º	50'	47"	(" " ")
" 23	2º	50'	16"	(" " ")

PIAFF VEM... PIAFF NÃO PÔDE VIR...

FERNANDO LÔBO

A primeira vez que se falou na vinda de Edith Piaff, ela já havia deixado o seu bom boxeur o que por sua vez havia substituído outro bom ciclista. Estava mordendo uma tristeza grande, quando Yves Montand veio ao Brasil por um preço módico, mais para ganhar paisagem, praias e sol, que cantar suas melodias bonitas. Vinha varado por um amor dos bons da moça Signoret, hoje mãe de seus filhos. De lá para cá, nunca mais se deixou de ter notícias da «Grande Piaff», uma espécie de Araci de Almeida em gênero, tamanho e arte. Há dois anos deixaram de soltar o boato habitual da sua vinda, que sempre surge, logo depois do carnaval, quando as «boites» fecham, os cronistas noturnos ficam mortos de sem assunto e o que vale é escrever qualquer coisa para um faturamento legal. E' que Edith Piaff, juntou seu coração a um novo francês, nosso velho conhecido e que por essas terras nossas viveu muito tempo. Êle também amou uma outra cantora, aquela Lucienne Boyer que veio mesmo ao Brasil. Naquele tempo êle tinha «pinta» melhor, por fôrça dos anos menos somados no seu lombo de homem de muitas terras. Casou a Piaff com aquêle mesmo Jacques Pills que com Tabet nós vimos há muitos e muitos tempos.

Começou outra vez o sussurro, uma espécie de fumacinha marota que sempre sai do «Copacabana Palace» para a pena dos que escrevem. De positivo, nada dito. De concreto, nada mesmo. Um artista vem quando da sua programação de compromissos encontra uma brecha para novos compromissos. Atrás desta parecem andar os donos da noite, desde que a Piaff existe. Mas, será que chegou a existir ou está existindo agora, esta negociação com a artista ou ela está naquela posição de ser a última a saber? O boato pré-carnavalesco está na rua. Se ela vier vai ser bom para quem é da noite, se não vier é mais uma mentira que se consuma, uma mentirinha à-toa que nem dá pra ninguém ficar com raiva, pois a Piaff não é no momento a coisa mais importante que Paris possui. Há grandes bossas novas, mas que só trabalham vendo o capim mimoso bem perto das mãos — ou melhor, dòlarsinho dêsses que estão custando setenta e danou-se!

EDITH MOREL
Férias longas em Buenos Aires, outra vez para matar saudades do Rio

ROTEIRINHO

Carminha Mascarenhas dentro das noites do "Sacha's" — Diamantina Gomes nas noites do "Ciro's", que tem também o acordeon de Stauber — Aloisio de Oliveira, visto bem acompanhado no "36" — O "Juca's Bar" volta a ganhar sua freguesia antiga pela presença de Nilton Freitas — Verônica Beck baseada agora na hora do jantar do "Sacha's" — Nanai em dupla com Rosinha (Lorca) numa noite morna no "Jirau" — Ruth Amaral abre seu restaurante na Avenida Atlântica onde há do bom e do melhor — Uisque a 65! Será que pode? — "Casa Grande" uma casa triste e grande quando não tem ninguém. Sempre grande — Gigi vivendo bem as horas da noite do seu "Bacará" — Ankito volta ao palco ali no Teatro Jardel — E no "36" tem a melhor comida do fim da noite.

FECHADAS — Definitivamente fechada a «boite» Casablanca e, por fôrça de férias, o «golden-room» e o Meia-Noite do Copacabana, e o Beguin. Muitos bars de Copacabana estão ameaçados de fechamento por falta de clientes.

SÍLVIO — Carlos Machado já começa a traçar os planos de seu novo espetáculo que seria estrelado por Sílvio Caldas — agora fora do «Chicote» de São Paulo. Muitos colunistas afirmam ser o título «O Grande Seresteiro» mas, Machado costuma mudar o nome de suas apresentações muitas vêzes uma semana antes da estréia.

SILVEIRA EM SÃO PAULO — «No País dos Cadillacs», um «show» que bateu um recorde de permanência no palco do «Beguin» depois num teatro da Cinelândia, está agora em São Paulo depois de ter sido enormemente ampliado.

O BARÃO ARRUMA AS MALAS — Uma revista de boa forma pediu ao Barão que desse a sua colaboração na página culinária. Êle, que tanto entende dos segredos dos bons molhos, não aceitou o trabalho declarando que estava muito triste com «os brasileiros que estão sendo muito ingratos com êle naquela questão do incêndio do «Vogue». Daí a sua resolução de mudar-se definitivamente para os Estados Unidos. Esperemos que os norte-americanos não sejam também maus para com o Barão que tanto amou o nosso querido Brasil. Daí o fechamento do «Casa Grande».

O «SHOW DE ONTEM»
Estes quatro excepcionais bailarinos faziam moldura de um dos «sketches» de «Êste Rio Moleque», «show» dos tempos em que o «Casablanca» estava vivo e tinha a batuta de boa regência de Machado.

CINE-ROMANCE

A FÚRIA DOS JUSTOS

O sol declinava no horizonte e seus raios penetravam diagonais pela janela do tribunal banhando o rosto de Angel Chavez, que permanecia sentado no banco das testemunhas. Suavemente David acabava de fazer-lhe algumas perguntas e êle admitiu que tinha ido à praia na mesma noite em que Maria Wiltse faleceu, confessando ter encontrado o corpo da jovem, em uma das escadas, quando estava prestes a retirar-se.

— Eu a conheci no colégio, disse, e ia nesse momento afastar-me porque temia que alguém nos visse juntos... quando ela me disse: «Não te vás», e me segurou a mão.

— Tens certeza de que ela te segurou a mão?

Angel confirmou.

— Então sentamo-nos em um banco e ela colocou a minha mão sôbre seus joelhos, dizendo-me que seu pai a havia advertido que jamais deveria deixar que algum rapaz fizesse semelhante coisa com ela. Então eu a beijei e abracei e foi quando notei que sua roupa se descompunha. Ela gritou e me arranhou o rosto, fugindo de mim, escada acima. Depois caiu e comecei a gritar pedindo socorro. Aproximou-se um grupo de pessoas e ali a encontrou caída...

David estudou cuidadosamente o que ia perguntar em seguida.

— Alguma vez tiveste a intenção de seduzir Maria Wiltze?

— Nunca.

— E sabias o que isso queria dizer?

— Não. Com muita certeza, não sabia.

— Mas agora já sabes...

— Sim... porque o senhor me explicou.

Alguns assistentes riram de boa vontade com essa resposta ingênua.

CAPÍTULO V

— Pode interrogar o acusado, disse David a Armstrong.

As perguntas do procurador foram rápidas e objetivas. Que estava Angel fazendo na praia

(T R I A L)

Novela baseada na película do mesmo título da M.G.M.

PERSONAGENS :

David	**GLENN FORD**
Abbe	**DOROTHY McGUIRE**
Barney	**ARTHUR KENNEDY**
Juiz Armstrong	**JOHN HODIAK**
Sra. Chavez	**KATY JURADO**
Angel Chavez	**RAFAEL CAMPOS**
Magistrado Motley	**JUANO HERNANDEZ**
A. A. Sanders	**ROBERT MIDDLETON**

essa noite? Não havia ido com o expresso propósito de seduzir a Maria Wiltse?

— Eu... eu nem sabia o que isso queria dizer... balbuciou Angel, mostrando-se claramente perturbado pela extraordinária rapidez das perguntas.

— Por que não voltaste da praia? continuou Armstrong.

— Porque ela me prendeu pela mão...

— E não podias soltá-la?

— Eu... quer dizer... eu...

— Tu és um atleta! não?

— Sim, jogo base-ball...

— E essa jovem estava doente?

— Protesto! interrompeu David. Isso impõe uma conclusão do acusado... E' informal!

— Bem... ela era uma criança! gritou Armstrong exasperado. Podes chegar a essa conclusão, não, Chavez?

— Ela era uma criança, respondeu Chavez, mas...

— Limita-te a responder a minha pergunta. Podias muito bem retirar a mão... Mas não o fizeste... por quê?

— Tinha mêdo... de que ela se aborrecesse... ou então que...

— Não receiaste que ela se aborrecesse quando lhe puseste a mão sôbre o joelho?

— Não, porque foi ela quem a pôs!

— Ah, sim, tinha esquecido... exclamou Armstrong com sarcasmo. — Ela movimentou a tua mão sôbre o joelho! E tu não tiveste nada a ver com isso, hein?

— Não... quero dizer, sim... mas... — Angel lançou um olhar de angústia para David.

— Chavez, continuou Armstrong sem piedade, quando arrancaste os botões do vestido de Maria Wiltse, não é verdade que o fizeste porque tentavas seduzi-la?

— Não.

— Não? Simplesmente porque não sabias o que quer dizer... sedução!

— Exato...

Armstrong retirou da pasta um certificado assinado por Angel Chavez, em que se provava que êle havia feito um curso de Fisiologia e Higiene na escola superior de San Juno e que

Abbe permaneceu até o caso ser definitivamente resolvido e Angel ficou poupado à pena de morte. Agora ela sabia que seu futuro estava traçado, na companhia de David.

Consuelo correu em direção ao filho e o abraçou em pranto. Calorosos aplausos receberam a decisão do juiz. David foi rodeado por uma pequena multidão que o felicitava.

havia compreendido muito bem os temas relacionados com a matéria.

— Como podes dizer agora que não entendes o mesmo tema?

— Não entendo por completo, explicou Angel. As palavras complicadas que se usam nos textos... essas não entendi... E se o aluno não assinar o certificado declarando que compreendeu exatamente todo o conteúdo... não será aceito!

— E não querias permanecer na classe, estudando, depois das horas de aula?

— Exatamente...

— Então mentiste ao assinar êsse documento dizendo que havias compreendido tudo perfeitamente... hein?

— Sim senhor...

— Mentiste para não ficar em aula depois das horas regulamentares... como não has de mentir agora para salvar a própria vida?

— Mas eu não estou mentindo... balbuciou o rapaz sentindo-se cada vez mais embaraçado e com um temor que subia ao pânico ao notar que as palavras do procurador o estavam empurrando implacàvelmente para o cadafalso.

— E' tudo o que eu queria ouvir, disse Armstrong voltando as costas ao acusado e ocupando o seu lugar na sala.

★

O corpo de júri acabou reconhecendo Angel Chavez culpado pelo delito de morte. A mãe do rapaz lançou um grito desesperado. David sentiu-se arrasado. Só Barney permaneceu imperturbável. O juiz Motley fêz saber aos presentes que a sentença respectiva seria pronunciada no dia seguinte e suspendeu a sessão.

Todo o resto do dia e da noite David os passou dando tratos à bola. para encontrar algum recurso capaz de evitar que o rapaz fôsse mandado à fôrca. Um recurso de apelação seria inútil. Nenhum tribunal jamais revogou uma sentença proferida pelo juiz Motley, e Barney tudo arranjara para que essa oportunidade não se apresentasse agora pela primeira vez.

— A lei é um negócio como qualquer outro, explicou Barney tratando de consolar David. Não é possível sentir tudo no coração. Você perdeu a causa, David... mas lembre-se que há sempre um lado que tem de perder uma causa...

— Eu não perdi essa causa, replicou David friamente. O senhor deliberadamente a pôs em mãos do lado contrário.

Nessa noite, David quase não dormiu. E na manhã seguinte, bem cedo, dirigiu-se à praia de San Juno, em companhia de Abbe, como se quisesse encontrar ali uma solução para o seu problema. Jamais se havia sentido tão desesperado, só e abandonado no mundo. A cada instante parecia ver o semblante de Angel Chavez, assustado e atemorizado ante a torrente de perguntas de Armstrong... E aquela palidez de morte do rapaz, quando o juiz pronunciou o veredicto, jamais a esqueceria.

— Existe alguma coisa errada em tudo isso, falou Abbe. Porque não resta dúvida que algum remédio deve existir. Penso que exista, porque você também pensa e eu acredito em você...

— O tribunal vai abrir dentro de três horas. A biblioteca estará aberta dentro de quinze minutos. Uma das coisas que Barney me falou, era verdade. Um advogado não deve deixar que seu coração o arraste a ponto de esquecer o uso da lei. Sou professor de leis. Estou certo de poder encontrar alguma coisa na biblioteca para resolver o meu problema.

Barney já havia retirado David oficialmente do assunto, e quando o tribunal foi aberto para ser pronunciada a sentença, Barney solicitou que se fizesse constar que o veredicto não estava de acôrdo com a evidência apresentada aos jurados. O magistrado Motley negou a moção e a subseqüente excepção apresentada por Barney. David, que se encontrava entre os espectadores, compreendeu que seu chefe estava apenas simulando esforços para salvar Angel com o propósito de impressionar a imprensa e a opinião pública.

Apesar dos protestos de Barney, David levantou-se e insistiu em que o juiz o escutasse antes de pronunciar a sentença.

— Como bem sabe, senhor juiz, disse David, a grande maioria das causas criminais são concluídas mediante um justo arranjo entre o Estado e a Defesa. Essa é precisamente a maneira porque o procurador quer solucionar êste assunto. E essa é também a forma porque êste caso deveria ficar resolvido. Mas, devido à circunstância de que Angel Chavez estêve mal representado neste Tribunal, êsse lógico sistema não foi observado. Eu fui um defensor inepto e meu cliente sofreu as conseqüências da minha incapacidade profissional.

Barney, furioso, levantou-se pedindo ao juiz que ordenasse a David guardar silêncio, muito mais agora que nada mais tinha a ver com os trabalhos.

— Não vejo porque a defesa venha a sofrer danos, observou o juiz, com o que êsse jovem advogado me está dizendo.

— Eu creio firmemente que Angel Chavez teria sido sôlto, absolvido, continuou David, se não tivesse ido sentar-se na cadeira das testemunhas. A decisão para levá-lo a essa cadeira e assim dar uma oportunidade para que o sr. Armstrong o atordoasse com um dilúvio de interpelações foi decisão do meu colega Barney, de mais ninguém...

(Cont. na página 54)

ESCOLINHA DE ARTE

A MENINA está desenhando, no ar, os contornos de um objeto que os outros alunos terão de descobrir. Note-se como todos, compenetrados, buscam penetrar na intenção da companheira. Não há idade para se começar a amar a Arte.

REINO ENCANTADO DAS CRIANÇAS

COMO NASCEU A IDÉIA DE UMA ESCOLINHA DE ARTE ★ ERA IMPRESCINDÍVEL LIBERTAR O IMPULSO CRIADOR DA CRIANÇA ★ DIREITO DE EXPRESSÃO ARTISTICA ★ INTEGRAÇÃO DA CRIANÇA NO RITMO DA VIDA ★ MÉTODOS MODERNOS VERSUS MÉTODOS DO PASSADO ★ A ESCOLINHA TERÁ SEDE PRÓPRIA ★ SUCESSO NO ESTRANGEIRO ★ EXPERIÊNCIAS SEMELHANTES

Reportagem de HYNENNY GOMES FERREIRA

Fotos de A. FERREIRA

● A pequenina sala, onde dois ou três «bureaus» se atravancam, está rodeada de estantes, em que se alinham livros e estatuetas de barro de todos os formatos. Uma jovem loura nos atende. Ouve-nos em silêncio e depois se encaminha para o aposento contíguo. Dali, uma voz cordial nos chama sem cerimônias:

— Mande a REVISTA entrar para cá!

ÀS VOLTAS com tintas e pincéis, êsse garôto de cinco anos vai aos poucos tomando gôsto pelas coisas da Arte. Em cada cidade do Brasil, em cada bairro, devia haver coisa igual.

EM PLENO trabalho de elaboração artística, essas duas meninas, alunas da Escolinha de Arte do Brasil, passam horas alegres e saudáveis.

Entramos. E nos defrontamos de cara com Augusto Rodrigues, rodeado de crianças de várias idades, lambuzadas de tinta, alegres em seus aventais brancos, entregues às tarefas artísticas de todos os dias. Com aquêle seu jeitão de pernambucano amigo, Augusto diz estar à disposição da reportagem, «para tudo o que desejar saber». Como já nosso roteiro estava traçado, desferimos-lhe a primeira pergunta: como havia surgido a idéia de uma Escolinha de Arte.

— A origem das Escolinhas de Arte no Brasil — disse-nos inicialmente Augusto Rodrigues — surgiu da necessidade que sentiram alguns artistas e educadores brasileiros de que os métodos de educação deviam ser reorientados no sentido de assegurar à criança o direito e os meios de desenvolvimento das suas capacidades criadoras. Entendiam êsses artistas e educadores que, salvo raras exceções, as escolas primárias e secundárias «ensinavam» o desenho pelos velhos moldes tradicionais, ignorando os novos métodos de resultados tão surpreendentes. Eram surdas ao apêlo de Cizeck, feito há quase 60 anos em Viena, para libertar o impulso criador existente em tôdas as crianças, o que viria trazer às mesmas, como já provara as suas experiências, vantagens de ordem estética e psicológica. Enquadravam-se êsses artistas e educadores no pensamento de Sir Herbert Read, de que era necessário dar uma nova orientação à educação, a fim de que tôda a gama das faculdades humanas — tanto as do sentido como as intelectuais, as criadoras tanto quanto as construtivas — pudessem exercer-se e desenvolver-se harmoniosamente, de modo a que todos os homens pudessem se conformar às normas de beleza, que são as únicas neste mundo de interêsses em conflito, objetivas, universais e unificadoras. O primeiro contacto que tivemos da profunda reforma por que passara o ensino de arte nas escolas, foi em 1941, através de uma exposição de desenhos e pinturas de crianças inglêsas, enviada ao Brasil pelo British Council.

DIFUSÃO DE ESCOLINHAS

Satisfeitos com a resposta inicial, quisemos saber de Augusto Rodrigues se êle encontrara na Europa experiências semelhantes às da Escolinha de Arte. Após acender um cigarro, assim se manifestou o caricaturista pernambucano:

— Sim. Na França, Arno Stern, que dirige a «Academie du Jeudi», mantém classes para crianças, no sentido de estimular a expressão plástica infantil; Pierre Duquet, em Amiens, numa pequena escola, realiza também um notável trabalho de educação estética da criança. Trouxe 250 trabalhos das mais variadas técnicas, selecionados na escola dêsses dois educadores franceses, para uma grande exposição que a Escolinha vai realizar brevemente. Se num ou noutro país vi experiências curiosas e isoladas, pude observar na Inglaterra que a preocupação pela educação estética da criança está difundida num sentido mais amplo de que em qualquer outro da Europa, tanto devido ao trabalho pioneiro de Miss Marion Richardson, já falecida, como através da obra do famoso crítico inglês Sir Herbert Read. Em Portugal encontrei uma escolinha semelhante à nossa, dirigida pela professôra Cecília Menano, e entramos em contacto com vários grupos interessados no problema da educação estética da criança. Na Itália, através de palestras e aulas, entrei em contacto com os professôres que iniciam o movimento de renovação.

IMPORTANCIA DA ARTE INFANTIL

— Que importância empresta à arte infantil? perguntamos então.

— Isadora Duncan dizia que a Arte é maior que a Vida. Para o educador, a arte é, como salienta Lúcio Costa, «u'a manifestação normal de vida». A arte infantil tem os seus limites e suas características próprias; porém, para nós, mais importante do que defini-la e classificá-la, é assegurar à criança o direito de se exprimir através das atividades artísticas, a fim de que ela venha a se tornar mais feliz e mais sensível à obra de arte.

Augusto Rodrigues, a esta altura, é instado a dar assistência técnica a uma garotinha da Escola, que em meio a outras grava com entusiasmo em madeira ou metal. Depois de atendê-la, volta a falar:

— Mais importante, muitas vêzes, do que a obra realizada pela criança, é o que ela conquistou dentro de si mesma pelo processo criador, isso é necessário que se diga. A importância da arte infantil está menos nela mesma, do que no que ela traz de integração da criança no ritmo da vida, no seu poder mágico de criar uma «vivência» feliz, que se prolonga por tôda a existência.

MÉTODOS MODERNOS

O repórter quis saber de Augusto Rodrigues se existiam métodos especiais para incutir na criança o gôsto pelas criações artísticas.

— Existiam não é o têrmo próprio; existem, sim: os métodos modernos. O objetivo dêsses métodos — prossegue — aplicados na Inglaterra, nos Estados Unidos e em outros países mais adiantados, é conseguir, de qualquer maneira, o prazer da criança, facilitando-a a descobrir a sua própria potencialidade artística. A função do professor passa a ser a de sugerir e criar uma atmosfera que induza a criança a exteriorizar a fantasia rica e exuberante que está em sua mente. A criança, dêsse modo, dirá muitas vêzes aquilo que não teria coragem de dizer por palavras. Ganha auto-confiança. Identifica-se com o grupo e liberta, muitas vêzes — o que é muito importante —, os sentimentos que lhe são desagradáveis, fazendo, através desta liberação, o seu ajustamento emocional. Elimina-se, ainda, o mito do **primeiro aluno.** O grau de divertimento expressado em tais atividades forma o padrão para o seu julgamento. A criança é criadora, desde que se lhe permita, e deixa de o ser quando se substitui o prazer da criação pela cópia e pela imitação do estudo. Atrofia-se não por um processo natural, mas pela limitação dos padrões impostos. Deixa de libertar-se, de aprofundar-se na essência mesma de sua personalidade, por falta de estímulos à sua atividade criadora.

MÉTODOS HERMÉTICOS

— O senhor há pouco falou em «métodos modernos». Parece-nos, pois, que tal asserção implica na existência de «métodos antigos», ou melhor, de «métodos do passado». Que nos diz a êsse respeito?

— Quando me referi aos métodos modernos — prossegue Augusto Rodrigues — objetivava, realmente, falar acêrca dos métodos do passado. Sua observação, pois, é oportuna. Os métodos do passado, contràriamente aos modernos, consistiam na imposição de cópias de «modelos», reproduções de formas geométricas e ornamentais. Exigiam-se qualidades de análise e observação que não correspondem ao desenvolvimento natural da criança. Transformando o jôgo em tarefa, tirava-se a possibilidade da criança exprimir os seus sonhos, as suas fantasias, as suas idéias, as suas emoções, as suas aspirações. Visava-se o desenvolvimento intelectual, esquecendo-se as fontes de emoção. Era o ensino frio, desligado dos interêsses reais da criança. Pedia-se habilidade e precisão, em detrimento da capacidade criadora. A criança «fazia» o que não podia compreender; transformava-se o criador em mero copista, antecipavam-se soluções para problemas que só têm valor quando a criança encontra a sua própria solução.

Augusto Rodrigues faz uma pausa, e depois de meditar um pouco conclui o seu pensamento:

— É nas atividades artísticas — e só os métodos modernos podem resolver o problema — que a criança encontra o melhor meio de entrar na essência de si mesma, de conhecer o mundo que o cerca, de adquirir confiança, de liberar os sentimentos reprimidos — liberação tão importante para o seu ajustamento —, de desenvolver a imaginação, o raciocínio, a capacidade de observação e julgamento.

— E a caricatura na Europa?

— Não vi nada de extraordinário. A caricatura morreu com Daumier e ressuscitou com Steinberg.

APOIO OFICIAL

A esta altura, perguntou o repórter se o movimento da Escolinha tem recebido apoio do govêrno. Augusto Rodrigues sorri, para afirmar em seguida:

— Sim. Já várias vêzes os nossos professôres têm sido solicitados para dar cursos em entidades oficiais. A Escolinha mantém estreita colaboração com o INEP, na parte de formação de professôres para o ensino de atividades artísticas e, reconhecendo a importância do nosso trabalho, tanto na parte de formação de professôres como na assistência direta à criança, vai construir a sede da Escolinha. Os deputados Humberto Teixeira e Chagas Freitas fizeram um projeto de auxílio à Escolinha, projeto êsse aprovado pelo Congresso Nacional. Todos os anos, desde 1951, o ministro da Educação vem patrocinando a Exposição Nacional de Arte Infantil, que reúne trabalhos de crianças de 30 e tantas instituições que têm os mesmos propósitos da Escolinha.

LOUVOR E RESTRIÇÃO

A entrevista aproximava-se do fim. Augusto Rodrigues falava há quase duas horas, ininterruptamente. A garotada da Escolinha trabalhava com afinco na madeira, no metal e na modelagem. Diante daquele quadro, fizemos a última pergunta ao fundador da Escolinha. Interessava-nos saber se além do seu trabalho, havia no Brasil outras iniciativas no sentido da educação estética da criança.

— Sim, responde Augusto Rodrigues. Há várias instituições realizando trabalho idêntico ao nosso e devemos fazer justiça aos professôres primários, tanto daqui como do interior, que cada dia se preocupam mais com o problema da melhoria do ensino da arte. Os artistas também se aproximam da Escolinha. Se por um lado há êsse aspecto tão promissor, temos a lamentar o aparecimento das «professôras» de «ballet» para as meninas de 5 anos, dos concursos de desenho infantil e dos descobridores de meninas-precoces, finalizou, contristado, Augusto Rodrigues.

SIR HERBERT READ, com Augusto Rodrigues, examinando um desenho infantil brasileiro, quando de uma exposição em Londres.

A "ESCOLINHA" VISTA PELA CRÔNICA MUNDIAL

AUGUSTO RODRIGUES, fundador da escolinha.

«Quem visitar a Exposição de Dover Street não hesitará em louvar a notável qualidade dos trabalhos expostos pelos alunos de Augusto Rodrigues, e sentir-se-á orgulhoso se souber que foi uma exposição de pinturas de crianças inglêsas, organizada no Brasil pelo British Council, que deu o impulso inicial para o desenvolvimento nesse país da educação infantil através da arte. Augusto Rodrigues descobriu que, ao contrário dos adultos, que se interessam principalmente pela produção final — o quadro —, as crianças deleitam-se sobretudo no ato mesmo da criação. O herói da Exposição é sem dúvida Hélio Alberto, de 15 anos. A sua xilogravura de um pescador é cheia de vivacidade e encanto» — «The Time», de Londres.

★

«...e os resultados, sobretudo nas pontas sêcas, são freqüentemente notáveis. E não foi por acaso que um homem como Fernand Léger se interessou por essa experiência. O adulto que Rodrigues, inteligentemente, prepara na criança, terá amanhã sem que seja necessário tornar-se um artista, mesmo de domingo — um conhecimento mais profundo, uma compreensão mais justa, um espírito crítico menos perigosamente intuitivo da arte, e para dizer tudo, para melhor dizer, o conhecimento DO FAZER. E isso é que é importante» — «Art D'Aujourd'Hui» — Paris.

★

«A exposição das Escolinhas de Artes do Brasil traz ainda, além de tudo que nela demonstra atualização notável dos processos dêste ramo, tão delicado e sensível, da nova pedagogia, o sensacionalismo das gravuras e da modelagem. Aí já não são apenas o sonho e a poesia da alma infantil: é também atitude de enfrentar dificuldades técnicas especiais, e é admirável verificar como a resolveram as crianças brasileiras...» — Diário de Notícias — Lisboa.

★

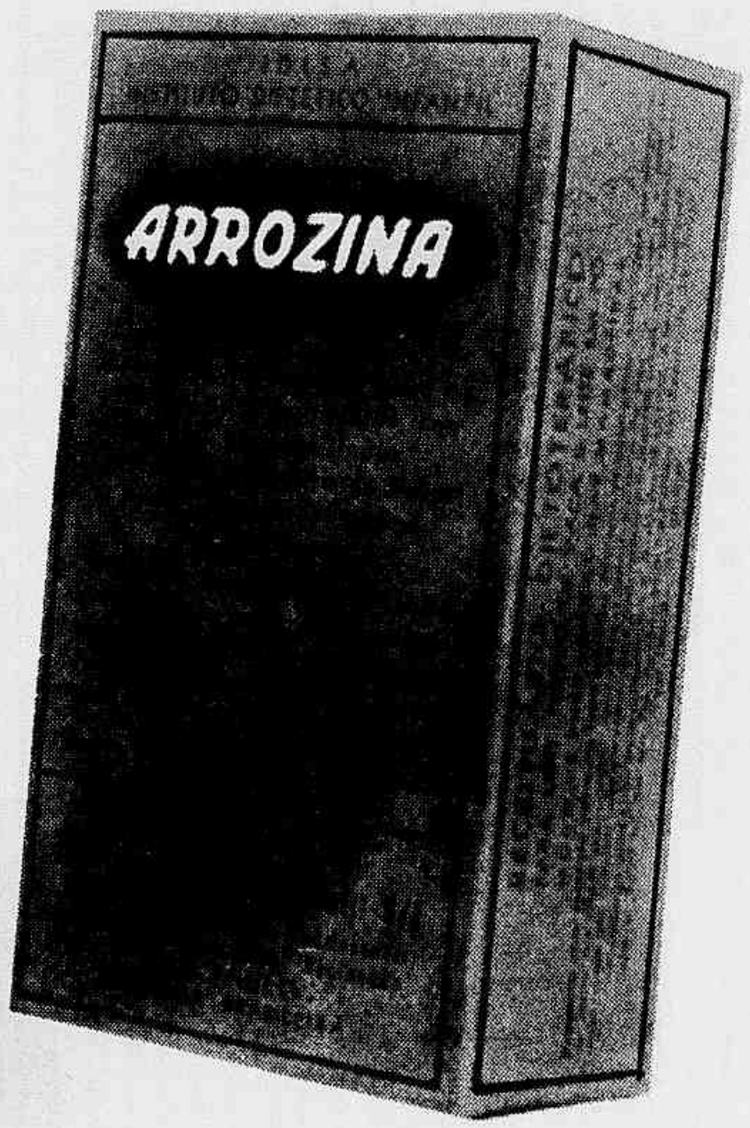
«A exposição das «Escolinhas de Arte», que veio ao Pôrto e que irá a Coimbra, abrange trabalhos infantis de gravura, pintura e cerâmica, e as suas produções, se não trazem novidades para nós, oferecem-nos o ensejo de apreciar novas técnicas postas ao serviço da expressividade infantil (como, por exemplo, as xilogravuras e pontas sêcas), e meditar sôbre o interêsse que a atividade criadora infantil merece aos brasileiros. Augusto Rodrigues não pretende, com as «Escolinhas», que todo o indivíduo se transforme num artista, num criador, mas que, pela participação na criação da obra de arte, se pode desenvolver a formação estética dos indivíduos, satisfazendo-se assim o desejo crescente que experimentam os profanos de encontrar um modo de expressão pessoal». — «O Primeiro de Janeiro» — Pôrto.

★

«Eu vi as gravuras dos alunos das «Escolinhas de Arte do Brasil»; elas são uma verdadeira mensagem das crianças do Brasil para nós, Europeus». — Fernand Léger.

É hora do "RANCHO"

seu filho
cresce com



O alimento
que levanta
o pêso
do bebê

A venda em
armazéns,
mercearias
e
farmácias

Experimente Arrozina em mingaus, cremes, recheios e bolos

UM PRODUTO
IDISA

Instituto Dietético Infantil S.L.

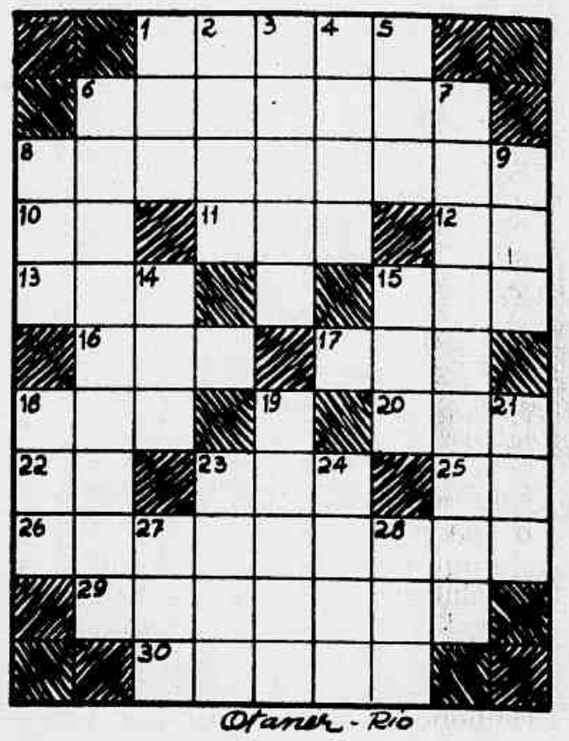
CAIXA POSTAL 4334 — SÃO PAULO

Representantes em Todo o País

Palavras Cruzadas

PROBLEMA Nº 112

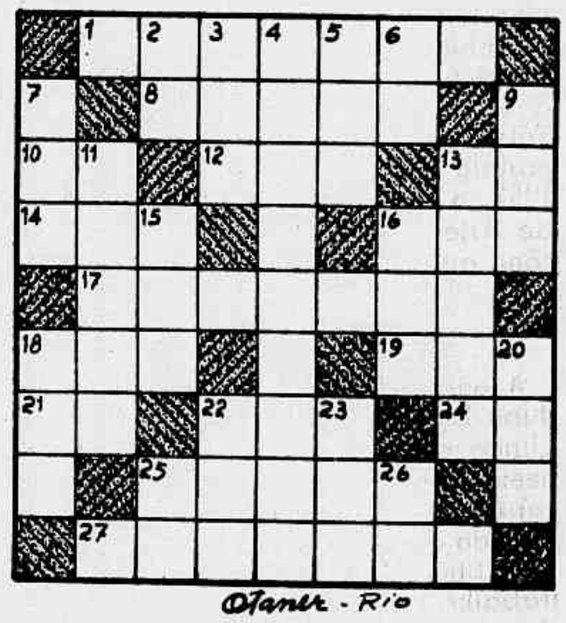
PARA VETERANOS



HORIZONTAIS: — 1. Pequena roldana — 6. Índio da tribo que habita a região do Xingu — 8. Enrugado — 10. Caracteres que pluralizam a representação fonética da primeira letra — 11 Medida japonêsa de capacidade — 12. Preposição — 13. Árvore da família das Leguminosas Cesalpináceas — 15. Senão — 16. — Indignação — 17. Achaque — 18. Cansaço — 20. Antigamente o mesmo que rim — 22. Manga — 23. Gênero de insetos coleópteros de pequenas dimensões — 25. — Nota musical — 26. Filosofia transcendente.—29. Mês em que terminam as vidimas em Portugal — 30. Sustento (pl.)

VERTICAIS: — 1. Goteira — 2. Cachaça de mau gôsto (pl.) — 3. Esgaravata (a galinha) — 4. Pequena quantidade — 5. Espécie de sapo — 6. Que dá grande felicidade — 7. Devaneio — 8. Comprador de objetos roubados — 9. (Vicente), escritor e escultor espanhol — 14. Malha redonda — 15. Água salgada — 18. Interjeição que exprime impaciência — 19. Cantiga popular (pl.) — 21. Molho — 23. Nó falso num cabo de embarcação — 24. Osso do chôco — 27. Variedade de aguardente — 28. Senhores.

PARA NOVATOS



HORIZONTAIS: — 1. Encarregado da remoção do lixo — 8. O mesmo que rictus — 10. Preposição — 12. Produz som — 13. Símbolo do cobalto — 14. Chefe etíope — 16. Oceano — 17. Aquêles que andam de bonde sem parar — 18. Óxido de cálcio — 19. Retira-se — 21. Artigo masculino plural — 22. Sinal gráfico — 24. Ali — 25. O mesmo que lacre — 27. Dar côr.

VERTICAIS: — 1. Seguir — 2. Moeda de dez réis — 4. Que gasta pouco; parciominioso — 5. Pedra, em tupi-guarani — 6. Décima sétima letra do alfabeto grego — 7. Possuir — 9. Colocar — 11. Padiolas — 13. Um par — 15. Cloreto de sódio — 16. Contudo, todavia — 18. Colorido — 20. Andavam — 22. Semelhante — 23. A casa — 25. Tecido finíssimo como escumilha — 26. Escarnece.

SOLUÇÕES DOS PROBLEMAS Nº 111

PARA VETERANOS

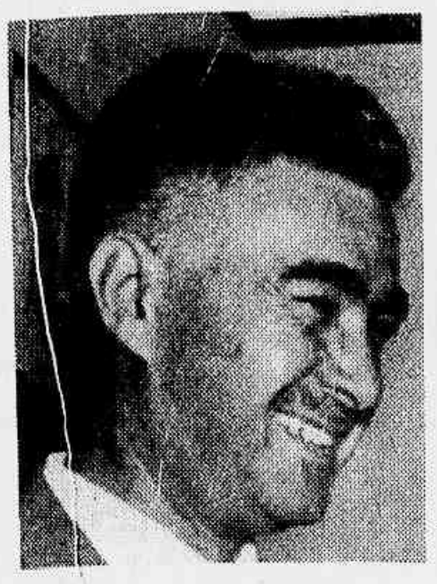
HORIZONTAIS: Ar — mu — vitalinas — ataperado — Adair — ab — aire — aliá — sapo — Ilma — só — sieda — atalântia — paraguatã — os — am.

VERTICAIS: ava — ritualistas — aleda — madreporita — uso — ta — apã — irais — nairas — biliar — amela — adaga — anu — Apo — ta — aam.

PARA NOVATOS

HORIZONTAIS: A.C. — as — sergipano — arari — Ra — aras — rema — arte — Nero — aí — sacro — veraneara — és — ar.

VERTICAIS: — ás — cearenses — mira — anistiara — só — Ga — Pará — arara — amear — arca — orna — oé — vê — ar.



LUCAS GARCEZ

DAGOBERTO SALES

JUSCELINO

CIRILO JÚNIOR

LUNA FREIRE

RIBEIRÃO PRÊTO

HÉLIO ABREU

● RIBEIRAO PRETO entra no seu primeiro centenário. Quando uma cidade atinge a casa dos cem, é algo parecido com menina virando mulher... A notícia é auspiciosa e um aniversário é sempre um belo acontecimento. Tanto assim que as grandes comemorações programadas pelo prefeito Costabile Romano repercutiram na própria capital do Estado e o governador Jânio Quadros já anunciou que irá prestigiar a cidade comparecendo às festas de abertura e de encerramento das solenidades. Nunca será demais dizer da importância de Ribeirão Prêto na economia do grande Estado. O município é hoje um dos mais progressistas de São Paulo e a sua maior fonte de riquezas é o café. Grandes fazendas cafeeiras cobrem seu território dando a região, na época das colheitas, a visão de um formidável tapête verde pontilhado de vermelho. Também a pecuária ocupa um lugar de destaque na vida municipal. Como entroncamento ferroviário, Ribeirão Prêto detém o galardão de ter uma das mais movimentadas estações de estrada de ferro do Brasil. Foram os homens do antigo riacho que deu nome à cidade que partiram em direção aos Estados de Mato Grosso e Goiás derrubando florestas, abrindo picadas e carregando em cada golpe de facão uma dose de brasilidade àquelas longínquas paragens. E não ficou só aí o feito dos homens de Ribeirão Prêto. Foram mais longe e alguns atingiram os Estados do Pará e do Amazonas, onde atualmente vivem seus descendentes. Os Tellos, os Póvoas etc., constituem uma afirmação da tenacidade de um povo que, desde o seu nascimento, sentiu nas veias o sangue das bandeiras.

Também o sangue da grande Itália circula nessas veias. As imigrações de 1894 a 1906 entregaram a Ribeirão cêrca de trezentas boas famílias da alta e da baixa Itália. Os metropolitanos de Roma, Turim, Milão etc. arrumaram, naquela data, suas trouxas e se juntaram aos rudes camponeses da Sicília, da Calábria etc e fizeram parada em Ribeirão Prêto. Hoje, a mais cosmopolita das cidades do interior de São Paulo juntou ao sangue italiano o «caliente» sangue espanhol e nessa fusão entraram também outras raças, inclusive a libanesa.

O que vale dizer sôbre Ribeiro Prêto não pode ser contado em uma crônica restrita. A cidade possui uma bonita história e uma florescente indústria. Famílias notáveis integram sua fina grei e seus homens são considerados tenazes e dinâmicos.

Vale a pena visitar Ribeirão Prêto em qualquer época e ainda mais agora, quando ela se encontra comemorando o seu primeiro triunfal centenário.

★ JANIO X DAGOBERTO

Sem que ninguém esperasse explodiu o conflito Jânio-Dagoberto Salles. Tanto o governador quanto o deputado têm uma enorme fôlha de serviços prestados ao grande Estado. O engenheiro Dagoberto Salles foi o realizador das gigantescas obras do Paranapanema, sistema hidrelétrico considerado dos mais importantes do país, cujas obras tiveram início no govêrno do sr. Lucas Garcez. Os motivos que levaram os dois ilustres homens públicos de Piratininga ao «entrevero» nasceram de uma manobra do sr. Lopes Leão que, segundo afirmam, aspira controlar a U.S.E.L.P.A. Amigos do governador e do deputado fazem gestões para que tudo chegue a bom têrmo.

★ ASSIS

Sob a presidência do sr. Benedito Queiroz, diretor da FARESP, e grande fazendeiro, reuniu-se em Assis a comissão encarregada da recepção ao presidente Kubitschek. Juscelino visitará Assis dentro em breve.

★ AGRICULTURA

O sr. Jânio Quadros submeterá ao legislativo um pedido de crédito destinado ao financiamento da pequena lavoura. Trata-se de uma parte de um vasto plano de amparo ao pequeno produtor.

★ SUDAN

A Fábrica de Cigarros Sudan, uma das mais importantes da América do Sul, acaba de adquirir importante gleba destinada a construção de suas novas instalações. Parabéns a Agostinho Janiquine.

★ CHAMPANHOTA

O cronista Mattos Pacheco «matou» mesmo todos os seus concorrentes paulistas. Não existe «acontecimento» que não conte com a presença do mesmo e o seu público vai desde o comendador Bongiglioli ao próprio (e sisudo) sr. Prestes Maia.

★ PAZ

Comentando os desentendimentos entre o governador e o prefeito, disse o sr. Luiz Carlos Pujol: «Sou amigo de ambos, por isso digo que a luta terminou empatada. Isto é, zero para Lino e cinco para Jânio.»

★ PARIS

Está definitivamente escolhido o nome do sr. Barjas Filho para o escritório comercial do Brasil em Paris. O atual titular, acadêmico Cassiano Ricardo não mais deseja retornar ao pôsto.

★ MOCOCA

O sr. Renato Costa Lima (paulista por acidente) é o homem madrugador de São Paulo. Dorme geralmente a meia noite e acorda às 3 da madrugada a fim de telefonar às suas (muitas) fazendas. O sr. Costa Lima é o representante no Brasil do «grupo Rockefeller» e um dos mais bem humorados homens de São Paulo.

★ ORADOR

O discurso de saudação ao sr. Juscelino Kubitschek na cidade de Assis, a ser em breve visitada, será proferido pelo deputado Mário Eugênio, o criador da chamada legenda do «chapéu de palha», divisa que define os municipalistas de todo o Brasil.

★ LIQUIGAS

Está vitoriosa a iniciativa do sr. Nelson Mendes Caldeira. A Liquigás S. A. já se encontra em pleno funcionamento.

★ GOLPE

Os «habitués» do bom cinema (e também do mau) estão sendo criminosamente furtados pelos bilheteiros, que nunca dispõem de trocos... e por isso guardam os quebrados. O cinema custa hoje em São Paulo Cr$ 10,50.

★ FIM

O jornal comunista «Notícias de Hoje», que se edita na paulicéia, está em vias de fechar as portas. Motivo: falta de recursos.

★ CAMPINAS

O sr. Ruy Novais pretende obter um empréstimo de 50 milhões no Banco do Estado. O prefeito de Campinas já iniciou gestões neste sentido junto ao governador Jânio Quadros. O dinheiro se destina a obras diversas inclusive pavimentação de ruas.

★ PTN

Causou a melhor impressão a escolha do nome do sr. Vieira de Alencar à uma das carteiras do Banco do Brasil. Belo tento do deputado Emílio Carlos, que fêz a indicação.

★ A.B.C.

Segundo dados coligidos pelo sr. Luiz Quentel nos municípios de Santo André, São Bernardo e São Caetano — o famoso A.B.C. — arrecadam importância que supera em muito as de vários Estados do nordeste brasileiro juntos, a saber: Alagoas, Sergipe, Piauí, Pará e Amazonas.

★ MARMELADA

Cafeicultores de São Paulo estão investigando a informação (sigilosa) de que o IBC estaria liberando guias de exportação, ilegalmente, em Paranaguá. Caso se apure a procedência da denúncia pretendem êles levar o caso ao conhecimento do sr. Juscelino Kubitschek.

★ SOGRO

O milionário Fúlvio Morganti, hoje sogro do astro Hélio Souto, está resolvido a financiar o próximo filme de seu genro. O argumento varia entre «Um Homem de Sorte» ou «Como Agarrar Uma Milionária». Pode parecer piada, mas não é... O autor do primeiro roteiro é o conhecido produtor Eurides Ramos.

★ LEMA

A notícia de que o deputado Pinheiro Júnior (ex-PSD, ex-Ademar etc.) passou a integrar a bancada do sr. Jânio Quadros mereceu a seguinte consideração do sr. Cirilo Júnior: «Com o Pinheiro é assim mesmo. Seja lá como fôr, sempre ao lado do vencedor...»

★ VASP

A REAL não mais pretende adquirir a VASP. Motivo: escrúpulos do sr. Linneu Gomes que não deseja dar margem a explorações escandalosas por parte da oposição. O sr. Sebastião Pais de Almeida, presidente do Banco do Brasil, já dirigiu a REAL e é um de seus maiores acionistas.

★ PINDAIABA

Os lucros da AGRINCO DO BRASIL no passado ano, subiram (apenas) à casa dos 74 milhões de cruzeiros, provenientes da venda de terras do Paraná e São Paulo.

★ FIRESTONE

Uma das emprêsas que maiores lucros auferiu em 1955 foi a FIRESTONE. Baseados em seu sucesso é que os «paladinos» do salário mínimo querem fazer o govêrno aprovar a «tabela João Goulart». Como a FIRESTONE, em matéria de lucros, existem no Brasil apenas quatro companhias. Esta a razão em que se louvam os homens de indústria para vetar a «tabela Goulart».

ELIZABETH DE ÁUSTRIA

A IMPERATRIZ REVOLTADA

Por ROBERT VERNON — **Ilustração de RAMÓN**

Exclusividade em todo o Brasil para a REVISTA DA SEMANA — Copyright Keystone

RESUMO DA PARTE JÁ PUBLICADA: Passam-se os anos. Elizabeth de Áustria, filha do duque Max, notável por seu temperamento boêmio, é agora uma mulher de trinta e poucos anos, bela e atraente. Desgosta-a sobretudo o protocolo da côrte. A imperatriz prefere a êle a alegria mais simples da gente do povo. O carnaval, por exemplo, a atrai. Um dia — é têrça-feira gorda — o barulho da música festiva chega a seus ouvidos. Elizabeth e sua fiel amiga, Ida Ferenczi, imediatamente envergam seus trajes de dominós, e tomam o rumo do baile, totalmente disfarçadas sob uma máscara espêssa. Ali, a Imperatriz trava conhecimento com um jovem funcionário do Govêrno, que termina por apaixonar-se perdidamente por ela. Uma troca de correspondência se estabelece entre os dois, quase enlouquecendo o jovem funcionário, dado o caráter misterioso da missivista.

Na imensa sala da Sociedade Musical de Viena, uma multidão alegre e despreocupada canta e se diverte. Ninguém repara a entrada dos dois dominós, que modestamente penetram no salão. Ràpidamente, ambos sobem a escada que leva ao andar de cima. Um espírito mais dotado de observação certamente teria notado que, pela maneira com que se sentaram, êsses dois dominós devem ser pessoas de elevada posição. Abaixam a cabeça, para contemplar, lá do alto, as evoluções da turba, trocam, em voz baixa, divertidas reflexões. É Ida quem desce primeiro para se misturar à confusão geral. Logo um outro dominó se inclina cortêsmente ante ela; está completamente mascarado, porém, pelos aberturas da máscara, dois olhos azuis e profundos brilham, com finura e penetração. Ida perscruta, indaga, quer saber se êle acaso não pertence à alta nobreza. Não, é um mero funcionário de Ministério, Fritz Pacher. Não há perigo algum para Elizabeth.

— Quer me fazer um grande favor, amável cavalheiro? diz Ida, utilizando a linguagem obrigatória no baile de máscaras.

— Certamente, meu anjo.

— Tenho, aqui, uma amiga que se aborrece, sòzinha, lá nas galerias. Não queria acaso fazer-lhe companhia por alguns momentos?

— Mas sem dúvida alguma!

Pouco depois, um par desce das galerias e se mistura à multidão. Elizabeth está um pouco trêmula, pelo braço de seu cavalheiro, e, ao pensar que pode vir a ser descoberta, uma ligeira vertigem a acomete. Sente os olhares que a acompanham à medida que passa, presta atenção às conversas que a seu redor se desenrolam, e que não passam de elogios à sua maneira de dançar, e ao seu talhe esbelto. Ninguém pode nem de longe imaginar que Elizabeth da Áustria é aquêle dominó negro que se misturou à multidão duvidosa de um baile de máscaras. Pouco a pouco, ela vai ganhando coragem, e se dirige a seu par:

— Sabes, sou completamente estranha, aqui, é preciso me orientares um pouco. Comecemos desde o princípio: o que pensa o povo de seu imperador? Estará acaso satisfeito com o govêrno?

O jovem reflete e contempla longamente os olhos negros que chispam; parece um pouco embaraçado com tais perguntas, totalmente inesperadas em tal lugar, mas, afinal, responde, e suas palavras, sem embargo de serem sóbrias, encerram uma crítica, que, diz êle, é a opinião generalizada no país.

— Conheces também a Imperatriz? Agrada-te, que achas dela?

A resposta dúbia que escapa dos lábios do rapaz desperta a ira de Elizabeth. Torna-se provocante; sob a máscara, adivinha-se o rubor na face do cavalheiro.

— A imperatriz (esclarece êle), eu não conheço pessoalmente, mas já a vi uma vez, de longe. Pareceu-me uma mulher de estonteante beleza. E isso, em suma, é o que posso lhe dizer. Todavia, sei que o povo lhe reprova o não se mostrar mais vêzes em público, e de ocupar-se em demasia de cavalos e cães, mas certamente o povo se equivoca. De qualquer modo, sei que seu amor pelos animais é de família. O Duque Max, seu pai, teria dito, um dia: «Se não fôssemos príncipes, teríamos sido cavalariços».

— Diga-me, que idade posso ter?

O jovem a examina com atenção:

— Uns trinta e seis anos.

— Você não é delicado.

O mêdo de ser reconhecida novamente se apodera de Elizabeth, e ela busca, pelo salão, seu anjo tutelar, Ida. Em voz suplicante mas enérgica, ela indaga de seu par:

— Anda, parte agora!

Mas o rapaz insiste:

— Agora, quem não foi delicada foi a senhora. A senhora manda chamar-me, discute comigo, e depois manda-me embora!... Está bem, partirei, se já está cansada de minha companhia. Mas que, pelo menos me seja permitido apertar-lhe a mão.

A voz quente e suplicante do jovem enternece Elizabeth. Sua imaginação se inflama, e nesse cavalheiro trajado de negro, ela pensa reencontrar o reflexo daquele que, outrora — tinha ela apenas 12 anos de idade — fôra seu primeiro amor...

— Fica, mas vamos passear um pouco pelas salas.

Novamente se restabelece a conversação entre o dominó negro e seu acompanhante. Elizabeth anima-se, já não se sente vigiada por todos os lados, está feliz, mas após um longo caminhar, de mais de uma hora, sente que novamente todos os olhares estão fixos sôbre sua pessoa. Tomada de pânico, decide salvar-se a qualquer preço. Também o rapaz não deixou de observar que sua dama é alvo das atenções gerais. Mas, ao contrário de Elizabeth, torna-se mais audacioso:

— Certamente você é uma grande dama, pelo menos uma princesa. Todo o seu ser o afirma. Quero saber a verdade, suplico-lhe! Não é possível que seja uma pessoa qualquer. A própria maneira pela qual se exprime, confirma minha suposição. Levante apenas suas luvas, quero ver suas mãos, e assim saberei quem é!

— Um dia, você saberá quem sou, hoje não. Tornar-nos-emos a ver. Seria capaz de ir a Munich, ou a Stuttgart, se eu lhe pedisse? Devo contar-lhe que não tenho pátria, e que passo minha vida inteira a viajar.

— Irei para onde você quiser!

Elizabeth percebe que o perigo de ser descoberta está mais forte do que nunca. Do alto da galeria, o dominó vermelho inquieta-se, e dá o sinal de partida. O cavalheiro não mais insiste, mas Elizabeth não quer deixá-lo assim bruscamente. Promete-lhe escrever-lhe, encontrá-lo de novo.

— Então, meu caro cavalheiro, prometa-me mais uma coisa: leve-me até a uma carruagem, e depois, não volte mais ao baile!

Lá fora, Pacher chama um fiacre, mas; levado por uma curiosidade incontida, tenta, com um gesto rápido, abaixar a máscara do dominó negro. Um outro gesto, ainda mais rápido, de Ida Perensczi, o impede. O cocheiro ergue sôbre a cabeça o chicote, e uma chibatada atinge o flanco dos cavalos, que partem velozes pela escuridão a fora. Elizabeth, feliz e excitada, sussurra ao ouvido de sua companheira:

— Meu Deus, se êle soubesse quem sou, não poderíamos voltar diretamente ao Palácio. Teríamos de dissimular nosso itinerário.

E o fiacre fêz uma longa volta pelas ruas escuras e desertas da cidade, antes de se deter, não longe da porta secreta, com um ruído característico. Por ela entram novamente no Palácio as duas mulheres.

Os dias que se seguiram, foram, para Pacher, dias de inquietação, de ardente procura e de esperança. Todos os dias, êle visitava o Prater, onde se reunia a mais alta sociedade de Viena. Como poderia supor, quando levava respeitosamente a mão direita ao chepéu, à passagem da carruagem que conduzia a Imperatriz, que ali dentro seguia o seu misterioso par do dia de carnaval?

Muitos dias depois, êle recebeu uma carta de Munich, assinada com o nome de guerra do dominó vermelho, Senhorita Gabriela:

— «Caro amigo. Estou de passagem por Munich, e aproveito essas horas para dar-lhe o sinal prometido. Com quanta angústia o senhor o aguardou! Não o negue. Mas não tenha receio, não lhe pedirei explicações, pois sei muito bem tudo o que se vem passando, no seu íntimo, desde aquela noite. O senhor encontrou, numa miragem resplandescente, o que procurava havia muitos anos, mas para logo perdê-lo para sempre.»

A resposta chegou ràpidamente. Cada linha era testemunho de uma paixão inflamada, mas já o tempo passou, e Elizabeth se encontra totalmente absorta em outras preocupações. A situação do país, as intrigas da Côrte, fazem com que esqueça aquêle breve episódio, mas, por vêzes, a voz quente e suplicante do rapaz chega-lhe aos ouvidos, como no dia do baile. O passado se mistura ao presente, e nas horas sombrias em que o «spleen» toma conta da Imperatriz, ela retoma a pluma, e pensa mesmo em escrever ao jovem. As circunstâncias, porém, mais de uma

vez a impedem. A própria Ida Ferenczi a aconselha a esquecê-lo, narrando-lhe os inauditos perigos aos quais se exporia.

VIII

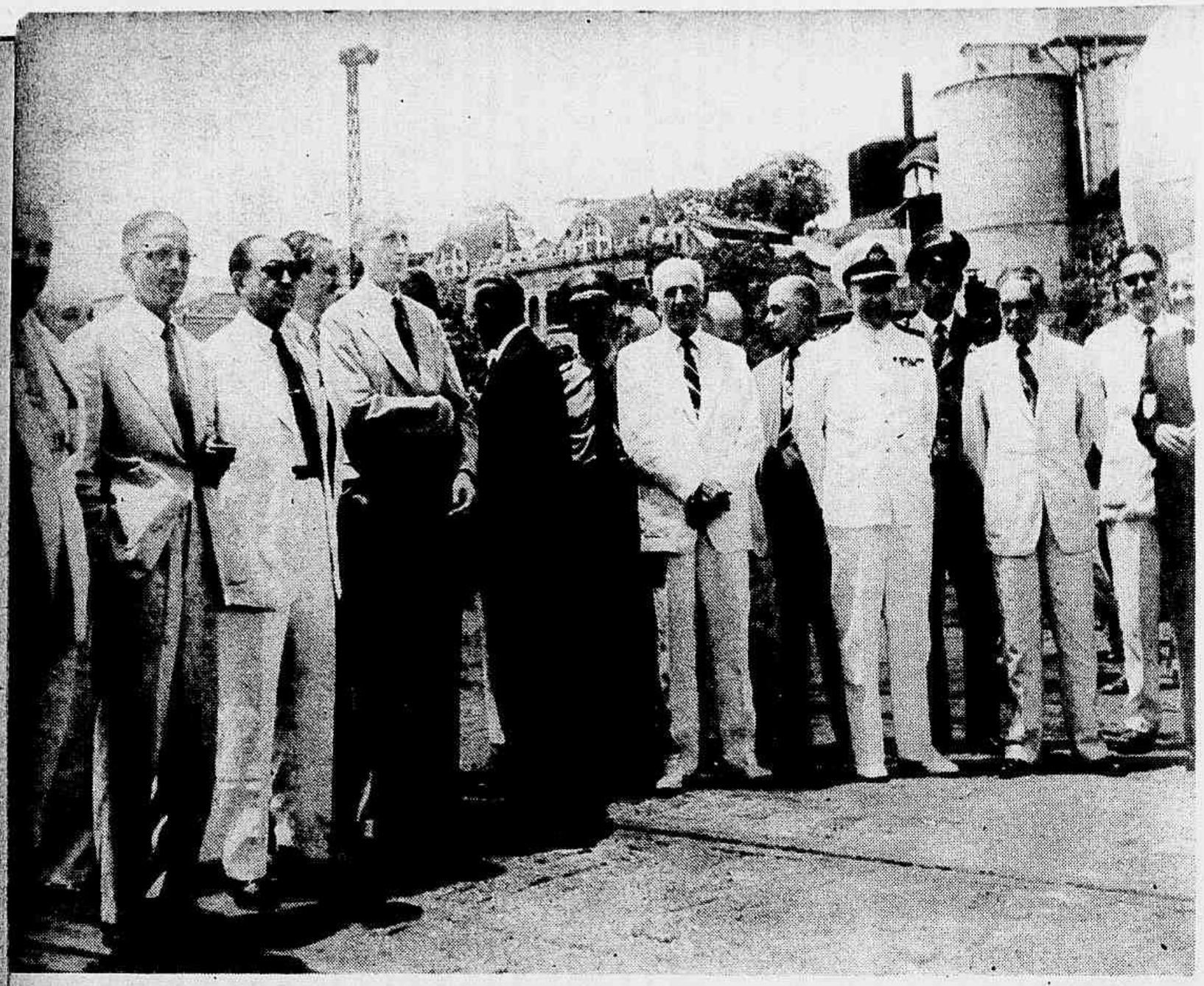
De vez que não pode rever seu cavalheiro de uma só noite, Elizabeth escrever-lhe-á. Sua irmã está justamente de partida para Inglaterra, e ela lhe confia uma carta que deverá ser posta no correio em Londres, destinada a Fritz Pacher. Assim pretende a Imperatriz incutir no espírito do jovem funcionário o sentimento de que se encontra muito distante de Viena.

— «Caro amigo, como eu te lastimo! Ficar tanto tempo sem qualquer notícia minha, deve ter transformado tua vida totalmente. Como os dias não hão de parecer-te longos! Contudo, nada pude fazer para impedi-lo. Meu espírito se turbava, meus pensamentos se cansaram. Muitas e muitas vêzes, passei horas à janela, a perscrutar as neblinas escuras, procurando teu vulto. Noutras, como uma desequilibrada, eu me precipitava de prazer em prazer. Se acaso pensava em ti, em todos êsses momentos? O que eu pensava, só eu sei, e guardarei em meu peito. Basta-me isso. Não quero satisfazer tua curiosidade, ser fútil, e apenas porque não o desejo, tu nada saberás a tal respeito. Diz-se que Londres é tão bela; quanto a mim, apenas sei que a cidade é-me indiferente. Será necessário que eu te descreva monumentos mais ou menos aborrecidos? Basta que compres o guia Baedecker e assim poupar-me-ás muitos instantes insípidos. Desejas saber o que faço, qual minha vida por essas terras? Não possui interêsse algum. E agora, desejo-te boa noite: meu relógio me diz que passa de maia noite. Pensas acaso em mim, nesse exato momento, ou enches com teus cantos melancólicos a noite silenciosa? Aconselho-te, em nome de teus pobres vizinhos, a sonhar sòmente. Queira receber meus melhores cumprimentos. Gabrielle».

A resposta de Fritz não se fêz esperar. Sua jovem imaginação está em chamas, mas, ao mesmo tempo, sua curiosidade irritada faz com que avente tôdas as hipóteses, para descobrir a identidade da misteriosa Gabrielle. Elizabeth então lhe responde, pouco depois, por meio dessas **linhas:**

— «Caro amigo. Passei essa última semana no campo, e só encontrei tua carta ao regressar. Ela me distraiu, e eis a razão pela qual tão cedo passo a respondê-la. Também, por que adoro certo tipo de histórias um pouco loucas. Tantas perguntas me fazes, e, no entanto, nada mais a acrescentar ao já dito. Por que não me chamarias simplesmente de Gabrielle? Terás acaso contra êsse nome angelical alguma prevenção? Evidentemente, Frederica soaria melhor, mas nada posso fazer para mudar meu próprio epíteto. Parece que te encarquilhou no espírito que não me encontro na Inglaterra. Se eu de novo estivesse em Viena, asseguro-te que o caso muito me alegraria. Sabes acaso como és indiscreto? Queres saber nada mais nada menos do que minha biografia inteira. No entanto, não podes imaginar como ela te aborreceria, se eu acaso tivesse a mínima vontade de enviá-la até onde estás. Para tanto, porém, seria necessário que eu te conhecesse melhor. Apenas te direi um pequenino detalhe: o período mais interessante de minha vida inteira foi certo inverno passado no Oriente. A êsses países de sonho se prendem de modo todo especial minhas mais caras recordações. Enquanto te escrevo essas linhas, certamente que já chegaste às margens de um dêsses lagos italianos que, no seu gênero, não encontram rival. Sei que, malgrado tua mãe e tuas irmãs, também hás de pensar em mim. Insinuei-me em tua vida inconscientemente, involuntàriamente. Desejas por acaso romper nossos laços de amizade? Ainda é possível, nesse mesmo momento. Para o futuro, porém, quem poderá dizer o que sucederá?... Creia-me a amiga de sempre Gabrielle».

(Cont. no próx. número)



NOVAS COMPOSIÇÕES VIRÃO MINORAR O SOFRIMENTO DOS OPERÁRIOS QUE VIAJAM NOS TRENS ★ INÍCIO ALVISSAREIRO DE UM GRANDE PLANO ★ O DIRETOR DA CENTRAL DO BRASIL EMPENHADO NA RESOLU-

vencedora da concorrência, a Metropolitan-Vickers Electrical Export Co. Ltd.

AS VANTAGENS DOS NOVOS TRENS

O plano de construção dos novos trens elétricos obedeceu aos requisitos técnicos da engenharia inglêsa, tomando em consideração o confôrto e a segurança dos passageiros que

Numerosas pessoas assistiram o desembarque da 1ª unidade. À direita: O representante da Metropolitan-Vickers faz a entrega da chave

A CENTRAL DO BRASIL TOMA POSIÇÃO

DE há muito vem a Diretoria da Central do Brasil, nossa principal via-férrea, lutando com o magno problema da carência de trens suficientes para o transporte do operariado que reside na zona suburbana. E, graças aos esforços envidados pelo dr. Jair Rêgo de Oliveira, cujo plano de ação principia assim a beneficiar aquêles que necessitam dos trens como principal meio de condução, brevemente estarão em tráfego mais duzentas unidades fabricadas na Inglaterra.

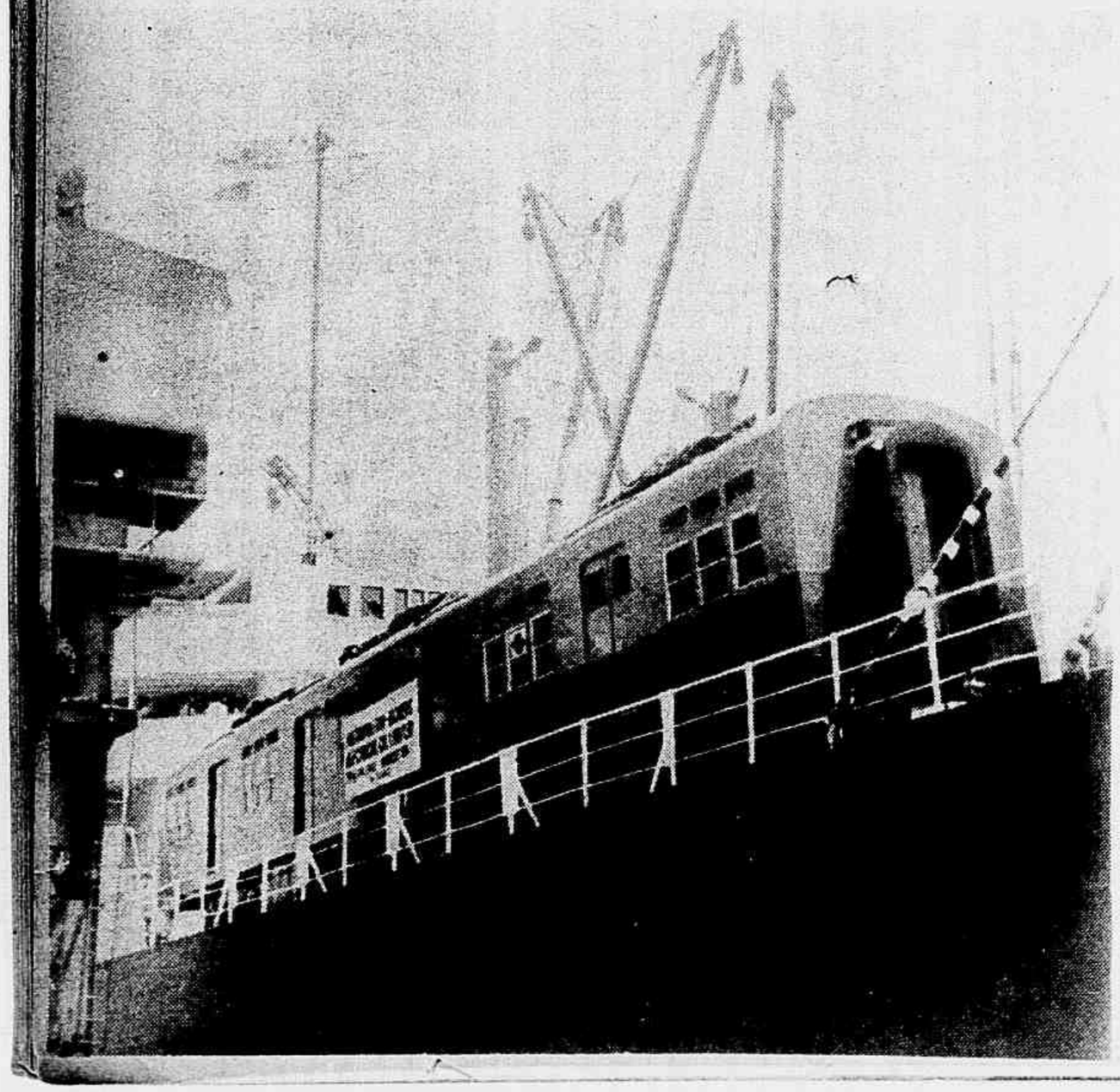
O dr. Jair de Oliveira, pelo Govêrno da República, e por intermédio do Banco Nacional do Desenvolvimento Econômico, negociou o empréstimo com o International Bank, conseguindo que o financiamento fôsse efetuado com liberdade de moeda. Assim sendo a Estrada de Ferro Central do Brasil escolheu entre as firmas concorrentes, aquela que realmente apresentava maiores vantagens.

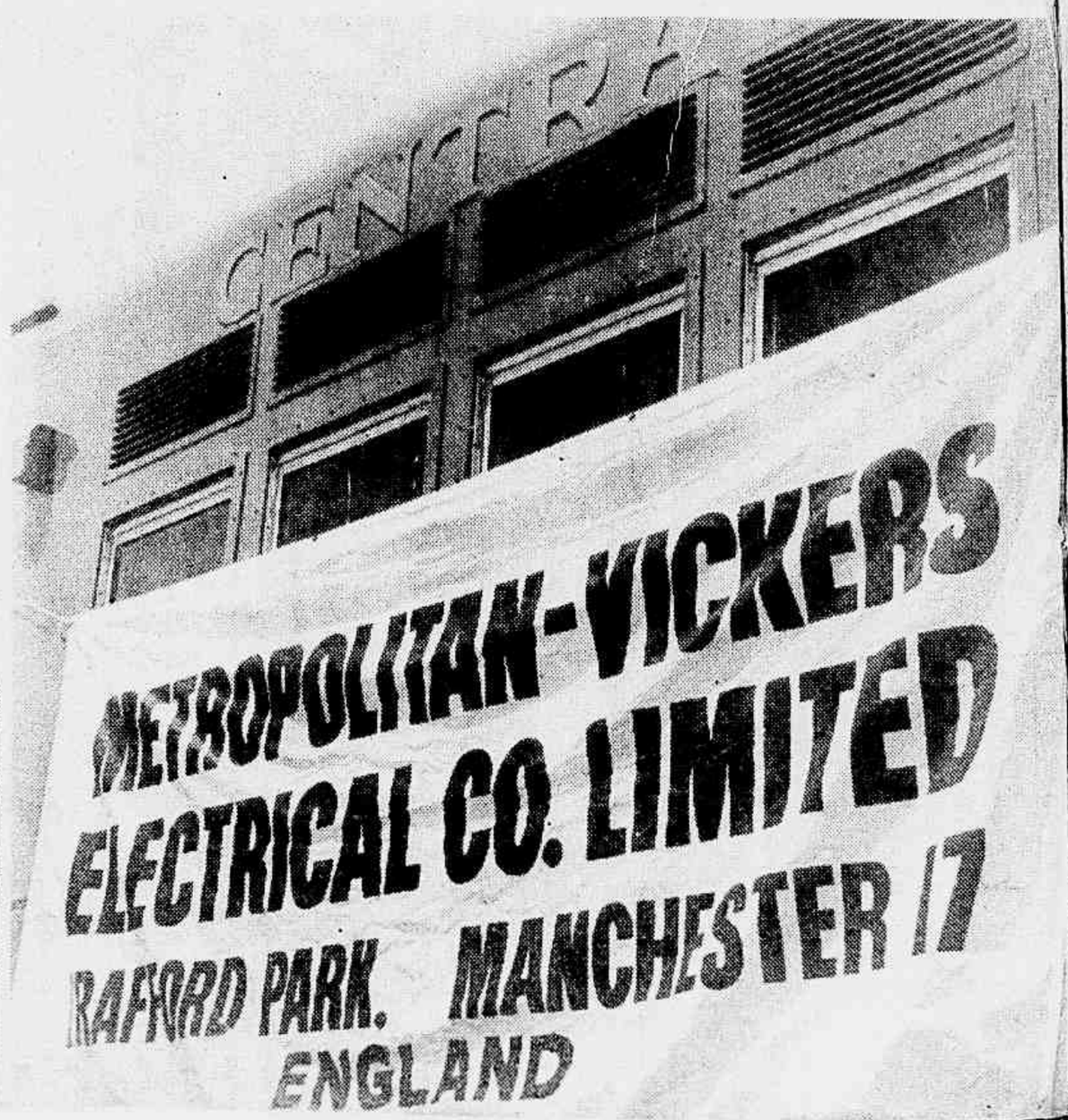
Sendo ultimadas as negociações foi autorizada a encomenda das composições desejadas, com US$ 12.000.000 financiados pelo International Bank e o restante pela própria firma

nêles viajem. Assim, calculadas curvas e observados os detalhes, bem como as condições locais, os vagões possuem mais dois metros que os atualmente em trânsito, o que possibilita o transporte de maior número de passageiros ao mesmo tempo.

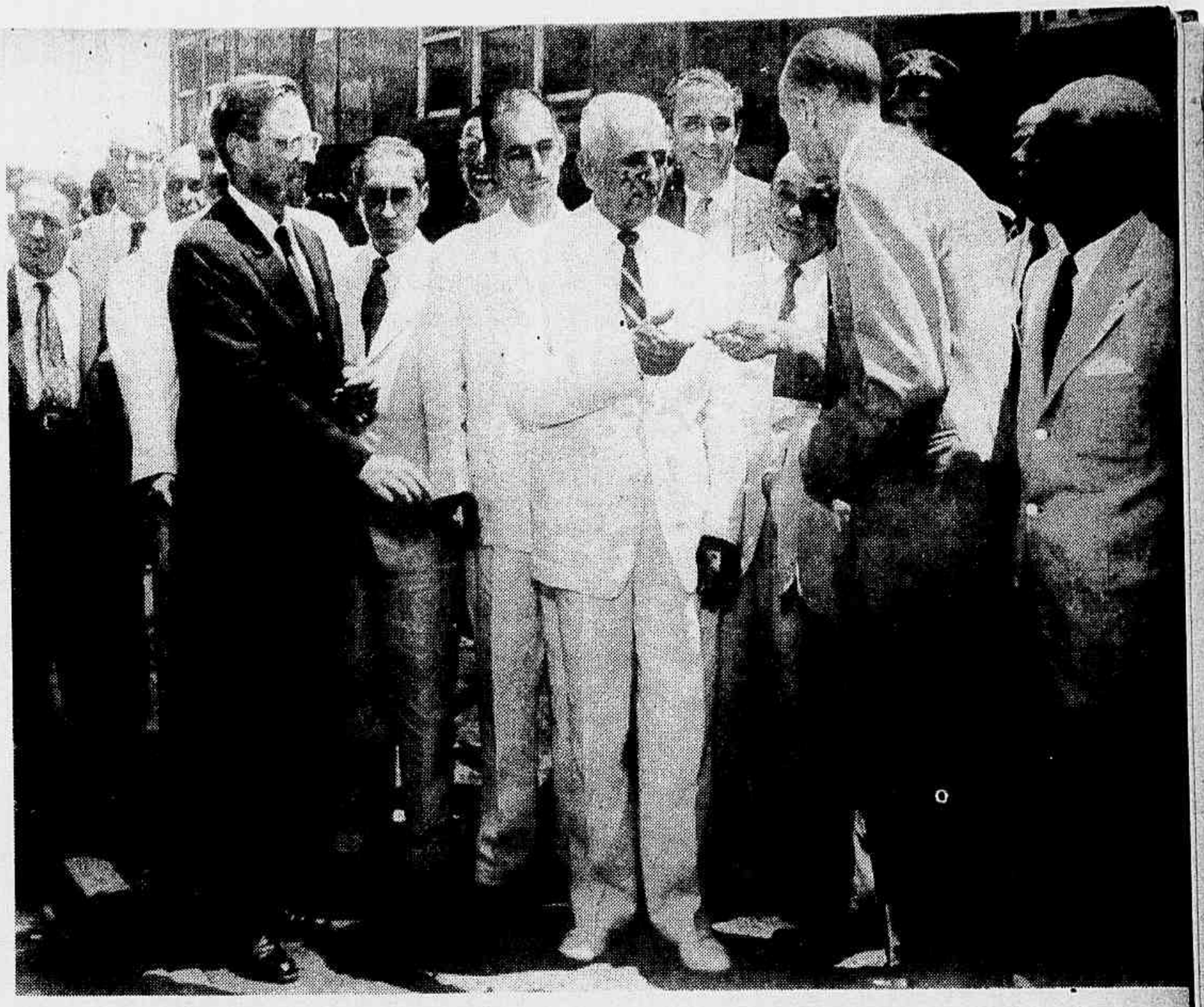
Também a disposição dos bancos, todos em sentido longitudinal, facilitou a colocação de maior número de alças e colunas, ocasionando portanto grande aumento de lotação, haja vista o espaço suficiente para movimento no interior dos carros.

Ainda no convés do navio um dos modernos carros importados. À direita: Aspecto parcial de um carro construído pela METROPOLITAN-VICKERS.





ÇÃO DO ANGUSTIANTE PROBLEMA ★ METROPOLITAN-VICKERS ELECTRICAL EXPORT CO. LTD. A FIRMA QUE FORNECE TRENS PARA O BRASIL HÁ CÊRCA DE DEZESSETE ANOS FORNECERÁ 200 VAGÕES



da primeira unidade ao vice-diretor da Central do Brasil, representando o diretor daquela ferrovia, dr. Jair Rêgo de Oliveira.

NA BATALHA DOS TRANSPORTES

Como precaução contra acidentes, tão comuns nos trens antigos, onde pingentes viajam nas portas e nos engates, os técnicos da Metropolitan-Vickers tiveram o especial cuidado de evitar que tais imprudências possam continuar sendo repetidas.

Os novos vagões dispõem de 4 portas em cada lado, sendo cada uma delas dotada de um vão de 1,20 m de largura, a fim de facilitar o embarque e desembarque.

METROPOLITAN-VICKERS ELECTRICAL EXPORT CO. LTD.

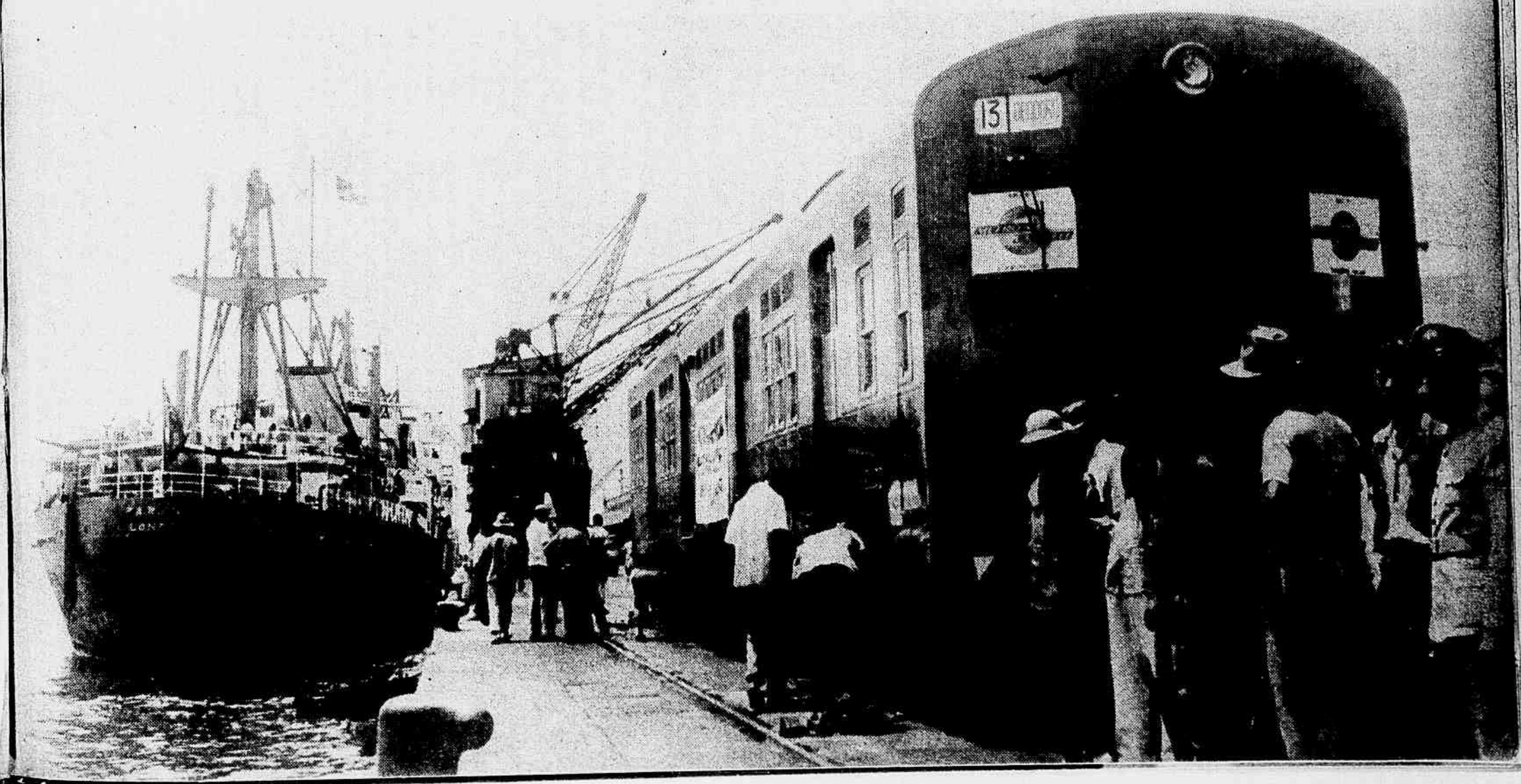
Pela qualidade do material exportado e pontualidade de entrega tornou-se a Metropolitan-Vickers, desde 1937, a firma fornecedora de composições para Estrada de Ferro Central do Brasil. Citada firma acaba de fazer a entrega da primeira unidade composta de 3 carros, sendo que ainda neste mês entregará outras 6, em abril 9 e, de maio em diante, 12 carros por mês.

A Central do Brasil receberá ao todo 300 vagões, dos quais 200 serão fornecidos pela Metropolitan-Vickers. Os 100 restantes serão construídos no Brasil. É êste, consoante apuramos, o maior pedido feito de uma só vez à importante emprêsa britânica.

Para o serviço de manutenção das modernas unidades adquiridas a Metropolitan-Vickers instalou uma fábrica em Belo Horizonte, única no gênero em todo o mundo, e a primeira construída pela renomada firma fora da Inglaterra.

Está portanto de parabéns o povo que se utiliza dos trens, graças ao sensível aumento das composições em tráfego, o que constitui parte do grande plano idealizado pelo Presidente Juscelino Kubitschek e que será executado durante o seu período governamental.

Um dos vagões quando era colocado sôbre os trilhos, após o desembarque do navio PARIMA, que trouxe a composição.



ATÉ ao dia em que, tendo encontrado um pescador, percebeu tôdas as vantagens do fio de nylon na manufatura de sapatos, Salvatore Ferragamo era um pobre sapateiro, igual a tantos outros que labutam diàriamente em qualquer cidade italiana, quando não emigram para a América do Norte ou para «il Brasile». Aquela descoberta, porém, transformou o rumo da vida de Ferragamo, e hoje seu luxuoso atelier não cessa de crescer, a fim de poder atender convenientemente às centenas de pedidos de encomendas que lhe chegam de tôdas as partes do mundo, de personalidades tão importantes e diversas como Ingrid Bergman, a duquesa de Windsor, a embaixadora Clara Booth Luce, e o marahani de Behar. Hoje, sob as ordens de Ferragamo — a quem os italianos denominam de «O Feiticeiro dos Calçados» — trabalham nada menos de setecentos operários, inexcedíveis cada qual em sua especialidade.

O INÍCIO

Filho de camponeses, Salvatore demonstrou sua grande vocação de artífice ao executar o próprio par de sapatos brancos que calçou no dia da primeira comunhão. Tinha então treze anos. Dois anos após, seguia para os Estados Unidos, já senhor de sua profissão de sapateiro. Empregou-se então na companhia cinematográfica de Cecil B. DeMille, que imediatamente lhe reconheceu o talento. O filme «Os Dez Mandamentos», dêsse grande diretor, no que diz respeito a calçados, obedeceu inteiramente à orientação de um rapazola de dezesseis anos.

Aos dezessete, com dois irmãos que já habitavam Los Angeles, Salvatore abriu sua primeira casa, em Santa Barbara. Seus clientes eram quase todos os grandes astros e estrêlas de Hollywood. Com o passar do tempo, seu nome, mais e mais conhecido, ia atraindo as atenções dos poderosos clientes da terra do cinema, e foi necessária uma mudança para a própria Beverly Hills, onde o jovem italiano ficaria mais perto de sua clientela. Gloria Swanson, Douglas Fairbanks, Adolphe Menjou, foram alguns de seus primeiros fregueses.

A FORTUNA

Depois veio a riqueza. Seus clientes eram já algumas centenas, e que clientes! Pola Negri, de uma só vez, lhe encomendara três dúzias de botinas brancas; Clara Bow, Gloria Swanson, faziam-lhe encomendas alucinantes. No entanto, Salvatore tinha em mente um plano ousado: voltar à Itália, organizar um imenso atelier, e dominar como um ditador a moda dos calçados, no mundo inteiro. E foi o que fêz, depois de ter vivido quinze anos na América.

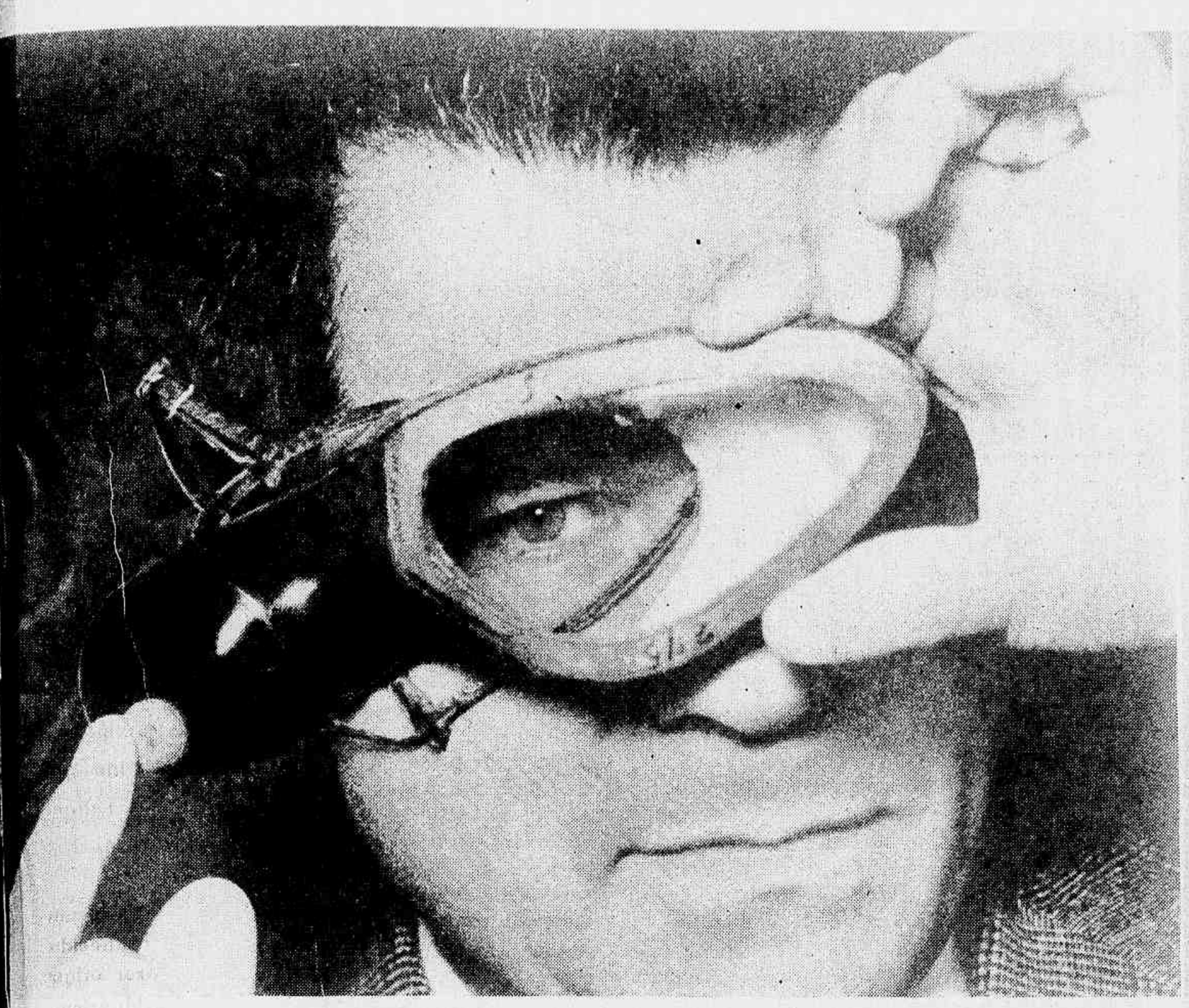
NA ITÁLIA

Na sua terra, porém, nem tudo lhe correu bem. Não foi possível encontrar em número suficiente os artesãos com os quais contara, ao abandonar os Estados Unidos. Já em dificuldades, Salvatore montou, em Florença, uma pequenina oficina de sapateiro, que também não deu os resultados previstos. Em meados de 1934, sua falência era decretada em juízo.

REAÇÃO E VITÓRIA ESTRONDOSA

Nem assim desanimou o ainda moço Salvatore. E, em 1936, após muito trabalhar, conseguira pagar tôdas as suas dívidas, e começava a prosperar novamente. Estando à venda o antiquíssimo Palazzo Feroni, numa de cujas de-

PÉS QUE VALEM MILHÕES... O museu de Salvatore Ferragamo ocupa uma sala inteira de seu grande palácio, em Florença. Vejam os leitores alguns nomes de clientes do prodigioso sapateiro, célebre no mundo todo.



COMO O FAMOSO PADROEIRO DE VIOLINOS, LEVARA PARA O TÚMULO O SEGRÊDO DE SEU SUCESSO COMO SAPATEIRO MUNDIALMENTE CONHECIDO ★ UMA VIDA CHEIA DE LUTAS, SORIADA PELO SUCESSO MAIS ESTRONDOSO ★ ENTRE SEUS CLIENTES, AVA GARDNER, INGRID BERGMANN, A DUQUESA DE WINDSOR, A MAHARANI DE BEHAR, EMBAIXATRIZES, PRINCESAS E RAINHAS DO MUNDO

FERRAGAMO

O STRADIVARIUS DOS CALÇADOS

pendências funcionava sua oficina, Salvatore corajosamente ofereceu por êle uma quantia fabulosa — que não possuía —, comprometendo-se a pagá-la em dez meses. Foram dez meses de trabalho constante, durante tôdas as horas do dia e da noite. Felizmente, seus velhos clientes de Hollywood estavam voltando, pouco a pouco, a mandar-lhe encomendas, e seu nome mais uma vez começava a tornar-se célebre nos domínios de sua especialidade. Quando, oito meses depois, Salvatore Ferragamo pagou até ao último tostão o que devia, era já um personagem importante, que fabricava sapatos para algumas centenas de pessoas de grande projeção, no cinema, na música, na sociedade e nos círculos das finanças do mundo inteiro.

A PSICOLOGIA DE FERRAGAMO

Em 1950, Greta Garbo, penetrando inopinadamente no Palazzo Feroni, disse simplesmente a Ferragamo:

— Não tenho mais sapatos, desejo alguns. É para longas caminhadas.

E, especialmente para ela, Salvatore criou um tipo de calçado, baixo e cômodo. Garbo ficou tão satisfeita que encomendou-lhe nada menos de 70 pares.

— A razão de meu êxito (diz êle) é que eu já nasci sapateiro. Quando um problema se apresenta a meus olhos, já está como que resolvido: é como se fôsse necessário apenas recordar-me de alguma coisa de uma vida anterior...

No que diz respeito a máquinas, elas estão banidas, sistemàticamente, do atelier do artista (que outro nome empregar?):

— Essa é a minha psicologia; suar as mãos sòmente as mãos, nada mais do que as mãos...

AS «MEMÓRIAS»

Presentemente, Salvatore Ferragamo está ocupado em escrever suas «Memórias». Será fora de dúvidas um livro palpitante, tal a quantidade (e a qualidade) das pessoas que, durante tantos anos, se valeram dos serviços profissionais do florentino. Nelas, poderão os leitores encontrar a vida cheia de altos e baixos, mas maravilhosamente pitoresca, daquele sapateiro que costuma repetir:

— E' muito difícil encontrar-se um bom sapateiro. E' preciso ter gênio. Por isso, quando eu morrer, os calçados Ferragamo hão de morrer comigo...

SOPHIA LOREN é uma das mais constantes clientes de Ferragamo. Ei-la quando experimentava, com o mestre, uma de suas últimas criações. Também Carmem Miranda foi, até à morte, freguesa permanente do grande «Mago dos Calçados».

"O AUXILIAR DA IMPRENSA"

•

REVISTA MENSAL

•

Redação e Administração:

Av. Presidente Vargas, 529, 7º and., s. 701
Tel.: 43-2365 — RIO

Diretores: Victorio Tempone e Jorge Greco.
Secretário: N. C. Amaro

Publicação destinada a ventilar os problemas dos vendedores de jornais e revistas.

Leiam

EU SEI TUDO

•

A MAIS COMPLETA REVISTA EDITADA NO BRASIL — LEITURA INSTRUTIVA E VARIADA AO ALCANCE DE TODOS — CIÊNCIA, HISTÓRIA, DOIS ROMANCES, CONTOS VARIADOS — INFORMAÇÕES DE UTILIDADE GERAL, CHARADA, QUEBRA-CABEÇAS, ETC.

•

TODOS OS MESES À VENDA NOS JORNALEIROS — PREÇO CR$ 10,00

ARTES JOSÉ ROBERTO

NOTAS

RAMIRO MARTINS VAI AO EGITO — Ramiro Martins, contemplado, no último Salão de Arte Moderna, com o Prêmio de Viagem ao Estrangeiro, está para seguir inicialmente para a Itália e a Grécia. Após, pretende seguir para o Egito, onde gozará seu merecido prêmio até ao fim. Enquanto isso, a escultora Sônia Ebling escolheu itinerário quase idêntico: Grécia e ilhas do Mediterrâneo, e após, Itália e talvez França. Êsse último país anda assustando os artistas brasileiros, com seu fabuloso custo de vida. Na foto, o pintor Ramiro ao lado de um dos trabalhos que lhe deram o cobiçado prêmio de viagem: «Natureza Morta».

RAMIRO MARTINS, diante de uma de suas «Naturezas Mortas», que lhe garantiram o Prêmio de Viagem ao Estrangeiro no último Salão Moderno.

EM MEMÓRIA DE SANSÃO — Após a morte de Castelo Branco, um grupo de amigos e admiradores do artista, tendo à frente a conhecida cronista Eneida resolveu recolher assinaturas, tendo por fito fazer erigir um mausoleu no local onde o irrequieto Sansão repousa. Jaime Maurício, através de seu «Itinerário das Artes Plásticas», do «Correio da Manhã», muito embora louvasse a lembrança, propôs que ela fôsse modificada: ao invés de mausoléu, propunha que se fizesse editar um grande álbum contendo reproduções de trabalhos do decorador falecido. Estamos com êsse segundo alvitre, que nos parece o mais apropriado a homenagear um artista cujos trabalhos, em vida, não tiveram a repercussão que mereciam.

AINDA O PROBLEMA DA ILUSTRAÇÃO — Não apreciamos as ilustrações que Walter Lewy executou para a edição brasileira de «Metamorfose», de Franz Kafka, recentemente aparecida. Isso porque o artista, a despeito de ter realizado um trabalho aceitável, do ponto de vista plástico, não soube compreender o caráter eminentemente dramático dos escritos de Kafka. Com exceção da primeira ilustração, que nos mostra o exato momento da transição de um corpo humano em um inseto, as demais carecem totalmente daquele cunho trágico, demoníaco, que marca o estilo do autor de «O Processo». Onde deveria surgir o dramático, surge quase sempre, nos trabalhos de Walter Lewy, o cômico. E isso é a negação mesma do clima de «Metamorfose».

LIVROS DE ARTE — Nas livrarias, dois magníficos livros de Arte, recém-chegados de Paris. O primeiro, «Dialogue sur le Visible», de René Huyghe, em edição Flammarion, é um estudo valiosíssimo sôbre a Estética, tendo por finalidade a resposta à pergunta: «E' o século presente o século da imagem?» Huyghe termina seu livro pela negação, afirmando: «La compréhension, la conaissanse de l'oeuvre d'art, ne percent pas son mystère, mais elles le cernent avec précision». Para fundamentar seu raciocínio, Huyghe — cujos ensaios anteriores lhe grangearam notoriedade entre os estudiosos das Artes Plásticas — estuda com grande conhecimento artistas tão diversos como Rubens, Botticelli, Rembrandt, Goya, Jheronimus, Bosch, Delacroix, Rafael, El Greco, Vermeer de Delft.

O outro livro é de Raymond Cogniat, em dois volumes: «Histoire de la Peinture», edição de Fernand Nathan, com duzentas e dezessete ilustrações a côres. Não diremos o preço para não assustar ninguém...

NOVA SEÇÃO DIÁRIA — De há muito que Mário Barata mantém, no «Diário de Notícias», aos domingos, uma seção de Artes Plásticas, movimentada e atraente. Agora, essa seção está sendo apresentada diàriamente naquele jornal, para alegria dos que gostam de estar ao par com o que acontece, nos domínios da Arte, no Brasil e no exterior.

REVISTA HÁ 50 ANOS — REVISTA HÁ 50 ANOS — REVISTA HÁ 50 ANOS — REVISTA HÁ 50 ANOS

PELO EXTERIOR

A semana ultima pode-se chamar «a semana das crises ministeriaes». Em Portugal, o gabinete progressista, presidido pelo conselheiro Luciano de Castro, apresentou demissão ao Rei D. Carlos, sendo substituido por um ministerio regenerador, chefiado pelo conselheiro Hintze Ribeiro. Na Hespanha, o conselho de ministros resolveu renunciar, afim de reorganizar o gabinete, mediante a substituição dos ministros da guerra e marinha; na França, ficou organizado o novo gabinete em substituição ao senhor Rouvier; na Republica Argentina, tomaram posse os novos ministros que constituem o primeiro gabinete do presidente Figueiroa Alcerta; e no Chile, houve mais uma crise politica, resolvida com a nomeação de novos secretarios de estado. E' esta uma particularidade digna de ser registrada. Em Algeziras, na pequena cidade mediterranea, proxima a Gibraltar e a Tanger, onde ora se reunem os delegados das potencias europeas, para regular a influencia de cada uma, no Imperio Sheriffiano, continua a discussão sobre a organização da policia e do Banco de Marrocos, sem que os delegados franceses e allemães consigam chegar a um accordo. Os representantes das outras nações menos interessadas n'essas questões, tratam de prestar seus bons officios, afim de que cedendo um pouco cada uma das partes, se possa chegar a um accordo satisfactorio. A imprensa franceza oppõe-se a que a França faça novas concessões, e a allemã não occulta seu pessimismo sobre o resultado da conferencia. Na França agitam-se actualmente, exigindo certas reinvindicações ha algum tempo reclamadas, os operarios mineiros. O terrivel desastre de Courières provocou, entre a classe, tal sentimento de dor pela perda dos companheiros victimas do trabalho, que despertou o espirito de revolta d'esses infelizes para quem a sorte se apresenta tão cruel contra os favorecidos da fortuna. A greve, essa demonstração extrema que os operarios consideram o unico recurso para conseguir a realização de suas aspirações, foi lembrada, e hoje acham-se em parede mais de 50.000 operarios das Minas de Pas de Calais. O estado de cousas que essa situação anormal pode provocar, causa ao governo sérias inquietações, sendo adaptadas severas medidas afim de evitar a alteração da ordem. A Federação do Trabalho projecta reunir-se em congresso, afim de deliberar sobre a situação da classe mineira.

BLOWITZ.

REVISTA DA SEMANA

Edição semanal illustrada do JORNAL DO BRASIL

Anno VII — N. 306 DOMINGO, 25 DE MARÇO Numero 300 réis

NO DIA DA INUNDAÇÃO -

CAPA DO número de 25 de março de 1906. Como se vê, as inundações estavam na ordem do dia.

NOTAS AVULSAS

O «Jornal do Brasil» trouxe quarta-feira a noticia da descoberta de mais uma exploração de meninas e essa praticada pelas próprias mães. Nós, os tabaréos, nos revoltamos sempre ao conhecer essas misérias, infelizmente tão comuns nos centros civilizados. E' porque não podemos conformar-nos com o preço por que nos querem civilizar. E' porque preferimos ser eternamente selvagens, com a simplicidade antiga, a pureza dos costumes, a tomar um garfo no banquete dos povos cultos, sacrificando a moral... a vergonha. Creio que estás de pleno accordo com o teu compadre.

Quer o «Popularissimo» saber o que pensa o Povo sobre o futuro governo, abrindo, para isso, um concurso a respeito. Assento-lhe muito bem essa curiosidade tanto mais acceitavel quando tem em vista lembrar o futuro chefe do Executivo algumas questões que devam ser resolvidas... se o povo se lembrar de... lembral-as por intermedio do seu confidente mais intimo. Tu tambem podes mandar dizer o que pensas sobre o sr. Penna e quaes as questões que suppõem devam ser resolvidas pelo seu governo.

Está marcada para 31, a chegada de sua Eminencia, o sr. Cardeal Arcoverde, o primeiro purpurado sul-americano. Preparam-se festas para solemnisar o regresso do preclaro Principe da Egreja, festas a que o povo se associa de coração, já pela estima e respeito em que tem o seu veneral Pastor, já por patriotismo, porque a honra outorgada ao Arcebispo de S. Sebastião foi evidentemente prestada á nossa cara Patria.

ECOS DA SEMANA

São ainda desoladoras as noticias que chegam dos suburbios, onde a população carioca foi horrivelmente flagellada pela inundação de 16 do corrente. As chuvas torrenciaes, que durante o espaço de 24 horas cahiram sem treguas sobre a cidade, transformando-a em verdadeiro mar, e que veiu augmentar o numero das calamidades que d'esde o inicio de 1906 infelicitam o Brasil, tiveram consequencias funestissimas, enlutando familias e mais familias. ..... Em julho reune-se no Rio de Janeiro o Congresso Pan-Americano. Um telegramma do «Jornal do Brasil», datado de Washington, de 20 do andante, diz que o presidente Roosevelt mostrou grande interesse pelas theorias expedidas pelo dr. Luiz Drago, ex-ministro do exterior da Republica Argentina, acerca da intervenção das potencias na America, por causa de dividas, achando-as justas.

DR. PAULA FREITAS

Falleceu no dia 10 do corrente, o dr. Antonio de Paula Freitas, lente cathedratico da Escola Polytechnica. O illustre educador que com rara competencia, desempenhou as mais importantes commissões, era um espirito altamente culto. Escreveu varias obras scientificas sobre as disciplinas que leccionava, entre elas: Curso de Estradas, Historia Natural, Integraes Definidas e Determinação de Coeficientes, trabalhos estes que mereceram a maior aceitação. Foi esta uma perda irreparavel para a patria e para as lettras.

REVISTA HÁ 50 ANOS — REVISTA HÁ 50 ANOS — REVISTA HÁ 50 ANOS — REVISTA HÁ 50 ANOS

Loira ou morena...

Não importa a côr...
Tôdas podem ser **belas** e **atraentes** submetendo-se ao método de beleza do crême ANTISARDINA. Existem **três** fórmulas distintas, cada qual oferecendo os melhores resultados. Procure saber qual delas se adapta melhor à sua pele.

Antisardina

INDUSTRIAS ANTISARDINA LTDA. CURITIBA PARANÁ BRASIL

RÚSSIA SOVIÉTICA

(Cont. da pág. 25)

Seria um êrro, porém, subestimar a ciência russa, que em alguns campos de atividade é, indubitàvelmente, ótima.

A Conferência de Gênova aí está, para atestar o que grau de desenvolvimento atingiu a ciência atômica russa. Provàvelmente, igual avanço levam certos biólogos soviéticos. Apenas, têm mêdo de dizer o que sabem.

Uma coisa é certa: a pesquisa agrícola foi prejudicada, indubitàvelmente, pela adesão à teoria oficial, bem como pelo isolacionismo em que se vem mantendo a Rússia em face ao resto do mundo.

A CULTURA DO TRIGO

Um outro exemplo faz parte agora da doutrina oficial da agricultura russa cultivar o milho em pelo menos quatro vêzes. O próprio chefe do Partido, Nikita S. Khruschev, o disse. Como resultado, agora o milho é plantado e replantado pelo menos duas vêzes, em todo o território russo.

Essa doutrina se baseia na crença de que a ação capilar, no solo, resulta em maior depuração, e, assim, o cultivo é necessário para compensar a ação da capilaridade. Essa idéia está em desuso, nos Estados Unidos, há 25 anos. As pesquisas provaram, com efeito, que o cultivo era necessário principalmente para controlar as plantas nocivas, que destroem a fertilidade e prejudicam as safras. A maior parte dos fazendeiros de Iowa, por exemplo, empregam o processo, mas somente o número de vêzes necessário para expurgar as plantas daninhas. Nos últimos anos, o tratamento químico foi substituído por, pelo menos, um cultivo.

O doutor Reed perguntou, reiteradas vêzes, por êsse ponto, aos técnicos russos. Cedo, porém, tornou-se claro que a êsse respeito os agricultores soviéticos não queriam nem por nada diferir da palavra de ordem dada por Moscou.

O doutor Johnson, professor de Economia da Universidade de Chicago, e eu próprio, falamos sôbre o assunto com diversos economistas especializados em assuntos agrícolas, no Instituto Agrícola de Kharkov. O que encontramos foi a mesma ausência de crítica ao dogma nacional russo, no que concerne à Agricultura, e a ausência, ainda mais lamentável, de verdadeiro senso de pesquisa. Tais economistas estavam interessados apenas em provar, fôsse por que meios fôsse, as «leis de desenvolvimento da emprêsa socialista».

Está mais do que claro que todo e qualquer estudo que pudesse ameaçar, de longe que fôsse, a integridade das teorias preconizadas por Lenin e por Stalin, jamais poderia chegar ao seu término.

No momento, os russos parecem ansiosos por trocar idéias com o mundo ocidental. O Govêrno está incrementando a visita de outras delegações estrangeiras à Rússia, ao mesmo tempo em que grupos de agricultores e de cientistas soviéticos desejam visitar outros países, especialmente americanos. Aos poucos vai sendo relaxado o rígido sistema isolacionista recomendado por Stalin.

Se tal continuar, os resultados não se farão esperar, e um progressivo mudar no sistema soviético de encarar a agricultura e demais ciências afins em breve será observado. Contudo, ainda é muito cedo para prever tais mudanças. Buscando na própria história da Rússia, ainda será longe o dia (podemos dizê-lo) em que os mentores da imensa nação, alarmados, retrocedam no caminho encetado, e tomem novos rumos.

(Continua no próximo número)

A FÚRIA DOS JUSTOS

(Cont. da pág. 39)

E voltando-se para Barney, fulminando-o com um olhar de profundo desprêzo:

— Mas logo compreendi que meu colega Barney não considera Chavez como um réu em perigo de ser sentenciado de morte, já que me informou de que Barney Castle e o Partido Comunista deliberaram que Angel deveria morrer... Seria mistér fazer uso da sua morte como um símbolo para servir de pretexto e despertar maiores ódios e permitir o recolhimento de mais dinheiro. Compreendo muito bem que no meu desejo honrado de salvar Chavez, me transformei em um joguete do Partido Comunista. Eu deveria ter feito saber a verdade das coisas, transmitindo-as ao senhor Juiz e ao sr. Armstrong. Mas só vi em ambos dois inimigos em uma luta acêsa e de morte. Agora só o senhor, sr. Juiz, está em condições de agir dentro da lei e com justiça. Legalmente, tem o senhor ampla autoridade para proferir a sentença.

Em seguida David chamou a atenção do magistrado para a Lei de Ofensas Juvenis, que delibera que se o acusado é de menor idade, o juiz está no direito de sentenciá-lo a ser recolhido a uma escola industrial do Estado até que haja segurança de que êsse indivíduo não constituirá mais uma ameaça à lei e à ordem do Estado.

— Não é minha intenção, senhor Juiz, dar conselhos a um magistrado, concluiu David, embora não escape ao meu critério que faz poucos anos alguns cidadãos desta comunidade pediam a gritos o sangue dêsse jovem e houve uma ocasião também em que acreditei que o acusado estava sendo oficialmente conduzido ao cadafalso. Mas todos temos recebido proveitosas lições nestas últimas semanas. Agora estou convicto de que todos êsses cidadãos, seguindo o meu exemplo, desejam uma coisa única: que Angel Chavez seja tratado com justiça.

Um profundo silêncio reinou no tribunal. Armstrong pôs-se de pé e, calmo, dirigiu-se ao juiz:

— Eu também considerei êste julgamento como uma luta de vida ou morte. Estava certo de que Angel Chavez era culpado, senão intencionalmente, tècnicamente, pelo delito de que foi acusado. Mas agora o juri apresentou seu veredicto e de acôrdo com a lei, a sentença é de morte. Contudo, aqui o nosso colega nos ofereceu uma excelente sugestão. Falando como representante desta comunidade, opino que a melhor maneira de resolver o caso é que Angel Chavez receba uma sentença indeterminada.

O magistrado Motley não tardou a decidir. Ordenou que o acusado fôsse internado na Escola Industrial do Estado. Sua mãe, Consuelo Chavez, correu para o filho e cobriu-o de beijos e abraços, entre lágrimas.

Calorosos aplausos receberam a sentença do juiz. David viu-se cercado por uma multidão que o felicitava calorosamente. Entre essa gente, estava o portador de uma intimação para que comparecesse ante o Comité Contra Atividades Subversivas.

— Estou certo de que o sr. Battle cancelará essa intimação, disse a David, quando conseguiu dêle se aproximar. Êle é como certos pugilistas, muito cuidadoso na escolha dos seus adversários. Não creio que venha a aceitar o senhor como adversário...

David sorriu e apertou significativamente a mão de Abbe, que estava a seu lado. Ambos saíram do tribunal livres do pesadelo do tenebroso caso Angel Chavez. O jovem estava salvo.

F I M

CALÇADO Souto RIO DE JANEIRO
Máximo conforto
garantia absoluta

O general Danton Teixeira, diretor do Serviço de Remonta do Exército, entrega ao dr. F. E. de Paula Machado as taças de campeão como criador e proprietário de 1955. Ao centro, o presidente Mário de Azevedo Ribeiro, e, apreciando as taças, o dr. Adayr Eiras de Araújo, diretor comissário de corridas. À direita: Na tribuna de honra do Hipódromo, a senhora Mário de Azevedo Ribeiro em companhia de ilustres damas da nossa sociedade.

O JOCKEY CLUB ABRIU SUA TEMPORADA OFICIAL

O ministro Ernesto Dornelles e o presidente Mário de Azevedo Ribeiro trocam saudações, no almôço do Salão das Rosas.

● Com a disputa dos Grandes Prêmios «Remonta do Exército», no dia 3, e «Ministério da Agricultura», no dia 4, o Jockey Club Brasileiro inaugurou sua temporada oficial dêste ano. Foram duas reuniões turfisto-sociais brilhantíssimas; no sábado 3 foi corrido pela primeira vez o clássico em homenagem ao Serviço de Remonta do Exército, que, com o G.P. Ministério da Agricultura, constituíram justa deferência do Jockey Club Brasileiro a êsses departamentos oficiais a que está ligado no incremento da criação puro-sangue no Brasil. Ao general Danton Teixeira, diretor-geral da Remonta, foram prestados significativos brindes pelo presidente e diretores do Jockey, e ao ministro Ernesto Dornelles foi oferecido um almôço no Salão das Rosas do Hipódromo Brasileiro, ocasião em que foram trocadas efusivas saudações. Duas festas magníficas, assistidas por elevado número de elementos destacados do nosso turfe, às quais a diretoria do Jockey Club, tendo a frente seu presidente, dr. Mário de Azevedo Ribeiro, deu, como sempre, um alto cunho de finura e de beleza.

O embaixador Oswaldo Aranha bebe na taça conquistada pela potranca Cinderela, de sua criação, e de propriedade do major Kenneth McCrimon, vendo-se ao lado o representante do carreirista vitorioso, Mr. W. J. Wooley.

Um aspecto do almôço oferecido no Salão das Rosas do Hipódromo da Gávea ao ministro da Agricultura

ÁRABES versus JUDEUS

Velha questão que se agrava — "É preciso destruir Cartago" — A situação da Jordânia — Será possível um terceiro mundo?

Texto de HAROLD GREEN

ÁRABES E JUDEUS mais uma vez se preparam para uma luta até certo ponto fratricida, inúmeras vêzes anunciada e que, no último momento, graças a uma hábil manobra diplomática de um dos dois lados, consegue ser evitada. Dessa vez, contudo, a situação mais tensa em que se encontra o mundo árabe (haja vista as crises de extremado nacionalismo de que foram palco os desertos marroquinos, e de que continuam a sê-lo as terras algerianas), e o profundo descontentamento dos israelitas, que, descrentes com o auxílio ocidental, de quando em quando ameaçam voltar-se para outros rumos, indicam que, ou tôda a habilidade dos diplomatas das Nações Unidas é posta agora em ação, ou o Oriente Médio será, em breve, cenário de uma luta pavorosa, e de conseqüências imprevistas para o mundo inteiro.

◆ UMA QUESTÃO MILENAR

Entre árabes e judeus nunca existiu aquilo que se possa chamar Amizade. Ambos os povos originários do tronco semita, com afinidades de raça, lingüísticas, religiosas (o islamismo é a mistura, sàbiamente preparada e adaptada a seu povo por Mafoma, de Judaísmo e Cristianismo), possuindo quase que os mesmos problemas, não podem viver em paz, a despeito de tudo. Narra a Bíblia que Agar, escrava de Abraão, deu-lhe um filho, Ismael. Sara, mulher de Abraão, expulsou a escrava e o filho de casa, e os dois infortunados sêres foram habitar o deserto. Ismael cresceu, tornou-se um guerreiro moreno e valente, leal e sensual, e foi o primeiro dos árabes.

Essa a singela história bíblica, que já denuncia um primeiro incidente entre árabes e judeus...

◆ O ESTADO DE ISRAEL

Criado há apenas alguns anos, o Estado deu causa a inúmeras disputas entre árabes e judeus, desde o seu estabelecimento. Acreditavam-se os árabes vítimas de uma expoliação, de vez que o território sôbre o qual repousaria o novel Estado estava dentro da zona de influência árabe, embora constituindo o antiquíssimo sitio da Palestina histórica, marginando o célebre Lago Asfaltite. Na ocasião, houve diversos incidentes de fronteira, patrulhas árabes e israelitas travaram mais de um choque sangrento, emboscadas foram levadas a efeito, de lado a lado e numa delas, como devem estar lembrados os leitores, pereceu o conde Bernardotte, enviado especial das Nações Unidas ao local.

Foi, afinal, graças à intervenção das Nações Unidas, que o grave problema se resolveu: Jerusalém, contudo, foi dividida ao meio, e uma parte foi dada de presente aos árabes, outra aos judeus.

◆ ISRAEL X JORDANIA

Não podiam os Estados árabes ver com bons olhos aquela faixa de terra encravada em seus territórios — estranha, inimiga, belicosa. E — o que ainda era mais grave — tão grande foi o progresso de Israel nos poucos anos em que vem existindo, que os povos árabes, decerto temendo uma concorrência desvantajosa em tudo e por tudo para os seus poucos produtos exportáveis, passaram a controlar a perigosa vizinhança de maneira implacável.

A Transjordânia, principalmente, sentia os efeitos da vizinhança israelita. Por um hábil manobrar, conseguiu um pedaço a mais no seu território, conquistando tôda uma faixa de terra ao longo do histórico rio Jordão, e passando a denominar-se simplesmente Jordânia. Por essa manobra, Israel ficou virtualmente encravado em uma exígua e estreita zona, entre os Estados árabes — Egito, Jordânia, Líbano e Síria — e o mar.

◆ NOVOS ATRITOS

E os atritos nunca deixaram de ocorrer. Ora eram famílias árabes que eram assaltadas e massacradas pelos israelitas, ora êsses que sofriam, no próprio corpo, o pêso milenar do ódio ismaelita. Inúmeros dêsses incidentes de fronteira foram levados ao conhecimento das Nações Unidas, os últimos de tal gravidade, que impuseram a nomeação de uma Comissão de Tréguas, chefiada pelo general Burns, — o qual tem corrido constantemente do Cairo a Jerusalém, daí para Beirute ou para Damasco, tentando ainda frustar aquilo que se julga iminente: uma guerra entre árabes e judeus.

◆ PAN-ISLAMISMO

Há poucos dias, no Cairo, enquanto pelas ruas e avenidas da grandiosa capital egípcia, a população exigia a destruição de Israel, — os dirigentes do Egito, da Arábia Saudita e da Síria se reuniram em conferência secreta, para um exame detido da situação. O velho e querido rei Ibn Saud, da Arábia, e o general Nasser, do Egito, ao lado do senhor El-Kuwatly, da Síria, terminaram por oferecer ao reino da Jordânia a importância fabulosa de 33.600.000 dólares, que se destina a substituir a subvenção anual recebida da Grã-Bretanha, e que foi suspensa em virtude dos incidentes que culminaram com a destituição de Glubb Pasha. Espécie de «Lawrence da Arábia» em porte menor, Glubb Pasha nasceu na Inglaterra, há 60 anos atrás. Pertence a tipo de homem que a Inglaterra sempre gostou de lançar pelo mundo afora, desde Cecil Rhodes: meio militar, meio espião, meio político, meio britânico, adota, como o camaleão, a côr do país que escolheram para setor de operações, e conseguem prestar um bom serviço, não só a êsse país, como, principalmente, à Inglaterra. Baggott Glubb foi o sucessor legítimo de Lawrence, e, após a morte dêste, seguiu para a Jordânia, ali imiscuindo-se de tal modo na vida do então desorganizado país, que sua figura não mais pôde ser dispensada nas reuniões de chefes de tribos e de potentados.

A grande criação de Glubb Pasha foi a Legião Árabe, constituída de tropas de elite, equipadas com material ultra-moderno, e adestradas pelo sistema ocidental. Enquanto estêve à sua frente, não havia perigo de ser a Lègião Árabe enviada para a destruição de Israel; agora, porém, com o inesperado decreto do rei Hussein, demitindo-o do comando da Legião, Israel corre grave perigo. Ao mesmo tempo, encara-se a destituição de Pasha como o início da maioridade da Jordânia, e como o término da influência inglêsa no Oriente Médio.

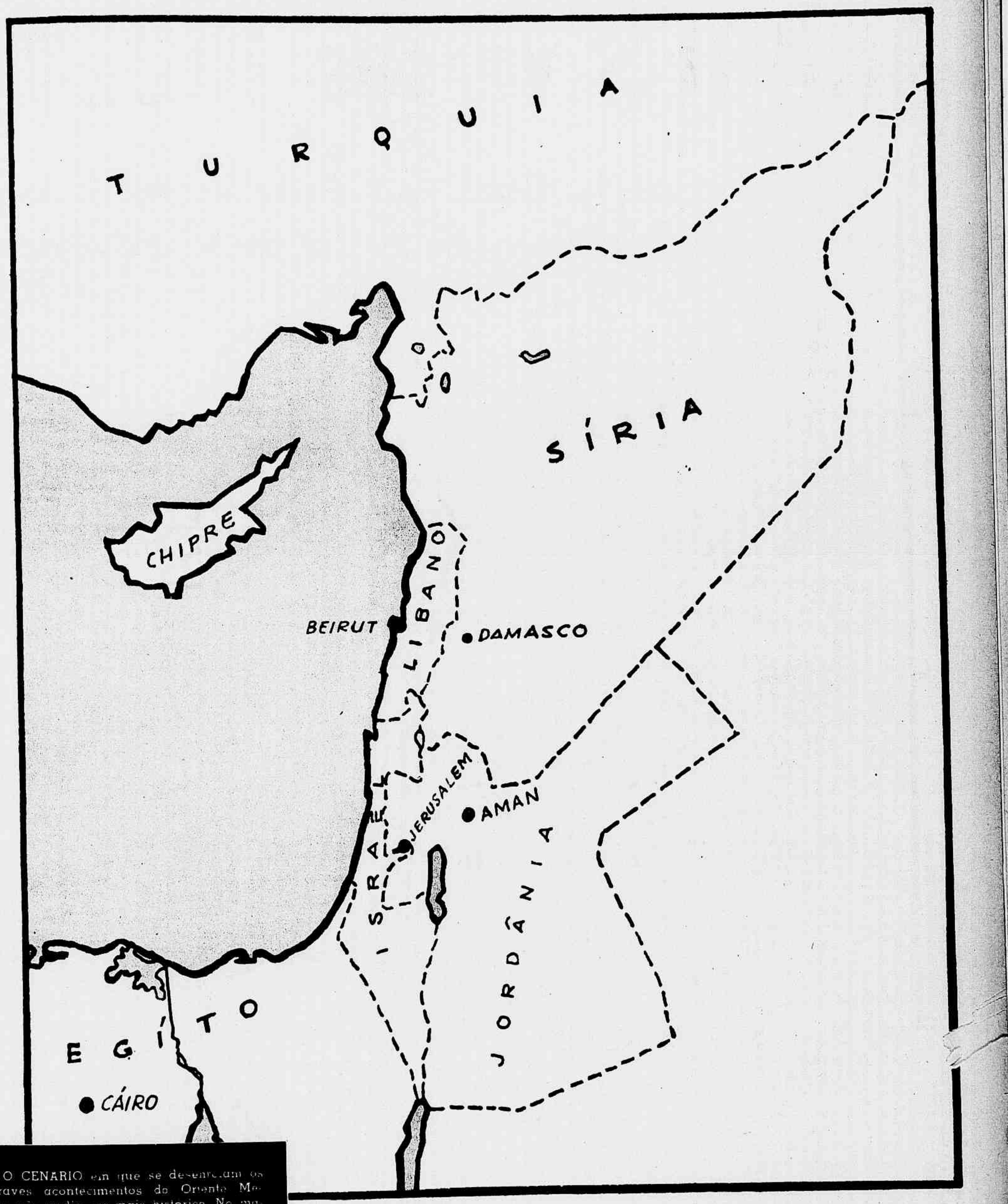
O caso é que os árabes talvez tencionem, unindo-se desde os confins da Síria aos da Arábia Saudita, sob a chefia do Egito, formar um compacto Bloco Arábico, livre de influências externas, quer do Ocidente, quer do Oriente Russo. A unidade de língua e de religião, de costumes e de passado histórico facilitam grandemente essa formação, que, se levada a bom têrmo, viria modificar grandemente a situação política mundial. Basta olhar a situação dos países árabes para se avaliar a importância estratégica dos mesmos. Principalmente o Canal de Suez, fácil meio de comunicação entre Europa e Ásia, através da África, é olhado como trunfo valioso pelos árabes. E o norte da África e o fundo do Mediterrâneo, sob a península da Anatólia, fazem um longo corredor, que, se dominado convenientemente pelos árabes, como tudo leva a supor, possibilitará o domínio de todo o oceano ao sul da Europa.

◆ A POSIÇÃO RUSSA

Não podiam estar mais felizes os soviéticos, que buscam, de todos os modos, afastar os árabes, e os judeus igualmente, da influência americana. Buscam a amizade dos árabes, porque os norte-americanos, donos de preciosas concessões de petróleo em todo o Oriente Médio, são um estôrvo aos seus próprios planos de dominação econômica da região; buscam, afinal, a amizade dos judeus, porque assim poderão subtraí-los à influência americana, ainda mais quando os primeiros indícios de petróleo já foram descobertos nos desertos israelitas...

◆ A POSIÇÃO OCIDENTAL

Incômoda é a situação dos Estados Unidos, que não desejam abandonar seus velhos amigos israelitas, e nem muito menos sacrificar seus poços de petróleo da Arábia Saudita e de todo o Oriente Médio. Também incômoda é a da França, que, a braços com o problema da Argélia («Perder a Argélia é perder a França», dizem os políticos gauleses), não desejam atiçar ainda mais os ânimos árabes, fornecendo, tal como prometera, aviões a jacto a Israel, destinados a serem usados contra um possível ataque egípcio. Quanto à Inglaterra, pràticamente expulsa na pessoa de Glubb Pasha, vê a situação no Oriente Médio terrìvelmente difícil, ainda mais quando a ilha de Chipre em pêso — seu último reduto na região — clama pela evacuação das tropas britânicas.



O CENARIO em que se desenrolam os graves acontecimentos do Oriente Médio não podia ser mais historico. No mapa podem ser vistos: ao alto, a Turquia aparentemente distante da crise; a Siria e Libano, a Jordânia e a Arabia em baixo, e Egito. Israel é a faixa irregular de terra limitada pelos paises árabes e pelo mar. Aparece igualmente a ilha de Chipre, que se levantou contra o dominio inglês. Haverá uma guerra no Oriente Médio? Com a palavra a Organização das Nações Unidas. Observe-se como o território da Jordânia avança pelo de Israel a dentro, como um pôsto avançado de grande importância em caso de guerra.

◆ EM CASO DE GUERRA

O pretexto para o início da guerra talvez seja o reinício da irrigação do vale do Jordão. Os árabes, nos últimos tempos, vêm prometendo às famílias islamitas que abandonam constantemente Israel, premidas pelas autoridades judaicas, que «em breve elas voltarão, em liberdade, para as suas terras». Por outro lado, sabendo que mais cedo ou mais tarde há de ser atacado, o Estado de Israel talvez tome a iniciativo das ações, sabendo que a melhor das defesas ainda é o ataque. O «premier» Ben Gurion, de Israel, afirmou há pouco que, em caso de um ataque aéreo egípcio, pouquíssimos aviões israelitas poderiam oferecer combate aos poderosos caças a jacto e bombardeiros de Nasser. A situação de Israel é crítica, e se a diplomacia não resolver a tempo a pendência, a guerra no Oriente Médio, com graves conseqüências para o mundo inteiro — com exceção do mundo russo, que assistirá, cômodamente, de camarote, àquele espetáculo de gala em que seus inimigos desbaratam fôrças e capitais...

ÚLTIMO FLASH

◆ HAVIA, em algum ponto do Brasil, um indivíduo — o Juca — alegre, folgazão, irreverente e furão. Um dia, por qualquer coisa buliu com o fígado de Cesário — que era «do contra», taciturno, enjoado. E, no próximo encontro, munido de uma virola, sem mais conversa, Cesário deu uma tacada em Juca. Êste, se fazendo desentendido, respondeu rindo:

— Deixa de brincadeira...

— Outra tacada...

— Que é isso, Cesário? Que brincadeira esquisita...

E deu de ombros.

À terceira pancada, Juca cambaleou:

— Será que estás me batendo?

E quando pensou em reagir, já bambo, recebeu o quarto impacto, que o prostou no chão. Era tarde!

Assim aconteceu ao senhor Ademar de Barros. Acusado, há tempos, e reiteradamente, em têrmos os mais graves, se fêz de Juca. Levou na brincadeira:

— Sou um gerente... E' isso mesmo...

E veio a bordoada fatal.

O flagrante foi tomado em uma «boite» em Assunção para onde o sr. Ademar de Barros se dirigiu após a recente decisão do Tribunal de São Paulo.

Agindo como vem, o político bandeirante tem nas suas atitudes o seu maior inimigo.

REPRESENTANTES

Na África Oriental Portuguêsa: D. Spanos, Cx. Postal 434, Lourenço Marques. Em Portugal: Helena A. Lima, avenida Fontes Pereira de Melo, 34, 2º distrito, Lisboa. No Uruguai: Moratório & Cia., Constituyente, 1746, Montevidéu. Na Argentina: Interprensa, Florida 299, telefone 32, Av. 9509, Buenos Aires. Tem agentes em tôdas as localidades do território nacional.

EM SAO PAULO

DISTRIBUICAO:

AGÊNCIA POLANO

Rua João Bricola, 46

REVISTA DA SEMANA

Ano 56 — Nº 12 — Rio de Janeiro — 24-3-56

Propriedade da
Companhia Editôra Americana

Diretor-Presidente.....**Gratuliano Brito**
Diretor-Comercial.....**Ivan Guimarães**
Diretor-Gerente.....**Wenceslau Quintais**
Diretor de Publicidade.....**J. M. Costa Júnior**
Redatores e corretores.....**S. L. Guimarães A. Mendes, S. Sant'Anna e A. Nóbrega**

ENDEREÇO E TELEFONES

Rua Visconde de Maranguape, 15

Redação: 22-4447 — Publicidade: 22-3570 — Portaria: 22-3602 — Gerência: 22-8647 — Contabilidade: 22-2550

ASSINATURAS PARA O BRASIL E AMÉRICAS

Porte simples — Um ano	Cr$ 350,00
Seis meses	Cr$ 175,00
Registrada — Um ano	Cr$ 380,00
Seis meses	Cr$ 190,00

ASSINATURAS PARA O EXTERIOR

Registrada — Um ano	Cr$ 500,00
Seis meses	Cr$ 250,00

O número avulso custa Cr$ 7,00 em todo o Brasil; atrasado, Cr$ 8,00.

Tôda correspondência deve ser endereçada ao Diretor. O corpo de colaboradores da REVISTA DA SEMANA está organizado. Só publicaremos colaboração solicitada pela redação. Não devolvemos originais, mesmo quando não publicados. Os trabalhos assinados são de responsabilidade dos autores.

A FIGURA EM FOCO

F. O.

É diplomata e é "Bonn".
Mas, pra findar a carreira,
É nosso real desejo
Represente a Pátria inteira.

Novela de MATILDE SERAO

Ilustração de RAMÓN

UMA INTERVENÇÃO

(CAPITULO II)

O S negócios o obrigam a ir a Nápoles, e êle fará uma pequena viagem extra a fim de ver...

— Sua filha...

— E seu filho...

— E então?

— Então, eis-nos em um formoso labirinto, respondeu Ema, colocando seus pés sôbre um tamborete de veludo.

— Você chama a isso um formoso labirinto!

— Odeio empregar palavras solenes. Contudo, é preciso encontrar com urgência uma saída.

— Com a qual não atino.

— E diz que é um político, um homem de espírito? De que lhe serve, então, o ter aprendido a arte dos subterfúgios engenhosos, das transações amáveis, das frases leais e de duplo sentido?...

— Se a senhora prossegue com essas coisas, não procurarei sequer o meio de fugir a tal situação.

— Ora, conheço-o **muito bem!**

— Duvido muito.

— Obrigado. Mas o caso é êsse: não quero, nem por sonhos, que meu pai venha a saber a verdade...

— A triste verdade?

— Que adjetivo inútil!... Meu pai sofreria muitíssimo, e eu sentiria remorsos por lhe haver provocado tais preocupações: as cabeçadas das crianças não devem ser choradas pelos seus pais. Até ao presente, graças aos nossos esforços, meus e seus, graças à distância, graças à sua profunda ignorância de tudo quanto se passa na alta sociedade de Milão, essa dor foi poupada a meu pai. Se todo êsse engenhoso edifício de mentiras vier a tombar, contudo, só Deus sabe quais haveriam de ser as conseqüências. E', pois, absolutamente necessário impedir essa catástrofe, e não conto senão com você para auxiliar-me nessa obra de caridade. E' preciso que meu pai nos ache amanhã unidos, tal como nos deixou; é preciso que nenhum gesto, nenhuma palavra, nada, possa revelar-lhe o atual estado de ânimos entre nós. Êsse é o seu dever, é o nosso dever.

Tudo isso foi dito em voz grave e séria, e mais sèriamente ainda escutado por Guy. O rapaz refletia. Ema impacientou-se:

— E' uma comédia, como está vendo. Uma comédia de boas intenções, que não há de lhe custar muito...

— Estou pronto, por mim. Mas, não teme que algum equívoco venha a suceder?

— Qual?

— Os criados...

— Você despedirá hoje mesmo o novo criado que hoje me recebeu. De José, eu mesma me encarregarei.

— Muito bem. E se aparecer algum desconhecido?

— Não o deixaremos entrar, por um dia sòmente.

— Suponho que iremos à estação ferroviária, encontrar seu pai, e trazê-lo de novo para aqui. Que hão de dizer os conhecidos que nos encontrarem juntos de novo?

— Ninguém há de ver-nos. Iremos ràpidamente, e em carro fechado.

— Seu pai passará aqui apenas um dia. Mas, por mais ingênuo que seja, acredita você que não descubra que êsse é um apartamento de rapaz solteiro?

— Não. Hoje mesmo transportarei para cá minha escrivaninha, meus livros e meu piano. Essa será a «mise-en-scène»...

— No entanto...

— Talvez tenha havido alguma mudança no quarto de dormir?

— Absolutamente. Seu quarto está tal e qual o deixou.

— Você banca o sentimental.

— Engana-se: é apenas respeito.

— Obrigada. Tem objeções a fazer?

— Nenhuma. Resta saber se poderemos enganar o bom do senhor Giorganni...

— Claro que sim! Seremos muito afetuosos um para o outro. E, para tal, bastar-nos-á a lembrança das ridículas tolices que fizemos no nosso primeiro ano de casados...

Olharam-se face a face, como dois duelistas inexperientes que se estudam, antes de começar o **combate.**

— Serei acaso alguma egoísta, que deseje sequestrá-lo durante um dia inteiro? Por acaso não terá outras coisas a fazer amanhã?

— Não, absolutamente; mas mesmo que tivesse, acredite-me, desfaria tudo para servi-la.

— Mais uma vez, obrigada. Essa noite, porém, não tenho necessidade de sua presença. Pode, pois, fazer tudo o que desejar.

— Como assim?

— E' claro. Eu ficarei aqui. Tenho muitas coisas a fazer, como já expliquei. Minha mobília chegará a qualquer momento, e eu me ocuparei em arrumá-la, ou melhor, dispô-la, do modo mais apto a provar que sempre habitei aqui Contudo, não quero aborrecê-lo demasiado; vá-se embora, e só volte quando desejar: até amanhã, por volta das dez da manhã, é um homem totalmente independente...

— Bem, eu tinha um baile para ir... No entanto, se desejar que eu fique...

— Para que? Seríamos obrigados a conversar, e tôdas as palavras entre nós já foram pronunciadas.

— Tem razão. Peço então permissão para ir aprontar-me.

Ema inclinou-se, e Guy saiu, como um homem livre de tôdas as preocupações, e com o espírito leve; por dentro, contudo, sentia-se algo perturbado. Com efeito, a aventurá que lhe estavô acontecendo era singular, e tão preocupado com a sua conclusão se encontrava, que durante todo o transcorrer do baile, não conseguiu pensar em outra coisa. A baronesa Estefânia lançou-lhe alguns olhares fulminantes, que êle teve a imperdoável falta de não perceber, e, no fim, aproveitando-se de uma quadrilha monstro, que ocupava tôda a sala, êle partiu, sem despedir-se de ninguém.

Em casa novamente, encontrou-se em um apartamento inteiramente transformado, novo em fôlha: o grande salão tinha sido arejado, depois de, durante anos, ter ficado fechado; nos quartos de dormir, tôdas as luzes estavam acesas, os armários abertos, sentia-se pelo ambiente inteiro um fino aroma de violetas; a um canto, o piano deixava entrever as teclas muito brancas, de marfim, enquanto partituras musicais se esparramavam sôbre uma pequena mesa. Flores frescas, postas em vasos de todos os

feitios e tamanhos, emprestavam aos aposentos um encanto que antes não tinham; os móveis tinham sido mudados de lugar; e, no meio de tôda essa transformação, Ema, em elegante quimono, sôbre a ponta dos pés, ocupava-se em pendurar à parede um quadro antigo, ou então, de colocar no seu respectivo lugar, à prateleira, um delicado «bibelot».

Seria acaso um sonho? Ema, em sua casa, a esperá-lo, quer dizer: três anos de ausência anulados, esquecido o dia da dolorosa separação... que loucura!

— Boa noite, saudou Guy, ao passar.

— Boa noite, retrucou Ema, sem se virar.

.....

Devo confessar que, a despeito da bizarria da situação, a despeito da espera algo ansiosa da manhã, a despeito mesmo de tôdas as recordações do passado, não houve, naquela casa, durante a noite que se seguiu, nem insônia, nem travesseiros banhados de lágrimas. Ema se persuadira de que a comédia que já se começara a representar em nada haveria de mudar o seu destino; por seu lado, Guy estava convicto, igualmente, de sua irredutibilidade: conheciam-se, em suma, maravilhosamente um ao outro, e sabiam, destarte, que nada mais haveria no mundo capaz de reuni-los novamente. Ema, ao encerrar-se em seu quarto, o mesmo quarto onde habitara tanto tempo, era como se se encontrasse em qualquer quarto de hotel; quanto a Guy, no seu leito, ainda leu duas ou três páginas de Herbert Spencer, e muito embora eu não queira de modo algum caluniar êsse, ou qualquer outro filósofo, terminou por dormir profundamente.

Era então verdade: nada mais os poderia reunir! Para se casarem, haviam cometido mil loucuras: Guy seguira Ema de Florença a Nápoles, passara noites sob sua janela, enquanto que a moça todos os dias lhe escrevia uma carta de oito páginas, e passava também à janela o resto da noite. O pai da jovem terminara por dar seu consentimento, igual a todos os pais do mundo. No fundo, Guy era um bom rapaz, e se hesitara tanto em dar-lhe a filha por espôsa, é que repugnava-lhe o separar-se dela, filha única. Contudo, temendo vê-la doente, dera o consentimento. Casaram-se, e foram felizes por três anos. Já não digo que entre ambos não tivesse acontecido pequenas rusgas, sobretudo por parte de Ema, que era por demais ciúmenta. Tinha, com efeito, uma personalidade por demais marcante, era orgulhosa e altaneira; não sabia amar, ou odiar, senão de corpo e alma. Em troca, Guy lhe opunha a indiferença irônica, o sorriso de escárneo dos espíritos médios ou ordinários.

Um dia, não se sabe como, Guy encontrou, por acaso, uma antiga conquista; viram-se, alguns bilhetes foram trocados entre ambos, um encontro terminou por ser marcado. Guy compareceu mais por fraqueza do que por vontade; no fundo, temia tornar-se ridículo. E como Ema veio a saber de tudo? Por alguma amiga mais zelosa, por uma criada imprudente, por um bilhete extraviado? O certo é que deve ter sido por meio de uma prova segura, de vez que todo o ardente amor que devotava ao marido em profundo desdém foi transformado. Por nada nesse mundo desejou perdoá-lo, sentindo-se ferida de morte em seu orgulho e em seu amor femininos. Esperou um dia a chegada do culpado em casa, e com firmeza admirável, sem que nem por um momento sua voz se embargasse de emoção, anunciou-lhe que iriam separar-se, sem barulho, sem cenas. Guy permaneceu mudo, tal foi sua surprêsa. Depois, tentou esboçar uma defesa, sorrir, agradar, amaciar um pouco sua própria falta. Ema, porém, retrucou-lhe por meio de palavras tão orgulhosas, tão severas, que êle foi obrigado a calar-se. Parecia ridículo prosseguir na defesa, e, portanto, Guy aceitou as condições que lhe eram impostas, e deixou-a partir, julgando-a uma mulher orgulhosa, e sem entranhas. Procurou distrair-se, atirando-se com veemência à política, aos negócios, nas distrações amorosas; improvisou-se um ar decidido, arrogante e cético. No entanto, quando, sòzinho, em companhia apenas de sua consciência, meditava no que acontecera, sentia que sua vida se partira irremediàvelmente.

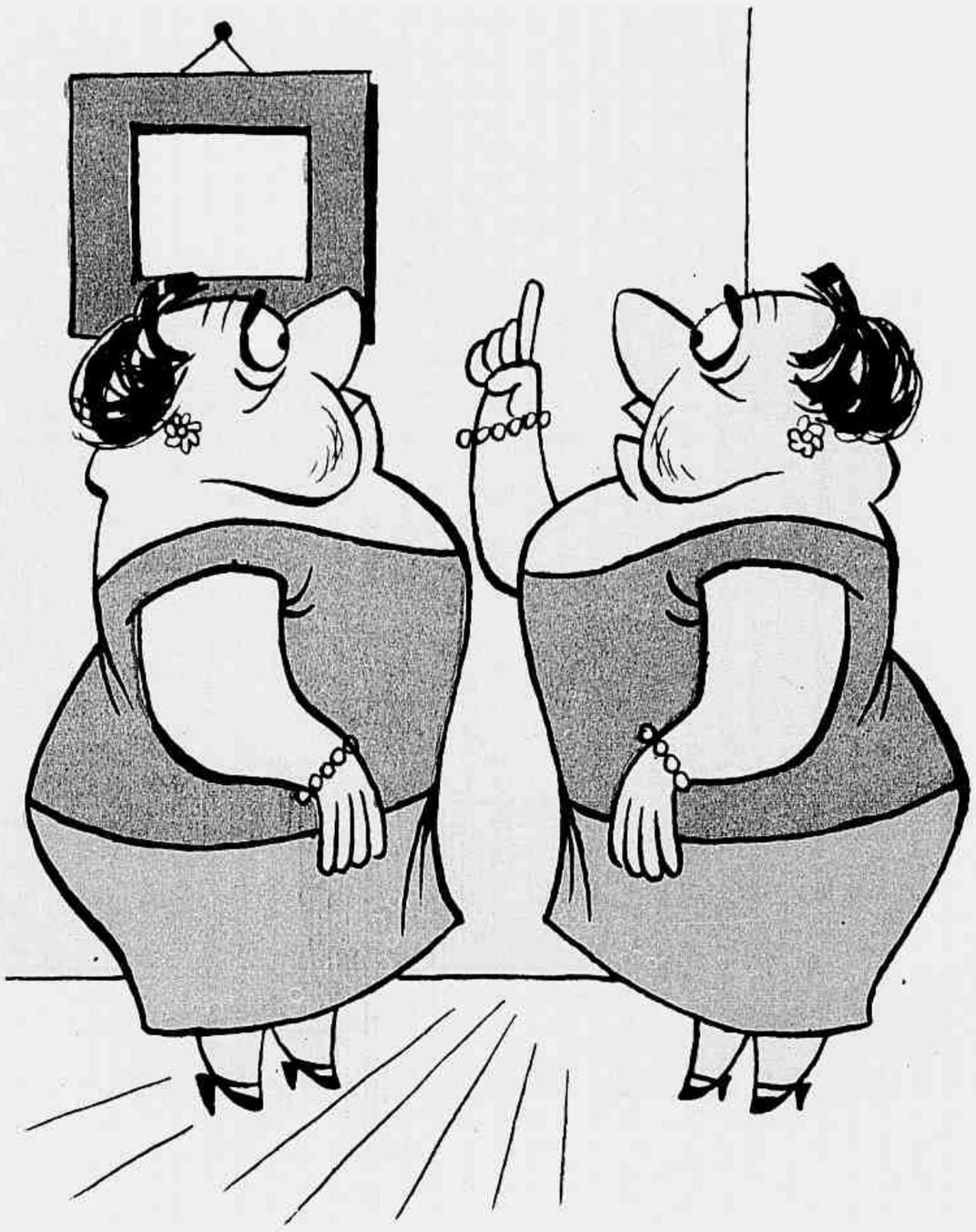
(Continua no próximo número)

FORTUNA (primeiro e único) APRESENTA

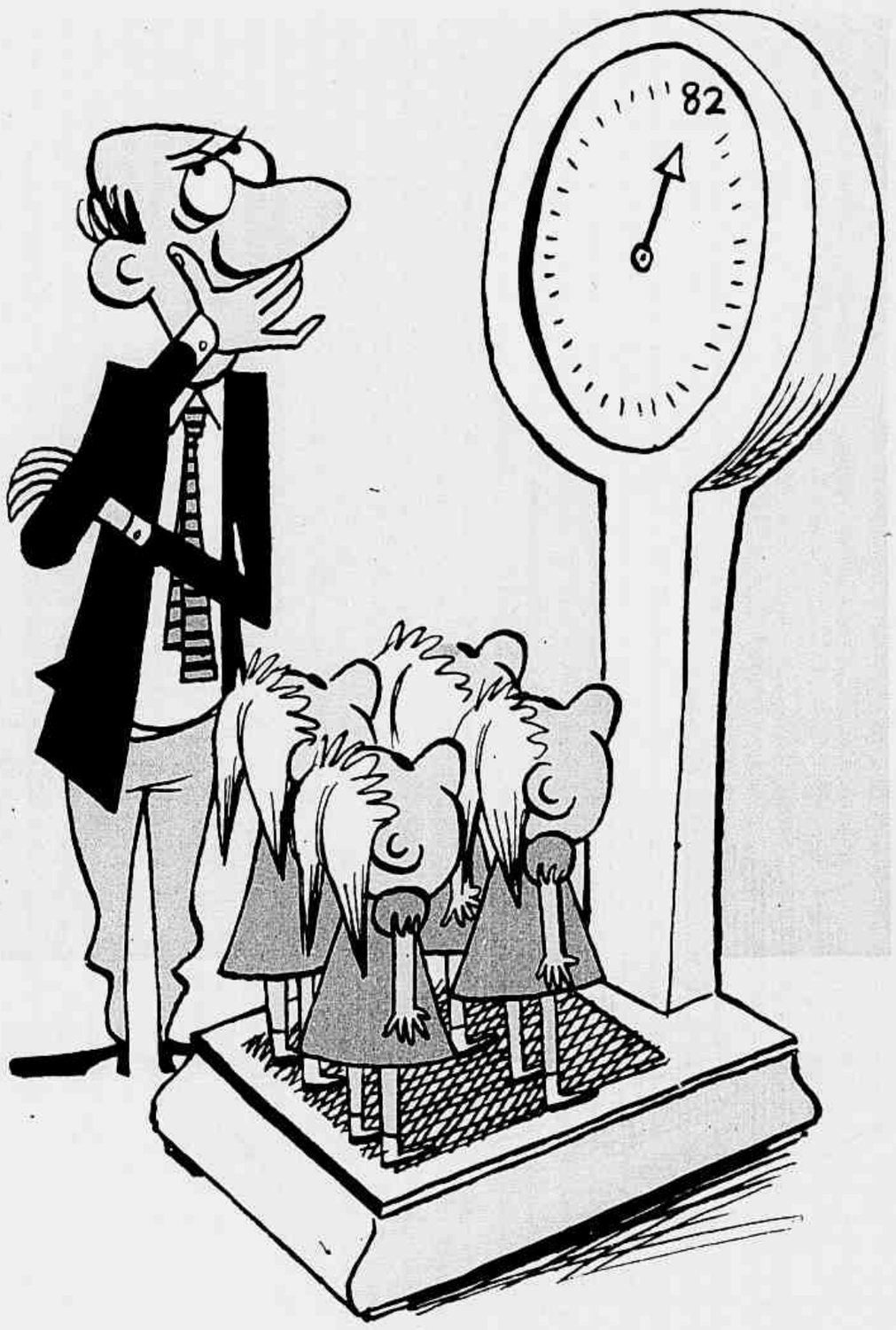
NASCEM GGÊÊMMEEOOSS

— Não convém dar a notícia de uma vez. Use psicologia. Chegue com um sorriso e diga: "Tudo bem!" Aí êle pergunta: "Homem ou mulher?" Responda: "Gêmeos." Êle exclamará "um casal?" Você diz: "Não, três." Quando êle perguntar: "Três filhos?", então você pode dizer tudo: "Não, três casais!"

— Como é que sai mais barato: um retrato só dos seis, ou de um só e seis cópias?



— Quando você saiu, ouvi a vizinhança dizendo: Olha como está gorda!" Acho que devo fazer regime.



— . . . divido por quatro . . .

— Para mim, querida, como você não há terceira.

ILUSTRAÇÃO INÉDITA PARA UMA FRASE FEITA

"— Tem um a cara do outro. São gêmeos?"

Dormir BEM

É MUITA COISA

COLCHÃO DE MOLAS

Sêlo DE OURO

PRAÇA ONZE DE JUNHO, 282 — Tel. 43-17..

RUA LUCÍDIO LAGO, 96-B (Meier)